Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 5 · /19 100 4$00

SEGUNDA-FEIRA 12 JULHO 1976

História das minas de S. Pedro da Cova do fascismo às comissões de moradores

S. Pedro da Cova (Gondomar) é uma página negra na história dos trabalhadores portugueses: repressão, fome e silicose ao longo de muitas gerações. Há cerca de um ano a população e quinze comissões de moradores, unidas no Centro Revolucionário Mineiro, iniciaram, sem influências de carácter partidário, um trabalho notável que já deu passos decisivos na resolução de problemas concretos da freguesia nos campos da saúde, do ensino e da habitação. A nossa reportagem evoca ainda as greves e lutas do passado e o ambiente de opressão criados por «pides» e «legionários» em torno das minas, encerradas em 1970.

(Centrais)

Conselheiros da Revolução jantam com Costa Gomes

Prevê-se que seja bastante curta a reunião de hoje do Conselho da Revolução, a que o general Costa Gomes presidirá pela última vez. A agenda, informou-nos uma fonte próxima, inclui apenas «assuntos de rotina».

Finda a reunião, os conselheiros oferecem um jantar ao general durante o qual lhe será entregue uma lembrança.

Entretanto não se confirma a notícia publicada por um matutino acerca da eventual eleição do general Silva Cardoso para vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas. Também não tem fundamento uma outra notícia segundo a qual Costa Gomes não seria promovido a marechal. Esta promoção é uma hipótese aventada para o futuro de Costa Gomes e ainda não foi discutida, ou seja nem oficialmente aceite nem posta de parte.

Quanto ao relatório do 25 de Novembro, que certos órgãos de Informação dizem ter sido alterado, fontes militares informam-nos de que não sofreu qualquer alteração, e os problemas do 11 de Março e do 25 de Novembro seguem os seus trâmites normais.

20 PÁGINAS

O GRITO REPETE-SE POR TODA A ESPANHA

"SUÁREZ ESCUCHA, EL PUEBLO ESTÁ EN LUCHA!"

MADRID, 12 — (Especial para o «DL», por Rafael J. Claudín) — «Suárez escucha, el pueblo está en lucha!». Esta palavra de ordem, junta com as de «amnistia» e «liberdade», marcou a Semana de Amnistia que ontem terminou.

A mobilização de um milhão de espanhóis, esperada nos diversos actos que preencheram a semana, parece ter sido superada.

O facto de algumas das manifestações convocadas terem sido autorizadas e terem-se desenrolado sem nenhuma espécie de violência e sem que se possam assinalar acidentes é um índice do grau de organizaçao que apresentam os partidos políticos e as forças progressistas espanholas.

A repressão de que foram objecto as manifestações não autorizadas atingiu um nível de violência desconhecido até agora. A mulher morta em Santurce, um número não determinado de feridos e as centenas de detenções efectuadas foram-no em virtude da cegueira governamental, que não compreendeu que as palavras de ordem «amnistia» e «liberdade» deixaram de ser uma reivindicação política de minorias para passarem a ser uma necessidade sentida em todo o Estado espanhol.

Há que explicar que a palavra «amnistia» se não refere somente aos presos políticos, mas também aos milhares de operários espanhóis que, ao largo destes quarenta anos, foram perseguidos, despedidos ou sofreram represálias por defenderem os seus interesses de classe.

Durante a semana vai ser conhecida a declaração política do novo Governo. À oligarquia espanhola não resta grande margem de manobra e Juan Carlos, que parece ter-se dado conta do facto, pediu ao Governo que escutasse o sentir popular antes de a fazer. se a credibilidade do Governo já era baixíssima, a da Monarquia está alcançando os mesmos níveis de descrédito.

AS ELEIÇÕES NOS E.U.A.

Convenção reúne-se para lançar Jimmy Carter como candidato

NOVA IORQUE, 12 — (R.) — Ao som atroador do repicar de sinos, toque de cornetins e do rufar de tambores, a convenção do Partido Democrático é hoje inaugurada em Nova Iorque, pronta para lançar Jimmy Carter como o seu candidato à Presidência.

O concerto, organizado por delegados democráticos do Estado, que se apresentarão requintadamente vestidos, e que está incluído no «maior espectáculo político da Terra», anunciará uma convenção que começa à meia-noite e que dirigentes do partido afirmam que será a mais harmoniosa dos últimos anos.

Com Carter dispondo já de quase 200 votos de delegados mais do que os 1505 que precisa para conseguir a nomeação presidencial, a única questão em dúvida é a de saber-se quem ele escolherá como seu candidato à vice-presidência.

O antigo governador da Georgia, de 51 anos, afirmou ontem que reduzira a sua escolha para sete candidatos e que entrevistaria ainda hoje os últimos dois, os senadores Frank Church, do Idaho, que conduziu durante um ano a investigação acerca das actividades da C. I. A., e Adlai Stevenson, do Illinois, cujo pai foi o candidato presidencial democrático derrotado em 1952 e 1956.

Os senadores Stevenson e Church pertencem ambos à ala liberal do partido. O primeiro é pouco conhecido do público em geral, mas conta com o apoio influente do «mayor» de Chicago, Richard Daley.

O senador Church não tem feito qualquer tentativa para esconder o desejo de conseguir a nomeação para a vice-presidência.

Carter encontrou-se ontem com o congressista Peter Radino Junior, um político veterano

Continua na pág. 20

Jimmy Carter, praticamente certo como candidato do Partido Democrático

Incêndio junto à base da N.A.T.O.

EM TRIBUNAL O AUTOR DO FOGO POSTO

PORTO, 12 — Guardado por grande contingente militar foi, esta manhã, presente no Tribunal da Comarca de Ovar o indivíduo que se presume seja o autor do crime de fogo posto que deflagrou, em três frentes, na passada sexta-feira, na mata da Maceda (Cortegaça) que circunda a Base Aérea da N. A. T. O. Trata-se de Manuel Jesus da Silva, de 24 anos, metalúrgico, presentemente desempregado, residente na Areosa (Porto) na Rua Afonso Henriques, 747. A sua prisão verificou-se depois de o comandante da base ter ordenado uma aturada busca no local. Assim, as patrulhas da base cercaram-na enquanto um helicóptero sobrevoava a área. O indivíduo encontrava-se escondido atrás de umas árvores e tinha na mão uma caixa com fósforos.

Segundo nos informaram o Manuel da Silva terá confessado o crime de fogo posto. Contudo, existem contradições nas suas declarações já que teria afirmado ser aliciado por elementos afectos ao centro de trabalho do P. C. P. da Areosa que lhe prometeram 500$00 para incendiar a mata, adiantan-

Continua na pág. 20

Nacional

Política de A a Z

UM «CAPITÃO» PROLETÁRIO

Em entrevista concedida a um vespertino de Lisboa, o capitão João Pedro Tomás Rosa, recusa a condição de «burguês», o rótulo de «reaccionário», e confessa-se: tem vivido sempre com dificuldades, é casado, pai de cinco filhos, como «capitão» é um «proletário» e pelo espírito «cem por cento revolucionário». Não tínhamos tido ocasião de ler do ministro do Trabalho declarações significantes depois de uma extensa entrevista a um semanário da qual ressaltava, entre outro fogo-de-artifício político, uma veemente paixão pelo almirante Pinheiro de Azevedo. Estas declarações mais recentes pelo estilo, e pela indisciplina mental, das anteriores não destoam. Contudo o que diz — e o que desdiz — a respeito da Intersindical que «deve merecer muito respeito, porque ajudou a levar a Revolução por diante» (sic), e que, o senhor ministro do Trabalho não gostará de ver «extinta através de uma acção em tribunal, embora isso seja legal Prefiro a via do Congresso democrático» (sic), excede largamente e com acentuado picante a liberdade de expressão a um ministro (do Trabalho) consentida.

GOVERNO DE SALVAÇÃO E GOVERNO MINORITÁRIO

Para o dr. Francisco Sá Carneiro, secretário-geral do P. P. D., anda errado o dr. Mário Soares quando pretende vender à Assembleia da República e ao Povo, gato por lebre, ou seja: um «governo minoritário» como sendo um «governo de salvação nacional». E Sá Carneiro, da sua cátedra, prelecionou assim para o aluno Mário Soares e para o País: «Um Governo de Salvação Nacional nunca pode ser um Governo minoritário. Um Governo que apresenta a todo o povo um projecto de reconstrução do País, que empenha todos os portugueses, como quer o sr. Presidente da República, e isso parece-me necessário. Tem que ser um governo com uma larguíssima base de apoio, um apoio parlamentar maioritário e esse projecto de reconstrução do País, um projecto nacional, que mobilize todos os portugueses, parece-me totalmente incompatível com a ideia de formação de um Governo minoritário.»

Embora o secretário-geral do P. P. D. tivesse anunciado, na mesma ocasião, que a posição do partido viria a ser decidida «em face da equipa de Governo, em face do programa de Governo», e que não seria de oposição sistemática, logo corrigiu o alcance do tiro, precisando categoricamente: «Agora, o que é certo, neste momento para mim, é que um tal Governo, exclusivamente do P. S., nunca poderá empenhar os portugueses num projecto de reconstrução nacional, e creio que a situação, já de si complicada, se agravou nos últimos tempos, com as dificuldades económicas e financeiras, e se agravam também, com o próprio resultado das eleições presidenciais, dado o avanço da esquerda e do próprio P. C. em conjunto, dada a divisão de votos por parte do P. S.»

Somando os votos de Otelo aos de Octávio Pato, Francisco Sá Carneiro reforça a sua argumentação e refere-se a um «avanço da esquerda» que, na hipótese de um entendimento P. P. D.-C. D. S., deixará muito reduzido o grupo de manobra do P. S. Sá Carneiro sabe que o P. C. P. mantém a sua representação parlamentar, mas não esquece que o P. C. P. a não poderá utilizar para um apoio ao Governo, minoritário e homogéneo do P. S. sem uma cobertura de «esquerda». A «votação Otelo» pesará na autonomia de acção parlamentar do P. C. P. O P. S. não poderá contar com votos benévolos, gratuitos, quer «da esquerda», quer «da direita».

As «eleições presidenciais» vieram complicar ainda mais a situação. Neste ponto é evidente a razão de Sá Carneiro. E como ele sabe que o P. S. não poderá aliar-se ao C. D. S. nas costas do P. P. D., espera o fracasso do «Governo minoritário» sorrindo já aos «militares independentes» que serão a charneira do «Governo de salvação nacional». Tripartidário? Talvez não. O P. S., tal como o P. C. P., não tem a «margem esquerda» livre para manobrar.

Um documento do P. P. D., publicado há dias, reafirmava o propósito de que o partido de Sá Carneiro não estava «interessado em impor a sua participação num Governo», mas afirmava que não podia deixar de chamar a atenção, em relação ao Governo minoritário socialista, que «a sua inviabilidade é cada vez mais manifesta e põe, portanto, em risco a democracia».

A «manobra envolvente» é clara. Francisco Sá Carneiro não está só. Resta saber se aqueles que o escutam, civis e militares, saberão como ele esperar e insistir, insistir e esperar.

O C.D.S. TOMA POSIÇÃO

Aguardando os contactos com Mário Soares para definir uma posição oficial, o C. D. S. pela voz do seu vice-presidente eng.º Amaro da Costa, declarou aos órgãos de Informação: «Faremos apoio selectivo e oposição colaborante.» Instado pelos jornalistas, o eng.º Amaro da Costa esclareceu que tal posição resultava logicamente da circunstância do C. D. S. fazer parte da «maioria presidencial». Portanto, considerando-se parte integrante da «maioria eleitoral» do Presidente da República, o C. D. S. não considera a possibilidade, **a priori**, de conduzir uma «oposição sistemática».

Entretanto, e a vários níveis, o C. D. S. diligencia a criação de condições para disputar as eleições para as autarquias locais. Além de pretender eliminar concorrentes, locais ou regionais, à sua direita, tenta estabelecer combinações, tão extensas e perduráveis quanto possível, com o P. P. D. Esta iniciativa poderá, de resto, ter objectivos mais ambiciosos. Para lá das «eleições administrativas», um pacto P. P. D.-C. D. S. poderá corrigir, no interesse da «direita», a correlação de forças parlamentar pondo em sério perigo a gestão socialista homogénea e minoritária.

Eanes prestará juramento às 18 horas de quarta-feira

Está já programada a cerimónia da tomada de posse do general Ramalho Eanes no cargo de Presidente da República.

O acto terá lugar cerca das 18 horas, na sala de sessões da Assembleia da República, onde o novo Presidente fará o juramento constitucional, sendo em seguida disparadas 21 salvas e hasteado o pavilhão presidencial no mastro de honra da Assembleia.

Entretanto a sua chegada a S. Bento está prevista para as 17 e 50, vindo de Belén, num cortejo automóvel que integrará forcas de cavalaria da G. N. R. Uma delegação de deputados chefiada pelo presidente da Assembleia receberá o general Ramalho Eanes à entrada do Palácio, seguindo-se depois para a sala de sessões com passagem pelo Salão Nobre.

Costa Gomes chegará um pouco antes de Eanes, e será, também, recebido pelo presidente da Assembleia da República.

CDS E PPD CONVOCAM MANIFESTAÇÃO

Entretanto o P. P. D. e o C. D. S. decidiram convocar os seus militantes e simpatizantes para comparecerem na quarta-feira em S. Bento, à hora da tomada de posse de Eanes.

O P. P. D. considerando tratar-se «de uma festa de todo o povo português, pede aos seus militantes que não empunhem quaisquer símbolos partidários, mas apenas a bandeira nacional». O C. D. S. pede aos seus votantes que compareçam «na qualidade de elementos da maioria presidencial, sem símbolos partidários, para saudarem o Presidente Ramalho Eanes no momento histórico da sua posse».

MERENDA BEIRÃ

O novo Presidente foi ontem homenageado na Quinta das Conchas, ao Lumiar, por uma multidão de beirões numa «merenda» de saudação conterrânea eleito para Belém. A merenda foi animada por ranchos «zés pereiras» de Souto da Casa. Presentes além de Eanes e sua esposa, alguns membros da Comissão de Apoio à sua candidatura, nomeadamente Armando Cortez e António Paulouro.

O dirigente sindical Joaquim Costa usou da palavra e pediu apoio para o novo Presidente, «porque ele defenderá a Constituição e a construção da democracia a caminho de uma sociedade socialista». Eanes não pôde responder à saudação, muito aplaudido, porque entretanto se avariou a aparelhagem de som, tendo no entanto agradecido a festa e a presença de todos.

TELEGRAMA DE SAMORA

Num telegrama de felicitações dirigido a Eanes pelo início do seu mandato presidencial, o presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, transmite-lhe «felicitações, votos de sucesso na sua tarefa e no desenvolvimento das relações de amizade entre os nossos dois povos».

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

P.P.D. prepara alteração de estatutos

O Partido Popular Democrático está a preparar a alteração dos seus estatutos. Esta alteração tem em vista o próximo congresso, e é nesse sentido que uma proposta vai ser enviada esta semana às bases por todo o país, para conhecimento e debate do seu conteúdos. As bases terão um mês para apresentarem contrapropostas através das respectivas comis-

Estas informações constam dum comunicado emitido pelo gabinete de relações públicas do PPD, recentemente e a propósito de imprecisões em notícias dadas por alguns órgãos da informação a propósito do seu próximo congresso.

O congresso do PPD deve realizar-se no próximo mês de Setembro. Os dias da sua realização devem ser definitivamente fixados dentro em breve. Além das alterações estatuárias, prepara-se igualmente a reestruturação do partido. Ainda num comunicado recentemente difundido, o PPD nega que esteja previsto qualquer ponto sobre o assunto na agenda. Observadores, no entanto, consideram essa reestruturação inevitável, até enquanto decorrente das alterações estatuárias que estão a preparar-se.

CERESD ACTIVO

Iniciativa do CERESD. Centro de Estudos, e Reflexão Social-Democrata, vai realizar-se nos próximos dias 24 e 25 do corrente em Lisboa um encontro de reflexão e debate. Tema: «Da Social-Democracia para o Socialismo».

O CERESD lembra-se, é uma organização ligada ao PPD mas autónoma e independente de directrizes políticas deste partido. Existe um consenso segundo o qual o Centro representa uma tendência menos conforme com a direcção política imprimida ao partido pelo secretário-geral Francisco Sá Carneiro sobretudo desde o seu último congresso em Aveiro e em Dezembro do ano passado. O CERESD representaria a «ala esquerda» do PPD.

CONSELHO NACIONAL DO C.D.S.

Contra Governo socialista pela "maioria presidencial"

A insistência naquilo que classifica como «um governo de maioria presidencial» e um reforço da «colagem» ao Presidente da República eleito, caracterizam as mais recentes posições do CDS, (re)definidas na reunião do seu Conselho Nacional, realizada no último fim-de-semana.

Quanto ao primeiro ponto, o CDS faz acentuar que só esse Governo «seria efectivamente novo», já que o primeiro Governo Constitucional que o PS pretende minoritariamente formar «nascerá sob o signo da continuidade» da acção do VI Governo Provisório, onde os socialistas são maioritários. Neste sentido, o CDS propõe o exercício de «uma continua crítica da acção governamental» e insiste na apresentação de um «estatuto de oposição», baseado na fórmula «apoio selectivo-oposição colaborante».

Pretendendo dar força à sua proposta de «governo de maioria presidencial» (maioria baseada no número de eleitores que votaram nas presidenciais e não na maioria do eleitorado inscrito como tal), o CDS conclui pela incapacidade do PS manifestada, ao que afirma, na sua actuação ao longo dos Governos Provisórios em que participou — com especial incidência no VI — e deduz ainda que o PCP não poderá, «moralmente» participar no Governo porque «não é parte da maioria presidencial».

Quanto ao próximo Presidente da República, o Conselho Nacional do CDS recomenda «uma permanente posição de lealdade, mantendo-o previamente informado das posições fundamentais que o Partido pense tomar ou venha a adoptar sobre o Governo», posições estas que reduz ainda à fórmula «atitude patriótica» lançada por Ramalho Eanes durante a sua campanha eleitoral.

Segundo o CDS, o PS «continua a querer ignorar o significado político e mais profundo da maioria presidencial» avançando assim com um Governo que será de «crise» e que em certa medida se contrapõe «ao entusiasmo e à esperança que a eleição do general Ramalho Eanes fez nascer» no que entende ser «a maioria dos portugueses». A despeito destas teses, o CDS afirma, no entanto, não pretender «hipotecar o Presidente eleito a compromissos partidários».

Nesta reunião do Conselho Nacional do CDS foi ainda eleito para seu presidente o eng.º Pedro de Vasconcelos, director-geral da Associação Industrial de Lisboa, e para vice-presidente Emílio Paulo, médico empresário industrial, e o médico, dr. Leal Loureiro.

A reunião debruçou-se ainda sobre as eleições para as autarquias locais, defendendo «que seja firmemente combatido o princípio da representação proporcional», manifestou «o seu horror pelos fuzilamentos de Luanda» e discutiu o próximo Congresso do CDS subordinado ao tema «Pelo personalismo cristão, um compromisso popular e europeu».

PUB

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

A criação do futuro Instituto de Inovação Pedagógica visa redimensionar alguns serviços existentes já no M. E. I. C. e desenvolver outros sectores. Estão no primeiro caso os serviços de documentação pedagógica e de formação de professores em exercício e no segundo caso os serviços de investigação e inovação pedagógicas.

Uma das componentes do referido Instituto e a Direcção de Serviços de Investigação e Formação que, iniciando no ano lectivo de 76/77 os seus trabalhos, com desenvolvimento nos primeiros projectos de interligação dos dois tipos de actividade e pretendendo constituir a sua equipa com professores de todos os ramos de ensino e outros especialistas também ligados ao ensino, solicita dos interessados a apresentação da respectiva candidatura. Deverão para o efeito:

— Estar habilitados com qualificação profissional completa;
— Apresentar «curriculum vitae» com indicação dos diversos tipos de actividade desenvolvida;
— Expôr as razões do seu interesse pelo lugar — indicar as áreas de trabalho preferenciais. Psicopedagogia, Desenvolvimento Curricular, Tecnologia Educativa, etc.

O regime de prestação de serviços, nos casos de trabalho a tempo inteiro será o de comissão de um ano renovável, por duas vezes.

As candidaturas deverão ser enviadas até ao dia 15 de Julho à Direcção dos Serviços de Formação — Instituto de Tecnologia Educativa.

QUADROS A ÓLEO

Assim como estatuetas, bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL, Av. República, 12 (junto estação metro Saldanha).

MOBÍLIAS — USADAS

Por falta espaço, vendo barato mobílias c. jantar, quartos, modernas, estilo D. Anne, D. Maria, Século XVII, roupeiros, estantes, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18 cave (ao Chile, defronte igreja de Arroios).

post-scriptum

Restrições: que sejam tomadas medidas mais justas

O projecto de decreto-lei que visa restringir o consumo de gasolina ficou adiado para serem estudadas, em profundidade, as formas mais correctas a aplicar.

Esperamos que as medidas definitivas não sejam as mais simplistas e, consequentemente, as mais prejudiciais para os menos favorecidos ou seja, a circulação alternada nos fins de semana. Na verdade esta solução, que parece ser a que está em risco de aprovação, parece ser a mais injusta para a grande maioria dos portugueses que possuem meio de transporte próprio. Senão vejamos: quem possui apenas um automóvel, e é a maioria esmagadora, foi com enormes sacrifícios e privações que o obteve. E não se venha dizer que ele constitui um luxo ou uma afirmação de conquista social ou de competência pessoal, pois toda a gente sabe que esses objecto constitui hoje em dia uma necessidade como qualquer outra.

Por outro lado, há aqueles (e são muitos) que dispõem de mais do que um automóvel. Esses, sem pôr em causa a forma como os conseguiram, não há dúvida que não foi com sacrifício. Senão tinham só um.

Pois bem: para os primeiros, que já se sacrificaram para terem o seu «bote», aplica-se-lhes a pastilha de só poderem circular em fins de semana alternados; para os segundos, que sem dificuldades de maior dispõem de mais de um carro, dispensa-se-lhes o sacrifício a que são sujeitos os primeiros.

Além disso, os primeiros são os que trabalham durante a semana e para quem o carro constitui apenas um meio de «desopilar» com a família aos fins de semana, com alguma comodidade. Ou será que quem trabalha não tem direito a usufruir do produto do seu trabalho? Enquanto os segundos geralmente circulam durante a semana, gastando combustível em «barda», e poderão continuar a gastá-lo em todos os fins de semana, pois é-lhes fácil ter carros com matrículas par e ímpar.

E que pensam os autores do projecto acerca dos «aceleras» que altas horas da noite roncam em plena cidade com brutos «bólides», consumindo as tais divisas que são de nós todos, e acordando aqueles que se levantam cedo para o trabalho e deixam as suas carripanas à porta sonhando com o almejado fim de semana?

Queremos evitar a saída de divisas? Vamos a isso. Queremos construir um país mais próspero e independente? Vamos a isso com unhas e dentes: mas TODOS!

Estamos prontos a acatar as medidas de austeridade que se impõem, mas com justiça. Que não se pretenda deitar poeira nos olhos aos trabalhadores deste país. Que não se aprovem leis beneficiando os mais favorecidos em prejuízo dos mais sacrificados.

Aprovar um decreto impondo a circulação alternada aos fins-de-semana, afigura-se uma medida demasiado cómoda para quem a sugere, pois haverá outras soluções, certamente mais trabalhosas para os técnicos ministeriais mas de certeza mais justas para os portugueses na sua maioria.

Somos do tempo do racionamento de todos os géneros essenciais. Passámos privações de toda a ordem, por isso não nos assusta a austeridade. O que nos assusta são as eventuais injustiças na aplicação das medidas austeras.

José Godinho — **LISBOA**

Já é tempo de se fazer justiça

Hoje de manhã fui à Baixa e mais uma vez assisti ao espectáculo deprimente, na Rua do Ouro e no Chiado, de crianças, mulheres e velhos pedindo esmola. Esse triste espectáculo lembra-me o «nosso» propósito de solucionar, com rapidez, o problema do desnível social que existe no nosso País.

Esperei — ingénua que sou, apesar da minha já longa experiência da vida — que isso seria rapidamente tratado, como assunto prioritário que é; mas ainda hoje, decorridos dois anos após o 25 de Abril de 1974, o problema mantém-se de pé.

Um dos casos observado na Rua do Ouro toca-me mais, nem sei porquê, visto que a rotina destes factos já encontrou no nosso dia-a-dia: uma rapariguinha, oito anos talvez, deitada no chão e com uma caixa e um papel ao lado que dizia: «Fui abandonada pelos meus pais, há oito anos...», etc. Passava muita gente e os que deixavam uma moedinha, talvez partissem com a consciência do dever cumprido. Eu não deixei nada. Fiquei amargurada e pensei: «qual será o futuro desta criança?»

É pois de casos destes que nascem os marginais, os cadastrados, que logo à partida são empurrados para tal situação.

Continuamos numa apatia confrangedora, numa aquiescência de atitudes, num «não te rales que não é contigo». Todos temos filhos, netos, irmãos, sobrinhos. Tentemos pois atirar fora a nossa indiferença, que já é tempo de se fazer justiça em prol dessas criaturas indefesas.

Ao terminar, faço votos para que o tão anunciado «mundo melhor» não seja uma palavra vã, atirada ao vento como outras, bonitas que já se vão esquecendo nesta floresta de interesses...

C. Varanda — Lisboa

DOIS SÉCULOS DE AMÉRICA ENTRE "SONHO" E REALIDADE

Alcides de Campos

Como era de prever, o bicentenário da independência dos Estados Unidos tem sido pretexto a uma profusão de livros quase todos eles com pretensões didácticas, já que nenhum bom humorista nem nenhum antropólogo teve a feliz ideia de nos presentear com uma História do bicentenário da perda de independência das «onze grandes nações» ameríndias.

Destaca-se, porém, desta enorme profusão literária, um livro fora de comum: «Le rêve et l'histoire», de Claude Julien (1), de cujas obras anteriores («Le suicide des démocraties» e «L'empire américain») nos foi dado falar ao público português em tempo oportuno.

Chefe da redacção do «Monde diplomatique» e observador atento da vida política americana, Claude Julien revela-se, neste seu último livro, sobretudo preocupado em inventoriar, ao mesmo tempo em que as analisa objectivamente na sua crua realidade, as lutas internas travadas entre os defensores da democracia e os detentores do capital e dos privilégios; o combate dos adeptos das liberdades públicas contra os partidários da «law and order», dos abolicionistas contra os escravistas. De George Washington e Thomas Gefferson à guerra do Vietname e ao Watergate. Interrogando-se sobre as consequências universais de um debate que, transposto para o plano mundial, não cessa de ameaçar sem jamais se definir, afirmando o respeito pela soberania dos povos mas procurando impor-lhes uma ordem nova sob a sigla da «Pax Americana». Como nos diz o prefácio, «esta história é a história do combate que, durante duzentos anos, alguns homens travaram para conquistar os seus direitos contra outros homens que lhos recusam». O paradoxo, porém, é que uns e outros se reclamam dos mesmos princípios e todos eles proclamam o seu profundo respeito e fidelidade ao espírito revolucionário de 1776. Mas o «sonho» que lhes serve de referência não é exactamente o mesmo: «uns por idealismo, arriscam-se a transformá-lo num absoluto acessível; por escesso de realismo, podem os outros desnaturá-los em pesadelo de medo, de injustiça e de opressão».

Uma e outra «visões do mundo», a firma Claude Julien, enraizaram-se perfeitamente não só no espírito dos americanos mas também no dos seus **satélites** e adversários estrangeiros. Dos tempos das guerras de independência até aos nossos dias. Mas com referência especial para Lafayette, que a seu modo exprimira já, dois anos antes de George Washington («A nossa causa é nobre, ela é a causa da humanidade»), o «sonho americano», ao declarar que «a felicidade da América está intimamente ligada à felicidade da humanidade». Duzentos anos mais tarde, em 19 de Outubro de 1967, o célebre Paul Goodmann, num discurso pronunciado na **National Security Industrial Association** frente a um auditório composto de oficiais superiores das três armas, de diplomatas e de banqueiros, afirmaria: «Os senhores representam o grupo humano mais perigosos do mundo de hoje», acusando-os seguidamente de, no exercício do poder real, terem semado a desgraça sobre o Plantea pela deslocação das sociedades humanas, a corrupção da sua cultura, a prática do genocídio e da tortura em grande escala. Ao que Claude Julien acrescenta que, «martirizados na carne e no espírito pelos carrascos ao serviço das ditaduras apoiadas pelos EUA, inumeráveis vítimas estão prontas a assumir o grito de «Che» Guevara, o qual, antes de sucumbir sob os golpes da CIA, dos «boinas verdes» e do exército boliviano, denunciou a América como «o grande inimigo do género humano». Os sobreviventes das «jaulas de tigres» e dos campos de concentração do Vietname do Sul, os homens e as mulheres que provavelmente não sairão jamais das prisões de Pinochet — não têm dúvidas nenhumas sobre a verdade destas palavras».

É pois a uma rigorosa confrontação entre o «sonho» e a história americana que Claude Julien nos convida através deste balanço de dois séculos de luta pela liberdade absoluta, o único «sonho» pelo qual o homem aceita pôr a sua vida em jogo, relevando as múltiplas contradições e ambiguidades duma declaração de princípios que a História tantas vezes desmentiu: da conquista do Oeste ao neocolonialismo do Terceiro Mundo; da supressão do parágrafo que condena a escravatura ao não direito de voto dos porto-riquenhos; da Guerra de Secessão à Guerra do Vietname; das 371 violações de tratados de paz com os povos ameríndios à ingerência nos assuntos interiores do Chile. Segundo o princípio a que chamaremos «de Calhoun», que considerava como «um erro grave é perigoso a afirmação de que todos os povos têm o mesmo direito à liberdade», uma vez que esta «é uma recompensa que se deve merecer e não uma graça prodigada a todos sem distinção», quer dizer: exclusivamente «reservada aos homens inteligentes, bons patriotas, virtuosos e dignos, e não um favor atribuído a um povo ignorante, demasiado aviltado ou excessivamente vicioso para dela poder gozar». Filosofia característica dos sistemas políticos que Claude Julien designa pelo nome de «ditaduras benévolas», isto é, os regimes políticos em que os detentores da autoridade se arrogam o privilégio de distinguir, entre a massa dos cidadãos, os que são dignos de usufruir da liberdade, e os que dela devem ser privados. Tais são os critérios filosóficos de John Calhoun, cujas teorias, lembra-nos oportunamente o autor de «Le rêve et l'histoire», não foram enjeitadas nem por Richard Nixon nem por Spiro Agnew ao sugerirem publicamente que todos os intelectuais americanos hostis à guerra do Vietname se comportavam como traidores. Nem pelos «barões ladrões» dos fins do século XIX: os Morgan, os Gould, os Vanderbilt, os Rockefeller e outros «aventureiros da indústria e da finança».

Tais são as «duas» Américas que C. Julien nos propoẽ: a de Thomas Jefferson e a de John Calhoun, a do «sonho» e a da realidade; a fraterna e livre América e a América poderosa e dominador a da Declaração de Independência, que proclama o direito dos povos de decidirem do seu próprio destino, e a que, como no-lo diz o autor, «reprime ou suscita insurreições nos países estrangeiros com uma notável perseverança no esforço, permitindo-lhe os dois métodos de instalar, nos países em que a sua intervenção se opor os governos do seu interesse». Ou, como o afirmaram Gerald Ford e Henri Kissiger em Setembro de 1974 numa desesperada tentativa de justificarem as responsabilidades dos EU no sangrento da democracia chilena: «no interesse dos EU, certamente mas também no interesse do povo chileno»...

O messianismo próprio aos tempos da independência não desapareceu de todo do espírito americano; simplesmente preocupa-se hoje menos da sobrevivência das democracias do que da prosperidade da América.

Dois séculos de América. Ou da trilogia do sonho democrático inscrito na Declaração de Independência («Liberdade, igualdade, procura da felicidade») à trilogia da realidade capitalista(propriedade, ordem, autoridade»).

(1) — Editions Grasset, Paris 1976

URUGUAI

DEPOSIÇÃO PELO EXÉRCITO PARA IMITAR "MODELO BRASILEIRO"

Marcel Niedergang

O homem-chave da crise uruguaia era, desde Dezembro ultimo, o embaixador dos Estados Unidos em Montevideu. Ernest Siracusa. Ardente partidário do «modelo político braisileiro», que não esconde o representante de Washington no Uruguay participou amplamente no debate que se efectuara no seio do Governo de Juan Maria Bordaberry. A destituição deste último pelas forças armadas foi, antes de mais, uma vitória sua, e uma nova prova da influência determinante dos Estados Unidos num país em que a degradação das instituições é tanto mais impressionante quanto o Uruguay estivera, logo após a Segunda Guerra Mundial, entre as nações mais realmente democráticas da América Latina.

Eleito presidente em 1971 quando a vaga insurreccional armada do movimento tupamaro ainda era poderoso, confirmado nas suas funções pelos militares em Junho de 1973, depois de um golpe de Estado que suprimia as aparências democráticas, prisioneiro dos seus protectores fardados, Bordaberry caiu por ter levado até ao fim a lógica da militarização. Apoiado por alguns membros do seu gabinete e pela «velha guarda» do alto comando do Exército, Bordaberry preconizava a anulação das eleições legislativas e presidenciais,previstas em Novembro deste ano, e a institucionalização de um sistema que suprimisse radicalmente os partidos políticos.

Os seus adversários no Governo e os generais favoráveis às teses firmemente defendidas pelos Estados Unido, recomendavam, em contrapartida, a instauração de um regime político «à brasileira», que, segundo Washington, tem dado boas provas. Trata-se, segundo o jornal *El País*, de Montevideu, de reconstruir os velhos partidos tradicionais «blanco» e «colorado», a fim de regressar a uma vida parlamentar baseada num bipartidismo rigoroso e controlada pelos militares. Claro que *as organizações antidemocráticas que representavam ou dependiam de grupos ideológicos ou de totalitarismos estrangeiros* seriam proscritas de modo permanente e definitivo. *El País* representa as opiniões do partido «colorado» que teve um papel importante durante os anos 40, contribuindo para a formação de um Welfare State, invejado pelos outros países da América Latina.

O jornal *El Dia*, porta-voz do partido «blanco» que hoje não parece muito mais à direi-

Continua na pág. 4

Geral

O que pensa Mário Soares da liberdade de Imprensa?

«Sou partidário da liberdade de Imprensa e estou convencido que é através dela que se pode viver em democracia» — afirma Mário Soares numa entrevista recentemente concedida ao jornal «A Capital». Mário Soares responde a uma questão à volta da Imprensa classificável (classificada) de fascista, que actualmente existe no nosso país e pronuncia-se desfavoravelmente em relação à eventualidade de qualquer legislação restritiva da liberdade de Imprensa. O secretário-geral do PS e indigitado primeiro-ministro do I Governo Constitucional é contra a existência de uma legislação que possa ser «de tal maneira restritiva que, a pretexto de querer proibir jornais fascistas, poderia vir a proibir todos os jornais que, por esta ou aquela razão, desagradassem ao Governo. (...) Eu tenho para mim, como fundamental que a Imprensa adversa a um regime ou a um Governo é salutar — diz Mário Soares — na medida em que suscita problemas e faz críticas que têm de ser meditadas e estudadas».

As palavras de Mário Soares reflectem uma larga abertura de espírito por parte do intelectual liberal e tolerante. Isso há-de merecer certamente a nossa admiração. Mas revelam igualmente alguma falta de realismo político e pode suscitar-nos algumas sérias reservas.

Todos somos partidários da liberdade de Imprensa, ou, pelo menos, os mais de nós, é claro. O que é que isso quer dizer? Há a Imprensa e a lei, que se articula com ela, há a liberdade de Imprensa e é isto: a possibilidade que a Imprensa tem (a possibilidade que as pessoas têm através da Imprensa) de exercer os direitos que a respectiva lei lhes confere. É assim, mas já parece desprevenida (pelo menos) a afirmação de que «é através da liberdade de Imprensa que se pode viver em democracia». Mário Soares não queria dizer isso, ou só isso, certamente. Liberdade de Imprensa é apenas uma dentre inúmeras liberdades a que temos direito, e de que nos valerá a liberdade de Imprensa se inúmeras outras liberdades nos forem negadas? Assim como a Imprensa é um sector em estreita dependência da (articulação com) a vida colectiva de um povo e da sua organização, também a liberdade de Imprensa não é um estatuto de isenção em relação às liberdades reconhecidas pelas leis a essa vida colectiva e à sua organização: é uma função apenas estruturalmente diferenciada e relativamente autónoma.

O futuro primeiro-ministro atribui à liberdade de Imprensa um valor absoluto. Tanto que exclui a hipótese de qualquer legislação (um diploma, um decreto-lei, uma portaria, por exemplo) que a restrinja, ou, melhor, que seja «de tal maneira restritiva que, a pretexto de querer proibir jornais fascistas, poderia vir a proibir todos os jornais que, por esta ou aquela razão, desagradassem ao Governo».

Mário Soares não diz que a Imprensa fascista tem o direito de existir. Mas esse direito está aí subentendidamente reconhecido. A abolição desse direito poderia representar um precedente para outras abolições de outros direitos idênticos. Mário Soares não distingue o conteúdo desses direitos, não tem em conta as diferenças que os separam. Para o secretário-geral do PS, trata-se apenas de um direito; de um valor, de uma liberdade, a liberdade de Imprensa. Mário Soares omite que há Imprensa e Imprensa, jornais e jornais. Fala de «jornais que, por esta ou aquela razão, desagradassem ao Governo». E omite que as razões porque alguns jornais poderiam desagradar ao Governo por umas razões, enquanto outros poderiam desagradar-lhe por outras. O futuro Governo é um Governo-PS. O PS é um partido socialista, tem um programa de esquerda, algumas vezes tem tido um comportamento razoavelmente infiel ao espírito do seu programa, mas, convenhamos, por razões tácticas, e apresenta-se hoje, no contexto das forças partidárias existentes no País como um lugar de convergência entre a esquerda moderada e posições centristas oscilantes entre o socialismo e a social-democracia. Em suma: o PS é um partido de esquerda, e continuará a sê-lo, certamente, por mais que o «seu» Governo tome medidas desfavoráveis aos interesses das massas trabalhadoras, da classe operária, do proletariado. Terá então, já se vê, duas oposições: uma à direita, outra à esquerda. Imprensa da direita e Imprensa da esquerda hão-de criticá-lo com dureza e violência. Mas estas críticas, não terão os mesmos fundamentos, idênticos objectivos: serão diferentes, movidas (nos fundamentos, nas perspectivas, nas próprias intenções) por interesses políticos de sinais não apenas diferentes mas principalmente opostos e contrários. Mário Soares sabe isso. Mas omite-o.

Nós poderemos aplaudir o futuro primeiro-ministro quando este deixa saber que haverá liberdade para a Imprensa ligada a forças políticas de esquerda e aos interesses do trabalho neste País continuar a desempenhar o papel que lhe compete.

Poderíamos também compreender que Mário Soares aceitasse como construtiva a existência e a actividade da Imprensa de direita articulada com os interesses, por exemplo, da pequena e da média burguesia. Mas já custa um pouco admitir que o secretário-geral do PS se recuse a ver publicamente como o caso da Imprensa fascista é um caso diferente. A Imprensa fascista, que representa? Os interesses do fascismo. O fascismo, o que é? Muito sumariamente: um carácter histórico abominável; o totalitarismo, a destruição sumária das liberdades, a negação da liberdade como valor essencial. O fascismo é antitudo. Por isso é que tudo deve ser contra o fascismo; por isso é que os mais de nós nos dizemos antifascistas: porque somos pela liberdade, pela democracia, mesmo quando, como em alguns casos, não pelo socialismo (há a direita antifascista, que é numerosa; e fica de parte a questão de saber o alcance deste antifascismo, sobretudo quanto a opção que se põe já não é entre fascismo e a democracia e a liberdade, mas entre o imperialismo e o socialismo).

Costuma-se dizer: liberdade para tudo, excepto para aquilo que constitui uma ameaça e um perigo para a liberdade; liberdade para todos, excepto para aqueles que, desfrutando dela sem a merecerem, estão principalmente interessados não em vivê-la e vivificá-la, torná-la fecunda e criativa, mas em destruí-la, tão-só.

«A Imprensa adversa a um regime ou a um Governo é salutar?» Mário Soares diz que sim: «na medida em que suscita problemas e faz críticas que têm de ser meditadas e estudadas». Mas, uma Imprensa fascista (e temos à mão hoje em dia em Portugal exemplos para ver) que críticas é que faz?

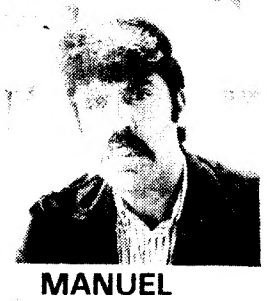
Luís de Miranda Rocha

Voltou o júri à Comarca de Lisboa

Pela primeira vez desde que o júri foi novamente introduzido em Portugal pelo Decreto-Lei n.º 605/75 de 3 de Novembro, um grupo de jurados interferiu num julgamento na comarca de Lisboa, reintegrando no sistema judicial português uma antiquíssima instituição destinada a permitir que o povo interfira no maquinismo da justiça julgando a matéria de facto.

A primeira interferência do júri na Boa Hora e, repete-se, na comarca de Lisboa, teve lugar no 4.º Juizo criminal

UMA ESPINGARDA POR COMPANHEIRA



MANUEL GERALDO

prosas dum atentado à venda nas livrarias

Custo de vida no Porto continua a subir

PORTO, 12 — A delegação do Porto do Instituto Nacional de Estatística revelou alguns valores referentes à cidade do Porto que, apesar do seu carácter provisório, permitem que se faça uma ideia da evolução do custo de vida nesta cidade.

Assim, o índice de preços no consumidor (total, com exclusão da habitação), com a base em 1963, ascendia em Abril deste ano a 306,8. em relação ao mês anterior, observando-se uma variação negativa de 0,8 por cento (309,3). Comparado com o valor que tinha um ano antes (268,9) constata-se porém uma súbida de 14,1 por cento.

Considerando apenas o sector da alimentação, o índice acusa o valor de 341,0, donde se deduz uma diminuição de 1,0 por cento face ao seu valor no mês anterior (344,4). Se tivermos em conta que em Abril de 1975 o índice da alimentação era de 299,8, verifica-se que num ano houve um aumento de 13,7 por cento.

No atinente a salários rurais (trabalhos gerais-homens)-base (100): 1968 na cidade do Porto, o respectivo índice acusava em Março deste ano,o valor de 320,9.

Dado que, em Fevereiro último, o seu valor era de 316,2, infere-se num mês uma subida de 1,5 por cento.

No período de um ano revela o referido índice uma subida de 13,7 por cento, visto que em Março de 1975 o seu valor foi de 282,3.

Na indústria e transportes, o índice de salários base (100): 1961 no 4.º trimestre de 1975, ainda na cidade do Porto, tomou o valor de 666,6. Tendo em mente que no trimestre anterior o aludido índice era de 629,2 e que um ano antes atingiu 543,7, deduzem-se aumentos percentuais, respectivamente de 5,9 por cento e de 22,6 por cento.

Riquezas nacionais

Jaime Pinto

As riquezas de um país raras vezes se encontram **«à mão de semear»**, sendo necessário descobri-las, inventariá-las, explorá-las racionalmente e aplicá-las canalizando-as. Os povos não nascem ricos; tornam-se ricos com o seu esforço, a sua inteligência, as suas capacidades. Mas podem também empobrecer, degradar-se mesmo, se contarem mais com o auxílio alheio do que com as possibilidades do seu trabalho. Nada mais digno para um povo do que desejar ser auto-suficiente, porque isso representa a verdadeira independência. Na realidade poucos o são e apenas relativamente, ou parcialmente: mas nós não o somos nada, quase em nehum sector. Por isso temos de nos concentrar seriamente sobre estes assuntos, medir rigorosamente todas as nossas possibilidades actuais, encarando sempre a necessidade de criar outras, de colmatar lacunas, de reciclar competências adormecidas, ou desactualizadas, de mobilizar os recursos humanos à devida escala, não por via lírica de generalidades intencionais, mas pela fixação rigorosa dos objectivos. Todos sabemos que a condução de um país terá de ser harmónica, considerando as possibilidades do conjunto para melhor acudir às deficiências parcelares; mas atendendo também, muito ponderadamente, à diversificação regional quanto à viabilidade de novos cometimentos agrícolas ou industriais.

Dê-se a palavra aos técnicos e cientistas competentes para nos explicarem se as riquezas minerais do subsolo estão devidamente inventariadas e aproveitadas; se a exploração dos recursos piscatórios é racionalmente concebida; se as nossas conservas de peixe estão devidamente **standardizadas**, quanto à qualidade e se têm possibilidades reais de competir nos mercados internacionais; se não há que incrementar a piscicultura; se a criação em larga escala de pomares, dimensionalmente adequados, não ajudará a indústria das conservas de frutos e a exportação directa dos mesmos; se não há pinheiros a mais onde podia haver árvores de fruto; se não há que estudar a **standardização** da qualidade de certos queijos e incentivar a sua produção; se, finalmente e sem esgotar as questões, obviamente exemplificativas, as estruturas básicas para uma pecuária viável, estarão estabelecidas.

Os supermercados estão cheios de produtos estrangeiros. Desde conservas de peixe (!) a conservas de carnes e de frutos; desde os môlhos aos vinhos e até aos vinagres! Etc, etc., etc., num estendal epicurista nada de acordo com as nossas possibilidades económicas actuais e com o desequilíbrio trágico da nossa balança de pagamentos.

Li que vai ser, ou já foi criada, uma comissão para estudar os produtos a **«não importar»** por terem similares na produção portuguesa. Era tempo.

Porque não formar, também, grupos interministeriais de técnicos e cientistas para o inventário crítico das riquezas nacionais, o estudo do seu adequado aproveitamento, a incentivação de novas indústrias e o apoio lógico às já existentes?

Porque, se não canalizarmos devidamente os créditos que nos concedem, aliás nem sempre em generosas condições, acumularemos défices em vez de refazermos riqueza.

A competência para governar passa, fatalmente, pela solução destes problemas, aparentemente triviais. Só aparentemente.

Ex-orfeonistas de Coimbra

Um grupo de antigos elementos do Orfeon Académico de Coimbra reúne-se logo à noite no restaurante «O Peixe» para, em meio à confraternização, debater problemas relacionados com a actual situação do organismo. Em Coimbra, entretanto, a direcção do O.A.C. tornou público um comunicado manifestando «estranheza pela realização do referido encontro».

DEPOSIÇÃO PELO EXÉRCITO PARA IMITAR "MODELO BRASILEIRO"

Continuação da pág. 3

ta» que o seu rival, aprovou a argumentação apresentada por *El País*.

Numerosas cisões, exclusões, rivalidades pessoais, modificaram em todo o caso profundamente o estilo das duas formações tradicionais do Uruguai, nascidas no século dezanove das guerras da independência. Os seus dirigentes actuais dão-se mal com o encerramento do Parlamento, decidido em Junho de 1973, pelo presidente Bordaberry, de acordo com os chefes de um exército encarregado de reprimir, por todos os meios, o movimento tupamaro.

Mas as «nuances» que os separam podem hoje parecer frágeis. Em qualquer hipótese, não se trata de voltar a um autêntico regime democrático que permita aos comunistas e às formações de esquerda moderada exprimirem-se. A repressão militar e policial que conseguiu esmagar o movimento tupamaro, exerce-se agora com o mesmo rigor contra os comunistas, que nunca aprovaram os métodos de violência armada dos jovens revolucionários tupamaros, e também contra os sectores da esquerda democrática. Um sinal muito claro desta evolução é a passagem para a oposição, desde 1973, de um homem como Wilson Ferreira Aldunate, «leader» «balnco», antigo candidato à Presidência da República, alto burguês moderado e revoltado com uma militarização cuja única razão de ser é a brutal actuação contra todos os recalcitrantes. *As forças Armadas,* diz Ferreira Aldunate, nunca tiveram caudilhos nem programa nacional. Elas nem mesmo sabem que fazer ao país.

Refugiado na Argentina, Ferreira Aldunate decidia há dez dias, ir à Europa, e depois ao México, após o assassínio, em Buenos Aires de dois dos seus melhores amigos, também ex-parlamentares, Hector Gutierrez e Zelmar Michelini. Gutierrez tinha denunciado públicamente junto das organizações internacionais, a prática da tortura no seu país. Zelmar Michelini, antigo membro do partido «colorado», ex-ministro, liberal, corajoso, era amigo do senador Edward Kennedy. Ferreira Aldunate pôs claramente em causa o governo de Montevideu e também, o de Buenos Aires, acusando-os pelo menos, de «cumplicidade» no assassínio dos seus dois amigos.

Esses assassínios, que provocam, como é natural, viva emoção na opinião internacional, particularmente nos Estados Unidos (o senador Kennedy pediu «explicações ao governo Bordaberry) contribuiram para a aceleração desde Dezembro, de uma crise latente, mas de que o chefe do Estado deposto ainda podia esperar sair vencedor.

Juan Maria Bordaberry expusera as suas «ideias» num memorandum secreto entre os generais do exército uruguaio em Dezembro. O mandato do chefe do Estado teria o seu fim em Março de 1977. Realizar-se-iam normalmente eleições legislativas e presidenciais no último domingo de Novembro de 1976. Conviria manter esse programa constitucional previsto em 1971 no momento da eleição para a magistratura suprema de Bordaberry? Este pensava que não e dizia-o muito claramente nesse documento que os oficiais generais estavam encarregados de discutir com os seus estados-maiores.

Menos «brasileiro» do que os seus adversários mais «jovens» ou mais «tecnocratas» da equipa dirigente, Bordaberry já se inspirava, no entanto, num «método de trabalho» largamente praticado desde 1964 pelos militares brasileiros. O mais aborrecido para os uruguaios é que a imitação do «modelo brasileiro» intrevém num momento em que os seus efeitos «miraculosos» são seriamente contestados por personalidades brasileiras tão pouco suspeitas de «subversão» como, por exemplo, Celso Furtado, economista de renome mundial.

O plano Bordaberry fora refutado no seio do governo pelo ministro das Finanças, Alejandro Vegh Villegas, homem de muito prestígio nos Estados Unidos, e que lá surge como um dos candidatos melhor colocados para suceder, após o actual periodo transitório, ao presidente afastado pelo exército.

LE MONDE

Nacional

CUNHAL NA COOPERATIVA 1.º DE MAIO

"Vivemos um momento difícil da Revolução Portuguesa"

O segundo aniversário da Revolução e o primeiro da Cooperativa «1.º de Maio», foram ontem festejados pelos trabalhadores do distrito de Setúbal durante festas realizadas na Baixa da Banheira e na Gâmbia às quais assistiu como convidado o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal.

«O P. S. não pode governar sózinho. Nós sabemos o que faz o P. S. mesmo quando está acompanhado. Um Governo apenas com socialistas neste momento fará uma política de direita», disse Álvaro Cunhal discursando na cooperativa «1.º de Maio».

Vítor Louro, secretário de Estado da Estruturação Agrária, também presente nesta comemoração, diria por seu turno: «Temos todos os motivos para recear que contra o povo português se venha a fazer uma política de direita. Temos de estar preparados e reunidos para lhe dar resposta. Há que intensificar o processo produtivo para se dar de comer a muito mais gente». E sobre o futuro imediato, acrescentaria ainda: «Basta a revogação de um decreto para que se acabe com o crédito agrícola de emergência e os reaccionários são muito capazes de o fazer».

O actual momento político dominou as intervenções feitas na festa realizada na cooperativa «1.º de Maio» tendo Álvaro Cunhal dito ainda que «vivemos um momento difícil da Revolução portuguesa», em que se entra «numa curva e numa curva difícil desta Revolução».

Aludindo às últimas eleições, o secretário-geral do P. C. P. evocou o facto de «muitos trabalhadores se terem deixado iludir por uma campanha de promessas», por um lado devido ao temor do «fantasma do regresso ao fascismo lançado por certas forças» e, por outro, à ideia de que Otelo pudesse vir a «ser o salvador dos trabalhadores». E acrescentou: «Julgo que hoje haverá trabalhadores que não votaram no candidato comunista e já se aperceberam de que cometeram uma grande asneira. Não votando no candidato comunista, votaram contra si mesmos».

Contrariando os que se atribuem ou aos organismos que dirigiram a responsabilidade pelo triunfo da Reforma Agrária, um membro da comissão de trabalhadores da «1.º de Maio», Feliciano Raposo, diria ainda que o P. C. P. sempre se bateu durante os duros tempos do fascismo pelos trabalhadores agrícolas e pela Reforma Agrária. «Daí, acrescentou, «que a Reforma Agrária seja nossa e o P. C. P. o partido da Reforma Agraia».

Na Baixa da Banheira, na Festa da Revolução, Álvaro Cunhal, discursando num comício realizado a noite passada, recordaria que «se queremos lutar com sucesso contra a reacção, temos de isolar e combater o esquerdismo e as suas campanhas e manobras divisionistas e desagregadoras», acrescentando:

. «Num futuro próximo, se for formado um Governo sem participação comunista, esperam-nos duras batalhas. Teremos de defender palmo a palmo os interesses dos trabalhadores contra as tentativas de agravamento das suas condições de vida, contra o congelamento de salários, o aumento de preços e a intensificação de todas as formas de exploração. Teremos de defender palmo a palmo as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário, a gestão pelos trabalhadores, contra as ofensivas directas e indirectas que contra elas se desencadearão. Teremos de defender as liberdades, o direito de reunião e de manifestação e o direito à greve, que a reacção quer limitar e liquidar. Teremos de defender e reforçar a unidade, a organização e a acção dos sindicatos e das comissões de trabalhadores, que a reacção quer pôr em causa e desenvolver uma intensa actividade para que o próximo Congresso Sindical confirme a força, a unidade e a determinação de luta dos trabalhadores. Teremos a grande batalha das autarquias, para garantir a gestão democrática das juntas de freguesia e das câmaras municipais. Teremos a grande e decisiva batalha pela sobrevivência, consolidação e prosseguimento do regime democrático agora consagrado na Constituição, mas que a reacção tudo fará para destruir».

OTELO AO "SPIEGEL"

"Eanes pode tornar-se um ditador — estão reunidas condições para isso"

«Eanes poderá tornar-se um ditador. Estão reunidas condições para isso» — afirma o major Otelo Saraiva de Carvalho numa entrevista concedida à revista oeste-alemã «Der Spiegel», segundo um telegrama da agência France-Press, desde Hamburgo.

Segundo esta fonte, Otelo considera que «a esquerda cometeu grandes erros»; e, falando do futuro, prevê que vai haver «novas e importantes desordens no País».

Ainda segundo a mesma fonte, aquele que foi o segundo candidato mais votado nas eleições presidenciais do passado dia 27 de Julho pronuncia-se, uma vez mais, nas suas declarações ao semanário hamburguês, a favor de «uma solução radical e revolucionária» para os problemas com que Portugal actualmente se debate.

ALMOÇO NO BAIRRO DE PIA À PORTA

Otelo almoçou anteontem no Bairro de Pia à Porta, próximo de Oeiras, local onde reside. O Bairro de Pia à Porta, designação que provém da existência de pias à porta de inúmeras casas servindo de escoadouro em vez dos sanitários sem os quais as casas foram construídas, é um bairro pobre habitado por moradores pobres.

Neste bairro teve em tempo o COPCON intervenção a favor dos moradores e dos seus interesses. Otelo correspondeu a um convite feito por esses moradores. O almoço foi um convívio ao ar livre. Nota de curiosidade, segundo o diário «Página Um» que cobre o acontecimento na sua edição de hoje. Otelo comeu sardinhas assadas e frango no churrasco. O citado diário não se refere a quaisquer declarações feitas pelo antigo comandante do COPCON. Lembra-se que Otelo encontra-se na situação de liberdade condicional e, como militar sujeito à disciplina interna das Forças Armadas, impedido de fazer declarações políticas ou tomar parte em actos públicos de vinculação política.

GDUP'S NO PORTO

«As tarefas principais para o momento presente são a consolidação dos GDUP's numa ampla frente de massas e a organização do seu congresso, a luta pelo reforço e desenvolvimento das organizações populares de base, e, em geral, a constante intervenção nas lutas dos trabalhadores e do povo, combatendo as ameaças do fascismo e as tentativas de recuperação capitalista» — disse Luís Moita numa mensagem enviada a uma reunião de GDUP's realizada este fim-de-semana no Porto e nas instalações da Faculdade de Engenharia desta cidade. A reunião congregou representantes de 36 GDUP's do Porto e 12 pró-GDUP's.

Como se sabe, os GDUP's, Grupos Dinamizadores de Unidade Popular são a forma organizativa adoptada pelos apoiantes da candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho à Presidência da República. Essa forma organizativa sobreviveu às eleições e tem registado um certo desenvolvimento. A reunião no Porto é a segunda deste tipo, depois da realizada em Lisboa oito dias antes.

No decurso da reunião deste fim-de-semana foi apresentado um documento intitulado «Definição política, funções e objectivos próximos dos GDUP's. Estava-se na discussão deste texto quando, tendo em conta o adiantado da hora, a sessão teve de ser interrompida. Ficou no entanto marcada nova reunião para a tarde do próximo sábado, dia 19.

Naturalmente, Otelo não esteve presente. «O nosso camarada Otelo está impossibilitado de comunicar publicamente pois tem de novo as liberdades restringidas» — dizia a mensagem de Luís Moita. A mensagem era «em nome do camarada Otelo e da Comissão Nacional».

ARRENDAMENTO RURAL

Senhorios do Norte impedem aplicação da lei

O Movimento de Agricultores Rendeiros do Norte continua a desenvolver uma actividade significativa junto dos rendeiros e caseiros que vivem subjugados pelos senhorios. Ultimamente, à medida que o MARN se vai implantando no Norte e alastrando pelas Beiras, recrudesce a violência daqueles que sempre tiveram «as costas quentes» pelas forças do poder instituído.

Agora há a Lei do Arrendamento Rural que foi feita precisamente para beneficiar os rendeiros e salvaguardá-los das arbitrariedades dos senhorios. No entanto, no Norte, a luta tem sido dura. Os senhorios recusam-se a passar os contratos a escrito. Procedem como se a lei não existisse. «Só no distrito de Bragança há mais de 300 acções de despejo propostas contra rendeiros por senhorios absentistas», afirma o MARN. As comissões arbitrais não funcionam. A GNR, que tem instruções para actuar quando os senhorios incorrem em falta, faz vista grossa.

Os casos de agressão aumentam sucessivamente. Raro é o dia em que um senhorio, ou alguém a seu soldo, não ataque fisicamente um rendeiro.

Ainda há poucos dias um rendeiro de Gaia foi assaltado, de noite, pelo seu senhorio, acompanhado por um grupo de lacaios, que o ameaçaram de arma em punho.

O MARN EM AMARANTE

No ex-Grémio da Lavoura, em Amarante, decorreu, ontem um encontro de rendeiros da região de Amarante, Marco e Baião. Nesta zona têm surgido vários casos de desrespeito pela Lei do Arrendamento Rural. Muitos rendeiros e caseiros já foram vítimas de represálias. Ainda há bem pouco tempo um proprietário de Telões cortou a água a 12 agricultores numa altura em que a seca estava a prejudicar grandemente a lavoura. Também ali, naquela zona, em Marco de Canaveses, um rendeiro foi vítima de um atentado bombista. Os culpados continuam impunes. Por isso se realizou o encontro...

Os rendeiros, presentes na reunião, aprovaram uma moção dirigida ao Ministro da Agricultura, à Comissão Liquidatária do ex-Grémio de Amarante e à Comissão Liquidatária da Federação dos ex-Grémios de Entre Douro e Minho em que se aponta a necessidade de mobilizar os agricultores para a transformação urgente do ex-Grémio da Lavoura em cooperativa de compra e venda. Um dos dirigentes do MARN, António de Sousa, chamou a atenção dos rendeiros para os artigos 101 e 102 da Constituição, o primeiro dos quais inside sobre a forma como é regulada a exploração da terra. O problema da habitação, um outro assunto debatido na reunião, despertou vivo interesse nos rendeiros que nela participaram.

BOICOTE EM LOUSADA

Um grupo de indivíduos com pistolas no cinto boicotou, em Lousada, a reunião de esclarecimento promovida pelo MARN que devia ter-se realizado na tarde de anteontem no recinto da feira daquele concelho. Segundo o comunicado distribuído pelo MARN «um dos arruaceiros afoito pelo excessivo álcool que já tinha ingerido» tentou agredir um membro do secretariado do MARN, ferindo-o levemente na mão, na altura em que o porta-voz do Movimento de Agricultores e Rendeiros do Norte usava da palavra para acalmar os ânimos. O comunicado, depois de perguntar onde está o livre direito de reunião, consignado na Constituição da República Portuguesa no artigo 45, lamenta que as autoridades (neste caso a GNR) não tenham assegurado o cumprimento desse artigo.

Pinheiro de Azevedo apresenta melhoras

«O Primeiro-Ministro continua a poder escrever, e só não fala porque está entubado» — disse à Anop um médico do Hospital de S. João, falando do estado de saúde do almirante Pinheiro de Azevedo vai para três semanas internado naquela unidade hospitalar do Porto. Pinheiro de Azevedo encontra-se bem, sem febre, e foi normal o resultado dum electrocardiograma recentemente feito.

De acordo com um elemento da equipa médica que está a assistir ao chefe do VI Governo, não se prevê que outro boletim clínico venha a ser divulgado brevemente — a menos que se registe nova crise na evolução da situação, o que, de momento, parece improvável.

Em síntese, Pinheiro de Azevedo, experimenta progressivas melhoras embora o prognóstico se mantenha reservado.

PUB

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SEDE — AV. INFANTE SANTO, 2 — LISBOA 3

OBRIGAÇÕES CUF, 6 %

PAGAMENTO DE JUROS

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas que a partir do próximo dia 15 do corrente se encontra a pagamento o cupão n.º 17, referente à emissão de Fevereiro de 1968 (Série I) e o cupão n.º 16 referente à emissão de Setembro de 1968 (Série II). O valor líquido destes cupões é de 26$48,4, conforme se discrimina a seguir:

Juro ilíquido	30$00
Imposto	3$51,6
Juro líquido	26$48,4

. O pagamento dos juros será efectuado nos seguintes estabelecimentos de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
MONTEPIO GERAL
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALGARVE
BANCO DO ALENTEJO
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FERNANDES MAGALHÃES
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
CREDIT FRANCO-PORTUGAIS
PANCADA, MORAES & C.ª
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
BANCO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL VISIENSE

Lisboa, 12 de Julho de 1976

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

PUB

9.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Notário Lic. Maria Alice Ribeiro Fernandes

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia vinte e oito do mês de Junho do ano de mil novecentos e setenta e seis, em Lisboa e no Nono Cartório Notarial a meu cargo, perante mim a Notária do concelho, Licenciada MARIA ALICE RIBEIRO FERNANDES, compareceram como outorgantes os Senhores:

Primeiro: Amândio Saraiva Casteleiro, casado sob o regime da comunhão de adquiridos, segundo declara, com Maria Manuela Ribeiro Lopes Saraiva Casteleiro, natural da freguesia de Sarzedo, concelho da Covilhã, com residência habitual na Rua da Fiandeira, em Cabolais de Cima, concelho de Castelo Branco, portador do bilhete de identidade n.º 642.892, emitido em 1/6/1976, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa;

Segundo: Fernando Maurício da Silva Correia, casado sob o regime da comunhão geral de bens, segundo declara, com Estrela Maria Ribeiro da Silva Correia, natural da Freguesia de Atouguia da Baleia, Concelho de Peniche, com residência habitual na Rua dos Três Lagares 1.º andar direito, no Fundão, portador do bilhete de identidade n.º 330868 emitido aos 14/1/1976, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa;

Terceiro: António Oliveira da Cruz, casado, sob o regime da comunhão geral de bens, segundo declara, com Maria Rosa de Jesus Bicho, natural da Freguesia de São Gião, Concelho de Oliveira do Hospital, com residência habitual em Lisboa, na Rua Morais Soares, n.º 51, 1.º andar esquerdo, portador do bilhete de identidade n.º 1645523 emitido aos 9/1/1967 pelo Arquivo de Identificação de Coimbra; E;

Quarto: José de Moura Nunes Risso, casado sob o regime da comunhão geral de bens, segundo declara, com Maria Fernanda de Jesus Antunes Risso, natural da Covilhã, Freguesia de Santa Maria com residência habitual na Rua S. Lote 134, 3.º andar direito, em Mira Sintra, portador do bilhete de identidade n.º 573.389, emitido aos 28/2/1975, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa.

Verifiquei a identidade dos outorgantes à face dos seus referidos bilhetes de identidade.

Os outorgantes declararam:

Que, pela presente escritura, constituem entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, da qual eles outorgantes ficam sendo sócios e que se regerá pelo pacto constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação MEIO MUNDO-TECIDOS E CONFECÇÕES, LIMITADA, tem a sua sede em Lisboa, na Rua de Campo de Ourique, número duzentos e vinte e três, tem o seu início no dia de hoje e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO

O seu objecto é o exercício do comércio de tecidos, confecções e qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem.

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de DUZENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de quatro quotas iguais de cinquenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada sócio.

QUARTO

A administração dos negócios sociais ficam a cargo de dois sócios que serão nomeados gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

PARÁGRAFO ÚNICO — Para que a sociedade fique validamente obrigada serão necessárias as assinaturas de um sócio gerente, e de um outro sócio gerente ou não.

Fica proibido aos sócios gerentes ou não gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e em todos os actos e assuntos estranhos à sociedade.

QUINTO

A cessão de quotas entre sócios é livre, mas a estranhos só é permitida com o consentimento da sociedade.

SEXTO

Qualquer dos sócios gerentes poderá delegar no todo ou em parte os seus poderes de gerência.

A sociedade poderá constituir mandatários nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial para a prática de certos e determinados actos.

SÉTIMO

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

OITAVO

No caso de falecimento de qualquer dos sócios transmitir-se-á a quota aos herdeiros os quais no prazo de sessenta dias da data comunicarão à sociedade em carta registada aquele que os ficará a representar até à data da partilha da herança, podendo entretanto o herdeiro optar pela venda da quota à sociedade a qual será liquidada em duas prestações semestrais pelo valor de balanço à data da cedência.

Asim o disseram e outorgaram.

Fica arquivado, sob o n.º 37, uma certidão passada aos vinte e um de Maio findo pela Repartição do Comércio, com a qual se faz certo não ter a sociedade adoptado denominação igual à de outra já existente ou por tal forma semelahnte que possa induzir em erro.

Fiz a advertência da obrigatoriedade de registo dentro de três meses.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e aos mesmos explicada, quanto ao seu conteúdo, em voz alta e na presença simultânea de todos.

Nacional

CASO FAUSTO CRUZ

Comissão de luta comentou incidentes

Os incidentes ocorridos com a Polícia durante a manifestação realizada em favor da ilibação de Fausto Cruz e a actual situação deste processo foram os temas tratados pela Comissão de Luta da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, e direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, em conferência de Imprensa.

Comentando a acção dos agentes da P. S. P. da esquadra do Rossio, quando a manifestação dos Estudantes passava no local, um membro da Comissão de Luta disse que ela era «inaceitável» e que se tratou duma «provocação». Reforçando esta ideia, um dos presentes afirmou que um polícia, empunhando uma pistola, gritava aos estudantes para se aproximarem da esquadra.

Delfim Cardoso revelou: «Fui agredido e preso pela Polícia» e acrescentou aos órgãos de Informação, que quando estava a ser arrastado por polícias para dentro da esquadra lhe teriam proferido diversas injúrias.

A convicção dos estudantes que a atitude da polícia seria uma «provocação» é ainda corroborada pelo facto de, segundo o testemunho de Delfim Cardoso, «os polícias terem desejado, a dada altura, sair com G-3 e coletes à prova de bala para a rua, que só não o fizeram por causa da intervenção do comandante».

Outro dos membros da Comissão de Luta, que esteve na esquadra, também afirmou que ele e Delfim Cardoso foram vítimas de provocações verbais por parte de um polícia, facto a que os restantes guardas «não ligaram o mínino».

Entretanto, o rolo fotográfico que foi apreendido a Delfim Cardoso, no momento da sua detenção, já lhe foi devolvido ontem à tarde pelo comandante da esquadra.

Por outro lado os estudantes revelaram que no encontro que tiveram com o presidente do Supremo Tribunal da Justiça, este se «comprometeu» a que, caso a decisão deste Tribrunal, a tomar em reunião que se realiza no próximo dia 14, se incline para que o caso de Fausto Cruz seja da competência do foro civil, e não militar, «o seu julgamento se fará imediatamente». «Até dia 14», acrescentara, «ficaremos, portanto, à espera».

Desertores e refractários já podem passar à reserva territorial

A Secretaria de Estado da Emigração divulgou umá nota na qual refere que, em conformidade com o disposto no Decreto-Lei N.º 504/76, de 1 de Julho, todos os indivíduos que se tenham constituído em situação militar irregular até ao dia 2 de Maioo de 1974, sendo compelidos ou refractários, ou até ao dia 9 de Outubro de 1974, sendo desertores, poderão proceder à sua regularização, sendo dispensados da inspecção e passando à reserva territorial na altura da sua apresentação.

O alistamento na reserva territorial obriga ao pagamento de uma taxa de regularização, cuja anuidade é de 600 escudos, a qual é paga durante o ano civil a que respeita. As anuidades são devidas desde o ano em que foi constituída a situação militar irregular até ao ano em que se completam 45 anos de idade.

Estas disposições produzem efeitos até 31 de Março de 1977.

A não regularização da situação militar terá como consequência a aplicação das normas da lei e o serviço militar referentes aos desertores, refractários e compelidos, designadamente à sua classificação de apto para o serviço nas Forças Armadas.

FÉRIAS ECONÓMICAS... PARA TODOS...!

ILHAS

MADEIRA	desde
Fim Semana (3dias) partidas às Sextas	2.490$
Uma Semana (8 dias) partidas aos Sáb. e Dom.	2.890$
AÇORES	
Uma Semana (8 dias) partidas aos Domingos	4.780$

ESTRANGEIRO

LONDRES	desde
4 dias (5.a/Dom.) (No passaporte: 1.720$)	4.650$
5 dias (Dom./5.a) (No passaporte: 1.960$)	4.950$
8 dias (5.a/5.a) (No passaporte: 2.520$) partidas todas as semanas	5.650$
TANGER	desde
Fim Semana (3 dias) (No passaporte 700$)	2.390$
Uma Semana (8 dias) (No passaporte: 1.800$ partidas todas as semanas	3.650$

Programas e Reservas

VIAGENS RAWES

Lisboa-Correspondência R. Bernardino Costa 47 Expediente Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231 Faro - Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

TORM LINES

Para:

BARCELONA — ALGER
MALTA e ALEXANDRIA

n/m. «TORM GUNHILD» em 2 de Agosto

OS AGENTES GERAIS:

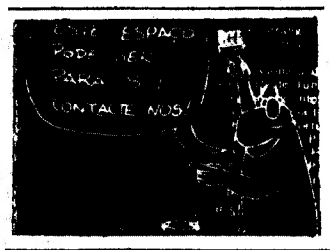
SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 90 56 / 38 22 66
Lisboa 2 Portugal

Agentes no Porto:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY
& BARROS LEITE, LDA.

Ensino Particular

- Prazo normal de Matrículas no Ensino Primário até ao dia 15.
- Jardim de Infância, continuam as inscrições.
- Educadores e Professores formados, Psicólogo, Francês (Prof.ª de nacionalidade), Música e Ginástica por professoras diplomadas.
- Formação integral dos homens de amanhã.

C.º Sá de Miranda
Rua Alexandre Braga, 17
Telefs. 4 53 10 / 53 75 32



REDITEX
Comércio
e Distribuição
de Produtos
Têxteis, Limitada

Certifico que por escritura de 8 do corrente, lavrada de fls. 58v. a fls 60v. do respectivo livro F n.º 15,, do 8.º Cartório Notarial do Porto, a sede da sociedade sob epígrafe, que era em Lisboa na Avenida do Brasil, n.º 184-5.º esq.º, freguesia de São João de Brito, foi deslocada para a cidade do Porto, na Alameda Eça de Queirós, n.º 136, freguesia do Bonfim, tendo, por isso, sido alterado o artigo primeiro do pacto regulador da dita sociedade com inclusão neste dum parágrafo único, e foi também alterado o corpo do artigo sexto do mesmo pacto.

Aos ditos artigos foi dada a seguinte redacção:

Art.º 1.º — A sociedade adopta a denominação de «REDITEX — COMÉRCIO DISTRIBUIÇÃO E PRODUTOS TEXTEIS, LIMITADA», tem a sua sede e escritório nesta cidade do Porto, na Alameda Eça de Queirós, número cento e trinta e seis, freguesia do Bonfim, e durará por tempo indeterminado a contar da data da sua constituição.

§ único — Por simples deliberação da assembleia geral, a sociedade poderá deslocar a sede social dentro da mesma localidade.

Artigo 6.º — A gerência, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios que serão gerentes, com ou sem remuneração, conforme foi deliberado em assembleia geral, e para que a sociedade fique obrigada nos respectivos actos e documentos são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou só a da gerente D. Maria Antonieta de Amorim Teixeira.

(Mantem-se os parágrafos primeiro e segundo deste artigo).

Está conforme o original.

Porto e Oitavo Cartório Notarial, 01 de Janeiro de mil novecentos e setenta e seis.

O Ajudante do 8.º Cartório

António Alberto da Silva Alves

Pesquisas e Captações de águas
Furos Artesianos

Celestino Caetano & Filhos, Lda.
Alvarinhos — Sintra — Tel. 248 04 52
Vilaverde — Tel. 248 02 11

PUB

ELEIÇÕES PARA OS ÓRGÃOS DA REGIÃO SUL DA ORDEM DOS ENGENHEIROS

ESCLARECIMENTO

A propósito de notícia dada no telejornal das 20.30 h. de 9.7.76, sobre as próximas eleições para os Órgãos da Região Sul da Ordem dos Engenheiros, os candidatos da Lista B esclarecem os seguintes pontos:

1 — ao contrário do que foi noticiado, a Lista B não é proposta pelo actual Conselho Regional nem se considera seu continuador.

2 — também ao contrário do que foi sugerido, nunca existiu qualquer tomada de posição discordante da Lista A sobre o problema da unicidade sindical, pela simples razão de que os candidatos da Lista B só recentemente se constituiram como grupo e, tal como é sabido, a Ordem não possui quaisquer funções sindicais desde que, em 1975, foram criados os Sindicatos de Engenheiros. Aliás, este problema nem sequer é focado quer pelo programa da Lista A, quer pelo da Lista B.

3 — os candidatos da Lista B repudiam vivamente a especulação partidária levada a cabo pela Lista A, atitude que se considera **despropositada e abusiva.** Despropositada, já que se trata de eleições para os Órgãos duma Associação sem caracter partidário ou sindical.

Abusiva, atendendo a que é bem conhecida pela classe a grande diversidade de opiniões políticas dos elementos integrantes da Lista B.

4 — aproveita-se a oportunidade para esclarecer que os candidatos da Lista B consideram essencial para o futuro da Ordem dos Engenheiros conseguir realizar um programa de acção suprapartidário e independente, que permita unir a classe dos engenheiros e colocar a engenharia ao serviço do País, no mais estrito respeito pelas regras democráticas e não tolerando quaisquer manobras políticas obscuras.

Lisboa, 9 de Julho de 1976

OS CANDIDATOS DA LISTA B

ANGOLA: AS EXECUÇÕES DOS MERCENÁRIOS

Réus tiveram todas as garantias — disse Alfredo Varela ao "DL"

O escritor argentino Alfredo Varela, membro da Comissão Internacional de Inquérito que esteve em Luanda, quando falava ao nosso jornal

«O processo de julgamento dos mercenários em Angola decorreu com uma dignidade e uma seriedade que demonstram a maturidade politica da jovem República. Os próprios jornalistas estrangeiros e os advogados de defesa o reconheceram em pleno tribunal, surpreendidos com as garantias excepcionais que foram dadas à defesa e que não são comuns em processos deste género», disse-nos, no seu regresso de Luanda, o jornalista e escritor argentino Alfredo Varela, que participou na Comissão Internacional de Inquérito sobre as actividades dos mercenários, na sua qualidade de membro dirigente do Conselho Mundial da Paz.

«O julgamento e a sentença foram um grande exemplo para a humanidade» disse ainda Varela. «Ao mesmo tempo ficou bem claro, durante este processo, que os verdadeiros usufrutuários do mercenarismo não estavam sentados fisicamente, no banco dos réus. Pelos depoimentos dos próprios mercenários e pelas conclusões da Comissão de Inquérito demonstrou-se qual o papel desempenhado pela CIA e outras agências internacionais nesta questão, assim como a responsabilidade de certos governos ocidentais, nomeadamente os Estados Unidos e a Inglaterra. Quanto às penas propriamente ditas, podem considerar-se, ainda, benévolas, se atendermos ao que o mercenarismo representa de retrógrado e ao perigo das suas actividades como tentativa para abafar a luta de libertação dos povos na África Austral e até no meu continente, a América Latina.

Alfredo Varela é escritor e jornalista, internacionalmente conhecido e autor de um livro, «Rio Escuro» que já foi cinematizado e está traduzido em 15 línguas. Pertence, aos órgãos directivos do Conselho Mundial da Paz e é laureado com a medalha de ouro «Joliot Curie», desta organização para a paz e a cooperação entre os povos e com a Medalha Lenine.

A sua actividade de escritor levou-o, já há tempos, a Angola pois prepara um livro sobre o jovem país onde, segundo explicou, pensa transmitir as impressões fortemente positivas recolhidas nos campos, nas fábricas, nas aldeias, nas cidades e nas frentes de combate da República Popular de Angola. Na segunda vez que esteve em Angola, demorou-se lá dois meses, agora concluídos, tendo, entretanto, feito parte da Comissão Internacional de Inquérito aos crimes dos mercenários no mundo. A Comissão encerrou os seus trabalhos antes do julgamento propriamente dito com a publicação de três documentos sobre as actividades dos «soldados da fortuna». Foi aprovado um convénio internacional contra o mercenarismo, já discutido na recente cimeira da Organização de Unidade Africana e que vai estar presente à reunião dos Países Não-Lainhados em Skri Lank para, finalmente, ser apresentado à ONU, na Assembleia Geral de Setembro. Saiu também da Comissão uma Declaração sobre o papel do mercenarismo e um Documento sobre o processo propriamente dito. A Comissão era, sobretudo, constituida por juristas de renome internacional mas participaram também alguns cientistas e intelectuais caso de Alfredo Varela.

Dado o facto de ter palmilhado Angola de lés a lés — esteve no Norte e no Sul, no planalto Central e no Leste, ao que afirmou — e dado também que contactou com trabalhadores e operários assim como os dirigentes do MPLA e do Governo, inclusive com o próprio Agostinho Neto, pedimos a Alfredo Varela para nos dar uma ideia sucinta do que viu em Angola e do que vai transmitir aos seus leitores no livro em preparação.

PAINEL DE MISÉRIAS

«De momento, Angola é uma espécie de painel de todas as misérias e epidemias do colonialismo. A mortalidade é elevadíssima, a taxa de analfabetismo roça os 90 a 95 por cento, não há técnicos, notam-se os efeitos da sabotagem anterior à retirada dos colonos. As pilhagens dos invasores, sejam eles zairenses, sul-africanos, mercenários, sipaios e todos os outros, estão à vista nas fábricas, nas cidades e em todo o lado. Há fábricas paradas, em grande quantidade, ou porque foram roubadas as máquinas ou subtraídas peças fundamentais para o seu funcionamento, o parque de transporte automóvel ficou arrasado: dos 18.000 camiões que havia restam uns 3000, muitos deles em péssimo estado de funcionamento; 100 pontes foram destruídas durante a guerra; as estradas minadas. Em suma, as dificuldades actuais são enormes».

Apesar destas dificuldades que, segundo disse, o impressionaram Alfredo Varela transmitiu-nos uma imagem optimista do futuro da RPA.

«Paralelamente a isto tudo nota-se, uma grande firmeza e serenidade de toda a gente. A orientação do MPLA é clara e tem a preocupação permanente de explicar ao povo estes problemas para reclamar dele esforço e sacrifício. O povo tem respondido com grande entusiasmo apesar da miséria e fome em certas regiões. Há entusiasmo porque as pessoas sentem-se livres. Nomeadamente, está a ser feito um esforço gigantesco na colheita do café e na recolha da canade-açúcar. Os primeiros engenhos começaram a funcionar. Pelo que vi e conheço dos dirigentes angolanos, está-se a tentar criar uma sociedade multirracial, na prática e não no papel, e um país onde exista uma grande fraternidade entre todos os estratos da população. A luta contra o tribalismo, o regionalismo, o individualismo e o racismo estão na ordem do dia. Angola prepara a caminhada para uma sociedade socialista. Para isso conta com a ajuda dos países socialistas mas também de outros povos do Mundo, casos por exemplo da Suécia e da Itália cuja presença em Luanda se nota positivamente.

ENCONTRO COM VÍTOR CRESPO

Varela deu-nos também algumas indicações sobre os contactos mantidos com o ministro Vítor Crespo, logo após regressar de Luanda.

«O meu interesse sobre Angola e sobre o novo Portugal é que me levou a solicitar este encontro. Notámos ter certas ideias comuns, sobre o que Portugal e Angola podem fazer no futuro no domínio das relações bilaterais. Os responsáveis do MPLA e o próprio Agostinho Neto manifestaram-me em várias ocasiões o seu interesse em normalizar as relações com Portugal pois sabem que daí resultam vantagens mútuas e isso é do interesse da luta de libertação dos povos e pode contribuir para a paz, o desanuviamento e a cooperação entre as nações. Foi isso que tive o prazer de dizer ao ministro Vítor Crespo e através dele aos dirigentes politicos deste novo Portugal que sorri hoje com muito optimismo e não apresenta mais o aspecto depressivo e triste dos anos da ditadura. Nessa altura passei por cá e fiquei sem vontade de voltar; hoje tenho pena de não poder continuar mais tempo para contactar este povo finalmente livre dos ditadores».

O escritor Alfredo Varela concluiu o seu depoimento ao nosso jornal retomando o tema dos mercenários:

«Não fazia sentido que criminosos deste género não fossem condenados e os mais culpados sujeitos a fuzilamento depois de rigor mostrado pelo MPLA contra elementos das suas próprias forças de libertação as FAPLA. Quando da segunda guerra de libertação alguns foram fuzilados por banditismo e crimes contra o povo. Como ia proceder-se agora? O povo era capaz de pensar, que a lei era dura para os cidadãos angolanos e benévola contra criminosos estrangeiros. Não podia ser».

PUB

EDP

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL

EMPRESA PÚBLICA

Redes das Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO IMPORTANTE

RESTRIÇÕES DE ENERGIA ELÉCTRICA

Informamos todos os consumidores dos Concelhos abaixo indicados, que se mantêm as condições que levaram a proceder a interrupções no fornecimento de energia eléctrica nas redes de distribuição de alta e baixa tensão.

Assim, de 2.ª feira dia 12 até 6.ª feira dia 16, inclusive, essas interrupções serão escalonadas como a seguir se indica, salvo casos de força maior:

Das 15.30 às 17 horas

Concelhos de Lisboa e Loures

Das 14 às 15.30 horas

Concelhos de: Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cascais, Cartaxo, Mafra, Oeiras, Santarém, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira.

Chamamos, no entanto, a atenção dos consumidores para a necessidade de serem tomadas as precauções anteriormente divulgadas, a fim se evitarem possíveis acidentes.

HEI! ISTO É CONSIGO!

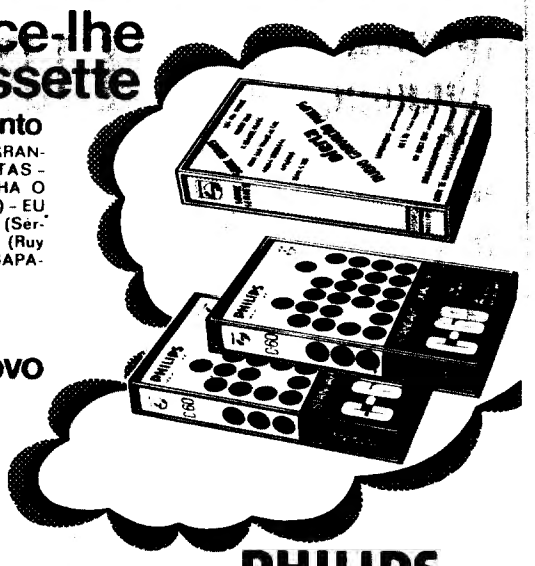
na compra de um gravador PHILIPS ou um radiogravador PHILIPS ou de um dos vários aparelhos PHILIPS com gravador de cassettes incorporado

a PHILIPS oferece-lhe uma musicassette com os êxitos do momento

HEI, HEI, WICKIE - SOMOS CEM - A GRANDE FESTA - PIPPI DAS MEIAS ALTAS - MINHA BICICLETA - AVÓZINHO - OLHA O SOL - LEMBRANÇAS (Green Windows) - EU E TU (Francisco José) - MY ONLY ONE (Sérgio & Madi) - SOLDADO PORTUGUÊS (Ruy Moura Guedes) - QUEM TE MANDA SAPATEIRO (Green Windows).

e mais duas cassettes de 60 minutos, com o novo sistema de segurança "FLOATING FOIL"

oferta limitada

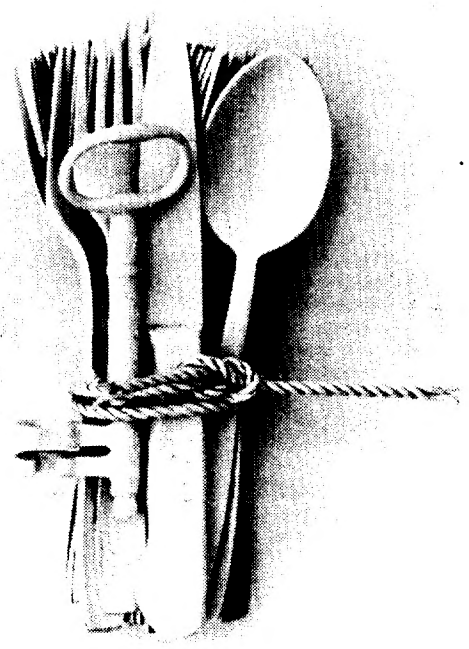


PHILIPS

PHILIPS - faz parte da sua vida

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA INDUSTRIA DE HOTELARIA, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

REVISÃO DO CONTRATO



COMUNICADO

Mobilizacao dos trabalhadores garante o inicio das negociacões

CAMARADAS

De Norte a Sul do País, os trabalhadores da Hotelaria, Restaurantes e Similiares deram uma firme resposta às manobras patronais.

De facto, as concentracões realizadas no dia 6 de Julho de 1976, no Porto, Coimbra, Lisboa e Faro, mostraram uma vez mais a determinacão dos trabalhadores do sector, em lutarem pelos seus mais legítimos direitos, negando-se a aceitar a demagogia e irresponsabilidade dos patrões.

Os milhares de trabalhadores que nestes distritos se concentraram junto do Ministerio do Trabalho, conseguiram com a força e unidade demonstradas, levar este Ministerio a tornar publico o inicio das negociacões, independentemente da presença de todas as entidades patronais.

É o que se pode ler no texto entregue pelo Ministério do Trabalho aos Sindicatos no momento da concentracão.

Lisboa, 6 de Julho de 1976

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL DO C. C. T. V. DA INDUSTRIA HOTELEIRA

Para esclarecimento do disposto no n.º 1 do comunicado hoje difundido nos Orgãos de Comunicacão Social, informa-se que caso no proximo dia 8 de Julho de 1976, não sejam presentes as negociacões do C. C. T. V. Hoteleiro, as associacões representativas das entidades privadas, serão de imediato convocadas para nova reunião a efectuar no dia 12 de Julho p.f., atraves dos meios de comunicacão social, todas as entidades patronais do sector que estejam dispostas a estabelecer por via negocial a respectiva regulamentacão a fim de nessa mesma data se dar inicio as negociacões.

PEL O DIRECTOR

Esta e outras posicoes favoraveis aos trabalhadores mostram claramente que só atraves duma luta persistente, serena mas firme de todos os trabalhadores organizados em torno dos seus sindicatos e avancando para formas de luta que em cada momento mobilizem e aglutinem os trabalhadores, estes conseguirão um reforço da sua unidade e combatividade contra todas as forcas capitalistas interessadas em impor uma prática terrorista e de exploracão desenfreada.

A actuacão das entidades patronais do nosso sector insere-se nesta mesma politica de recuperacão capitalista a que os trabalhadores terão de continuar a combater.

CAMARADAS

A nossa luta continua!

A vigilancia contra todas as manobras patronais deverá intensificar-se.

O nosso Contrato vai ser negociado, porque os trabalhadores não estão dispostos a ver diminuido o seu poder de compra, quando os patrões continuam a encher a sua bolsa.

EM FRENTE PELA REVISÃO DO NOSSO CONTRATO

Trabalho

PADEIROS AMEAÇAM

Ou C.C.T. ou pão gratuito

Se o patronato não aceder ao recomeço das negociações do CCT do sector até ao dia 27, os padeiros continuarão a fabricar o pão, mas a sua distribuição pela população será gratuita. A decisão foi tomada em assembleias gerais dos trabalhadores de Lisboa e Porto, ontem realizadas.

Nas mesmas assembleias foi recusada a hipótese de greve, dado que essa actuação talvez fosse a desejada pelo patronato, na medida em que lhe serviria de pretexto para pedido de aumento do preço do pão, ou até mesmo para virar a população contra os trabalhadores do sector da panificação.

Entretanto, outra questão já se levanta, uma vez que o patronato da panificação afirma que devido ao corte de energia eléctrica, a redução da farinha panificável poderá implicar a redução no fornecimento do pão ou o seu aumento de preço. O facto estaria, de resto, a servir de pretexto para que os patrões retomassem a ideia do horário nocturno, recusando-se mesmo ao pagamento das horas em que há cortes de energia.

Ainda quanto à possibilidade de ser distribuído gratuitamente o pão que produzam no dia 27, os trabalhadores da panificação alertam para a hipótese de os patrões fazerem «lock-out» na véspera, por exemplo retirando a matéria-prima dos armazéns respectivos. Por esse motivo, alertam para a responsabilidade do patronato caso se venha a verificar semelhante procedimento.

Contra a greve, em luta pelo CCT, os padeiros podem distribuir pão, no dia 27

NOTA OFICIOSA

Da Secretaria de Estado da Segurança Social recebemos para publicação a seguinte nota oficiosa:

«Em face da gravidade das afirmações produzidas durante a conferência de Imprensa, realizada em 7 de Julho de 1976, a que foi dada ampla divulgação pelos órgãos de Comunicação Social, por um autodesignado Secretariado das Comissões Administrativas das Caixas de Previdência e pelos elementos que se intitulam representantes do Movimento Sindical da Caixa Nacional de Pensões, entende necessário esta Secretaria de Estado esclarecer a opinião pública do seguinte:

«1 — Não existe qualquer Secretariado das Comissões Administrativas das Caixas de Previdência.

«De igual modo desconhece-se a representatividade do designado 'Movimento Sindical da Caixa Nacional de Pensões'.

«2 — Situação económica e financeira da Previdência.

«O orçamento geral da Previdência para 1976 foi elaborado pelos serviços dependentes desta Secretaria de Estado e não pelos promotores da conferência de Imprensa, como estes pretendiam fazer crer e previa uma déficie para o ano de 1976, de 14,7 milhões de contos.

«Fundamentalmente, este deficel foi motivado pela introdução de melhorias nos esquemas de benefícios que apontam para uma maior justiça social.

«A título de exemplo refira-se que apenas o aumento das pensões mínimas traduziu-se, em 1976, num aumento de encargos na ordem dos 12 milhões de contos.

«Por outro lado, a situação foi agravada pelo estado depressivo em que se encontra a economia portuguesa.

«Ilusório será admitir que o problema financeiro da Previdência poderá ser resolvido sem a normalização da actividade económica, com o consequente aumento de produção que permita distribuir a riqueza criada.

«Como medidas de emergência, uma vez que os anteriores Governos Provisórios nada fizeram para resolver a crise prevista já desde Dezembro de 1974 o VI Governo Provisório adoptou as seguintes medidas:

A recuperação das divisas a Previdência.

«Em 8 de Novembro de 1975, por despacho do secretário de Estado da Segurança Social, é determinado que os representantes dos trabalhadores deverão visar as folhas de férias e guias de pagamento a remeter pelas empresas às Caixas.

«Em 5 de Março passado, por despacho do secretário de Estado da Segurança Social, é permitido o estabelecimento de acordos entre as empresas em débito e as Caixas de Previdência tendo em vista a cobrança das dívidas em atraso.

«Em 31 de Março último, pelo Decreto-Lei n.º 225-E/76 entra em vigor a nova taxa de juros de mora de 1,5 por cento ao mês, em substituição da taxa anterior que era de 0,5 por cento ao mês.

«Em 14 de Abril de 1976, por despacho conjunto dos Ministérios das Finanças, Indústria e Tecnologia, e Assuntos Sociais, foi determinado o pagamento das dívidas à Previdência por parte das empresas nacionalizadas e com assistência ou intervenção do Estado.

«Em 7 de Julho corrente, pelos Decretos-Lei n.º 511, 512 e 513/76, foram tomadas medidas que visam nomeadamente a cobrança de contribuições e o agravamento das penalidades pelo seu não cumprimento.

«Com vista a tornar operacionais as medidas legislativas anteriormente referidas, iniciaram-se conversações de modo a possibilitar o financiamento modo a possibilitar o financiamento bancário às empresas com viabilidade económica e devedoras à Previdência.

B. Descapitalização

«Os títulos que a Previdência havia adquirido antes do 25 de Abril e que se encontram em poder do Estado, têm de lhe ser restituídos a fim do seu valor ser redistribuído em benefício de todos os portugueses mais desfavorecidos.

«É neste enquadramento que se considerou prioritária a descapitalização dos fundos da Previdência, a fim de cumprirem a função social que lhe é inerente.

«Este foi mais o ponto de vista já defendido pelos organismos sindicais que denunciaram a ilegitimidade da retenção por parte do Estado do dinheiro dos trabalhadores.

«Para além da complexidade de operações desta natureza, procedeu-se junto da Caixa Geral de Depósitos a uma operação de empréstimo no valor de 1,3 milhões de contos, que foi caucionado por títulos de dívida pública que venciam uma taxa média de juros de 4,9 por cento que se transmite à entidade que concedeu o empréstimo.

«Deste modo, não é legítimo afirmar-se que a operação realizada foi lesiva dos interesses dos trabalhadores, tanto mais que esta operação corresponde a uma antecipação na descapitalização.

«Devido às medidas adoptadas foi possível desenvolver-se mecanismos que permitam solucionar a situação deficitária no decurso dos benefícios de 1976, nunca tendo estado em causa o pagamento dos benefícios como demagogicamente foi afirmado na conferência de Imprensa de 7 do corrente, por elementos afectos à Intersindical onde aliás se realizou a conferência».

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.ª Vara

ANUNCIO

Publicado no jornal n.º 19100 de 12/7/76

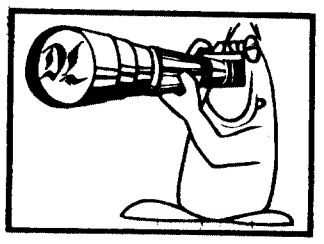
Nos autos de Execução Ordinária pendente na 1.ª Secção desta Vara, em que são: Exequente, Abílio Dias Cardoso, e Executado, José de Sousa Cintra, divorciado, comerciante, actualmente ausente em parte incerta e que teve o seu último domicílio conhecido na Rua Luciano Cordeiro, 83, 2.º Esq.º, em Lisboa, foi designado o dia 7 de Outubro próximo, pelas 15 horas, para a abertura de propostas de preço superior ao de 750 000$00, oferecido pelo exequente para a adjudicação de 9/32 avos de prédio sito em Famões, Freguesia de Odivelas, concelho de Loures, denominado Cabeço do Bispo ou Casal de Carolina, inscrito na matriz rústica sob o art.º 11, secção A, e descrito na Conservatória do Registo Predial de Loures sob o n.º 29587, a fls. 103 do livro B-85, penhorados naqueles autos e pertencentes ao executado;

Na mesma data (7/10/1976), à mesma hora (15 horas), irá pela 1.ª vez à praça, à porta deste Tribunal, para ser arrematada pelo maior lanço oferecido acimado seu valor nominal, a quota do valor nominal de 1 995 000$00, que o executado possui na firma Abrisol — Sociedade de Investimentos Hoteleiros, Ld.ª, com sede na Rua Mãe de Água, n.ºs 16-20, em Lisboa, igualmente penhorada nos autos supra mencionados.

Lisboa, 9 de Julho de 1976

O Juiz Corregedor,
(Aurélio da Costa Mouro e Martins)

O Escrivão de Direito,
(José Teixeira Alegre)



COMUNICADO

MÓVFIS I. T. M.—(FEIRA DO MÓVEL)

Participa aos seus estimados Clientes e Amigos que o seu **STAND DE VENDAS**, praticará de futuro o seguinte horário:

De 2.ª a SEXTA-FEIRA — das 10 às 20 horas
(encerrando no período de Almoço)

SÁBADOS — das 9.30 às 13 horas

Av. Padre Cruz — Lumiar (VIA RÁPIDA P/Loures)

Trabalho

AGFA-GEVAERT DE COIMBRA

Ameaça de encerramento afecta 400 trabalhadores

A comissão de trabalhadores da fábrica da Agfa-Gevaert, no Taveiro (Coimbra) terá uma reunião no Ministério do Trabalho com representantes deste departamento logo que o novo Governo tome posse, a fim de tentar encontrar uma solução para o futuro dos trabalhadores e da fábrica, agora ameaçada de encerramento em Dezembro próximo.

A reunião foi marcada no fim-de-semana durante o encontro que a comissão teve no Ministério do Trabalho, ao qual se dirigiu, logo que teve conhecimento, através de notícias divulgadas nos meios de Comunicação, da ameaça de encerramento.

O secretário de Estado, Marcelo Curto, referiu as conversações havidas entre a Administração da Agfa-Gevaert e o Ministério, em que os administradores revelaram a impossibilidade da continuação laboral da fábrica em máquinas fotográficas e a realização de um estudo de possível conversão das instalações que «não levou a grandes êxitos». Marcelo Curto referiu também o possível encerramento da fábrica em Dezembro próximo, opinando no entanto que deveriam ser encetadas diligências no sentido de se conseguir um entendimento entre a comissão de trabalhadores, o Ministério do Trabalho e a gerência da fábrica. No comunicado em que informam os trabalhadores da Agfa sobre este encontro, a comissão salienta que não foi feito qualquer pedido de segredo à administração por parte do Ministério do Trabalho e quanto às notícias publicadas nos jornais, julgava o secretário de Estado que os trabalhadores estavam ao corrente da situação. Sobre este último ponto, e tal como a CT informa no princípio do documento, a CT consultara a Administração que, ao referir-se ao seu encontro com o secretário de Estado, disse que este membro do Governo lhe pedira sigilo sobre o assunto, pelo que os trabalhadores ignoravam a situação, tendo dela conhecimento através dos jornais.

Adianta a CT que por trás de tudo isto existem factores de carácter político e outros, tais como a fuga ao cumprimento da portaria de regulamentação de trabalho dos Metalúrgicos e a concorrência da Kodak no mercado internacional.

A multinacional de capital alemão Agfa-Gevaert instalou-se no Taveiro, Coimbra há cerca de cinco anos, servindo-se inicialmente das instalações do Centro de Formação Profissional Acelerada, na Pedrulha. Emprega actualmente cerca de 400 trabalhadores.

Veterinários iniciam luta

Os veterinários municipais deverão ter iniciado hoje, uma greve total das suas actividades, exceptuando os serviços de Inspecção Sanitária, dos Alimentos e das Vacinas contra a raiva. O conflito que opõe os médicos veterinários à Junta Nacional dos Produtos Pecuários pode vir a agravar-se caso não sejam atendidas as pretensões daquele sector profissional, até ao dia 30 do corrente mês.

As razões que levam os veterinários a iniciarem este processo de luta que poderá afectar o fornecimento de carnes, ovos e pescados, logo que se atinja uma fase mais aguda da paralisação, variam do protesto pela falta de condições em que determinados municípios continuam a permitir o abastecimento público, «porque 50 câmaras municipais do País não abrem concursos para veterinários municipais», até à questão dos vencimentos.

No que respeita à falta de veterinários em numerosos municípios o Sindicato Nacional dos Médicos Veterinários afirma que tal não se deve à falta de técnicos (existem 10 por cento de desempregados, na lista de mil daquele organismo), mas sim ao facto de se ter verificado a transferência de património dos Matadouros das Câmaras para a Junta Nacional dos Produtos Pecuários. E a JNPP «até este momento, certamente por falta de estruturas, pouco ou nada fez para melhorar as condições de higiene dos mesmos».

Quanto aos vencimentos, salientando o que consideram uma tabela baixa, o Sindicato afirma que a Portaria 84/75 prevê uma gratificação para os veterinários municipais que desempenham funções de gestão nos matadouros, sem que a JNPP lhe tenha dado até ao presente o cabal cumprimento.

As implicações do corte diário de energia que ultimamente se vem verificando, é um dos temas em debate no plenário nacional de organizações sindicais que esta manhã começou no Instituto Superior Técnico, por iniciativa da Intersindical Nacional. A reunião visa fundamentalmente analisar a actual situação política do País

Sindicatos analisam falta de energia

Compasso de espera na função pública

A comissão directiva provisória do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública, Zona Sul, está a desenvolver contactos com outros sindicatos, com vista a auscultar a sua opinião sobre a proposta de «dia de greve total», recentemente aprovada pelos delegados sindicais do sector. Regista-se, assim, um compasso de espera na luta da função pública pela revogação do decreto-lei que criou o quadro de adidos, considerando factor de desemprego.

Por deliberação da assembleia de delegados realizada no dia 6, só após esses contactos a direcção provisória do Sindicato poderá definir, em conjunto com os outros sindicatos, a data da paralisação, «tendo em consideração que só uma minoria dos trabalhadores da Função Pública» aprovou, até agora, essa forma de luta.

Entretanto, a comissão directiva está mandatada para entrar em contacto com l Governo constitucional, exigindo da sua «força política constituinte o cumprimento dos seus sucessivos e públicos protestos» contra o Decreto-Lei n.º 294/76 (quadro de adidos) e «exigência da sua revogação». Esses contactos poderiam, em princípio, ser favoráveis, pois essa força «já repetidas vezes se pronunciou pela revogação» daquele diploma — consoante resultou daquela assembleia.

Os delegados continuam vinculados a desenvolver uma campanha de esclarecimento e sensibilização dos trabalhadores da F.P., e da opinião pública em geral, sobre as razões da sua luta, que se dirige contra a legislação que considera contrária aos seus direitos laborais e sindicais. Será marcada oportunamente nova assembleia para fazer o ponto da situação.

Transformação do Villaret agrava crise de desemprego

— afirma o Sindicato dos Espectáculos

«Neste momento, os principais teatros de Lisboa estão fechados. São centenas de famílias sem meios de sobrevivência. É a maior crise de trabalho de há muitos anos», afirma a direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, em exposição enviada ao ministro da Comunicação Social a propósito de notícias referentes à transformação do Teatro Villaret em cinema.

O Sindicato exprime a determinação de «lutar por todos os meios ao seu alcance no sentido de impedir o que é a todos os títulos inaceitável: o desaparecimento de mais um espaço teatral», e sugere a abertura de um debate em que interviesse a empresa, o Sindicato e o Ministério do Trabalho, «dado que estão em causa postos de trabalho que deverão ser respeitados».

A transformação do Villaret — afirma o Sindicato — poderia agravar a crise do sector, que é muito grande e incide, especialmente, no domínio das variedades e bailado. «A perda de uma **oficina** em Lisboa, quando tantos artistas constituídos em cooperativas lutam para encontrar um espaço onde exercer a sua actividade, parece-nos muito grave» — acrescenta.

O Sindicato manifesta também o desejo de que não sejam tomadas quaisquer decisões nas costas dos trabalhadores, já que tem «razões para temer» que o pedido de um alvará de cinema para o Teatro Villaret — que ainda não teria sido feito, apesar das obras de transformação em curso naquela sala — «possa acabar por ser atendido» sem seu conhecimento.

A exposição lembra, a propósito, que «salas como o S. Luís, o Laura Alves, o Maria Matos, o Capitólio, o Variedades e algumas outras não estão a ser utilmente utilizadas na prática de um Teatro que não queremos seja só didáctico, mas também de divertimento são, que garanta a vida de centenas de profissionais».

Relojoeiros mantêm zelo

Como resposta à posição irredutível do patronato na recusa das reivindicações sindicais, os trabalhadores de ourivesaria e relojoaria do Norte, reunidos ontem em assembleia geral extraordinária, decidiram continuar a «greve de zelo» iniciada em fins de Junho.

Para além do propósito de ser mantida a «greve de zelo», a assembleia aprovou duas propostas, uma para que não houvesse mais cedências na propostasobre o C.C.T. e outra para que fossem reatadas as negociações através do M.T., forçando a assinatura do contrato com efeitos retroactivos desde Maio findo.

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATELITE

Agrícolas entregaram C.C.T.

Os sindicatos dos Operários Agrícolas do Distrito de Santarém e dos Trabalhadores da Agricutltura, Pecuária e Silvicultura do Distrito de Lisboa entregaram no dia 6, ao secretário de Estado do Trabalho o projecto de Convenção Colectiva de Trabalho para aqueles trabalhadores.

Papeleiros querem melhores salários

Conforme decisão tomada ontem em plenário, os papeleiros do Norte dos grupos 3 e 4 entraram hoje em greve até que o patronato assine o CCT que tem recusado negociar.

Segundo informação sindical, a adesão à greve é de 85 por cento.

A proposta sindical estabelece um vencimento médio de 5.000 escudos para 1.500 trabalhadores daqueles grupos, muitos dos quais nem o salário mínimo recebem. Considerando embora que as fábricas dos grupos 3 e 4 são as de menor capacidade económica, os sindicatos (quer o do Porto, quer os de Aveiro, Braga e Viseu) calculam que as empresas têm possibilidade de satisfazer as reivindicações dos trabalhadores e denunciam o facto do patronatonão ter comparecido, uma vez sequer às reuniões da Comissão Técnica constituida por elementos dos Ministérios do Trabalho e Indústria, do Sindicato e do patronato e que tem por finalidade a análise da situação do sector.

No plenário de ontem os trabalhadores decidiram também deslocar-se a Lisboa, amanhã, no caso de não ser confirmada pelo M. T. uma reunião marcada para aquele dia.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 54/76

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, propostas para o concurso público referente à «EMPREITADA N.º 474/76/GTH — TRABALHOS DE URBANIZAÇÃO, PAVIMENTOS E ESGOTOS NO BAIRRO DO PAILEPA, 2.ª FASE (AMPLIAÇÃO)», com a base de licitação de 2 035 200$00. Processo n.º 24/76/CP/DSTE.

O depósito provisório é de 50 880$00 e definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, no Gabinete Técnico da Habitação, sito na Avenida da República, 101, dàs 9.30 às 12 e das 14.30 às 20 horas, prestando-se todos os esclarecimentos técnicos no segundo período de serviço.

Também estão patentes as peças do referido concurso na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, Avenida 24 de Julho, 171, dentro das horas de expediente.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na IV ou V Categoria ou 1.ª Subcategoria da IV Categoria ou 4.ª Subcategoria da V Categoria e da Classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 16 horas, no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 30 de Junho de 1976

O PRESIDENTE
DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Lino José Góis Ferreira
Coronel

Nacional

....Em fins de Maio de 1975 as «vozes do subsolo», silenciadas por gerações de fome e doenças nas minas, disseram uma palavra sobre alguns problemas de S. Pedro da Cova. Foi então que milhares de pessoas, antigos mineiros e gente ligada ao mundo da miséria que as minas de carvão espalharam pela zona, decidiram em plenário da freguesia que as rendas das «casas» que foram pertença da companhia passariam a ter um novo destino, deixando de ser pagas aos antigos donos. Efectivamente, as minas fecharam em 1970 e cinco anos depois a empresa continuava a cobrar, todos os meses, pelas habitações miseráveis arrendadas aos antigos mineiros. Estes reagiam assim contra o que consideravam um prolongamento inadmissível da exploração, depois de dezenas de anos de miséria, quando as minas já não funcionavam e haviam ficado sem trabalho. Aliás, depois de 1970, sucederam-se as ordens de despejo, ameaçando gente sem emprego de ficar sem as pobres barracas onde viviam.

A decisão do plenário seguiu-se à ocupação de um velho e ainda robusto edifício onde haviam funcionado os escritórios e nela tomaram parte as comissões de moradores, um grupo de teatro amador e elementos da Escola Preparatório de D. Afonso V, de S. Pedro da Cova. Todos juntos formaram o Centro Revolucionário Mineiro (C. R. M.) que passou a dar ao edifício uma utilidade imediata: local de trabalho para uma vasta obra de assistência, ensino e valorização humana e social.

EM S. PEDRO DA COVA

Comissões d enterraram um passado

Em fins de Maio de 1975 as «vozes do subsolo», silenciadas por gerações de fome e doenças nas minas, disseram uma palavra sobre alguns problemas de S. Pedro da Cova. Foi então que milhares de pessoas, antigos mineiros e gente ligada ao mundo da miséria que as minas de carvão espalharam pela zona, decidiram em plenário da freguesia que as rendas das «casas» que foram pertença da companhia passariam a ter um novo destino, deixando de ser pagas aos antigos donos. Efectivamente, as minas fecharam em 1970 e cinco anos depois a empresa continuava a cobrar, todos os meses, pelas habitações miseráveis arrendadas aos antigos mineiros. Estes reagiam assim contra o que consideravam um prolongamento inadmissível da exploração, depois de dezenas de anos de miséria, quando as minas já não funcionavam e haviam ficado sem trabalho. Aliás, depois de 1970, sucederam-se as ordens de despejo, ameaçando gente sem emprego de ficar sem as pobres barracas onde viviam.

A decisão do plenário seguiu-se à ocupação de um velho e ainda robusto edifício onde haviam funcionado os escritórios e nela tomaram parte as comissões de moradores, um grupo de teatro amador e elementos da escola preparatória de D. Afonso V, de S. Pedro da Cova. Todos juntos formaram o Centro Revolucionário Mineiro (C. R. M.) que passou a dar ao edifício uma utilidade imediata: local de trabalho para uma vasta obra de assistência, ensino e valorização humana e social.

Um ano depois de iniciado este esforço, o C. R. M., que não é nenhum organismo de cúpula mas apenas o lugar da conjugação de vontades dos organismos populares que aí se encontram e trabalham, conseguiu levar à prática algumas iniciativas concretas em benefício das populações e com resultados surpreendentes. Assim, grande número de pessoas aprendeu a ler, centenas de outras tiveram consultas médicas e remédios gratuitos, muitas habitações foram melhoradas sem despesa para os moradores, atendeu-se a problemas de água, acessos e lixeiras, muitos mineiros conseguiram, finalmente, ver reconhecidos os seus direitos à assistência e à reforma pela Previdência do Estado. Esta última conquista exigiu um grande esforço de reconstituição dos processos individuais dos mineiros e veio revelar que a antiga companhia das minas não só os havia privado das poucas regalias sociais a que tinham direito como também, em muitos casos, escamoteara os anos de serviço efectivamente prestados, prejudicando as indemnizações devidas aos mineiros.

UM MUSEU, UM AVISO

Há pouco, passado um ano sobre a ocupação e o nascimento do C. R. M., a população de S. Pedro da Cova festejou, durante dois dias, as vitórias conseguidas para a freguesia graças a um esforço que foi inteiramente seu. Milhares de pessoas voltaram então aos velhos «escritórios» onde estava um passado carregado de silêncio e opressão. Foi aí que os encontrámos e ouvimos, na poeira negra que cobre o vasto perímetro das minas onde as cores das bandeiras colocadas nas ruínas simbolizam hoje uma nova esperança.

Os festejos incluíram a abertura ao público do Museu do Mineiro de S. Pedro da Cova, instalado na cave do edifício ocupado. Criação popular voltada para a realidade vivida por gerações de mineiros, este museu ganha um verdadeiro sentido pedagógico e torna-se vivo e autêntico por isso mesmo. Recusando ser um amontoado de objectos desligados do mundo concreto de onde surgiram, ele é um testemunho, um aviso e uma lição. Mesmo assim, numa instalação rápida e quase provisória, pode dizer muito a todos nós e, sobretudo, às crianças das escolas onde haja professores que dêem mais valor ao homem real deste País do que aos «grandes princípios» abstractos com que, através do ensino, se moldam e aviltam as coincidências.

No Museu Mineiro, uma homenagem a uma trabalhadora assassinada pela G.N.R.

O quotidiano dentro e fora da mina está ali, numa evocação que abrange muitas dezenas de anos. Desde as roupas transformadas em séries sucessivas de remendos até ao pipo da água bebida quente no calor asfixiante da mina, desde os documentos das greves às cartas do «sindicato» em apoio de manifestações a Salazar, desde as papas de linhaça ao «regulamento» das «casas» da companhia, desde as cartas de menores, assinadas a pedido, para deixarem o fundo da mina por razões de saúde até à lista dos mortos por acidentes, desde as fotografias dos grevistas à recordação dos mineiros torturados ou «desaparecidos».

As crianças da Escola de D. Afonso V tiveram uma curiosa participação na formação deste museu. Coube-lhes recolher objectos e documentos e, além disso, pedaços de carvão com fósseis de plantas e animais de uma grande nitidez e que constituem, até pelo cuidado tido na sua arrumação, um elemento novo e valioso deste museu do mineiro. Num dos cantos da sala foi reconstituído, em tamanho natural, um pedaço de galeria, dando uma ideia da clausura subterrânea da mina.

Nos dois dias dos festejos grande número de antigos mineiros e britadeiras conviveram e contaram, por vezes apontando objectos e fotografias do museu, como quem mede o peso de um passado que existiu. E andaram também por toda a zona das velhas instalações em ruínas, situando nos escombros a memória dos companheiros trazidos sem vida do poço, das mulheres a quem os capatazes pisavam as mãos para impedir o cansaço de catorze horas por dia a partir carvão, das crianças que se escondiam dos fiscais no fundo da mina por causa da idade, dos doentes tratados com as papas de linhaça do dr. Porfírio, a memória ainda dos companheiros que resistiam e pagavam a luta com a vinda da carrinha da Polícia que os esperava, esfarrapados e sujos, mesmo à boca da mina.

João Alves, antigo mineiro, hoje com sessenta e poucos, passou metade da sua vida no fundo do poço. Em 1923 era criança: «Fui um dos que foram levadas para o Porto na altura da greve. Fiquei lá um ano, ao pé da Lapa. As pessoas diziam à nossa chegada «vivam os filhos dos mineiros de S. Pedro da Cova» e pegavam-nos ao colo. Depois os donos da mina prometeram mais qualquer coisa aos meus pais para eu vir também trabalhar e eles foram-me buscar. Tinha

«Vivam os mineiros, viva o Centro Revolucioná velh

uns oito anos. Comecei a aprender lá no Porto e nunca mais acabei. Ainda me lembro que escondiam a gente num canto da mina quando aparecia um inspector, por causa da idade. Andei quarenta e tal anos nas minas. Foi até fecharem».

A GREVE DE 1923

Desde o princípio deste século que houve lutas em S. Pedro da Cova, algumas das quais ficaram célebres na história do movimento operário. Como a miséria e a repressão, elas foram também uma constante na vida das minas.

Descobertas por volta de 1795, diz-nos Serafim Gesta (Mazola) que às lutas destes mineiros tem dedicado algum estudo, as minas de S. Pedro da Cova tiveram um certo impulso industrial por volta de 1920. As más condições de trabalho, degradando-se progressivamente, estiveram já na origem das lutas travadas por volta de 1918/19. Durante meio século a repressão foi-se intensificando sem que, todavia, se tivessem verificado melhorias substanciais na situação dos mineiros. Estes provinham muitas vezes de concelhos vizinhos e habitavam casas miseráveis de madeira e blocos de cinza, sem soalho nem saneamento e albergando em regra famílias numerosas. Eram as «casas da malta», as casas dos «malteses», oriundos de Valongo, Penafiel, Amarante, etc., disse-nos ainda Serafim Gesta.

Por outro lado, eram quase todos analfabetos e passavam fome na grande maioria dos casos. Os horários de trabalho atingiam as 16 e 18 horas diárias. Um dos mineiros desse tempo declarou-nos: «Muitos de nós não víamos o sol semanas a fio, entrávamos de noite para a mina e saíamos já era outra vez noite. E não havia domingos nem feriados. Mas isto foi assim durante anos e anos.»

«A vida nas minas, se a gente foi a contar ninguém acredita» disse-nos um deles. E acrescentou: «Vivíamos pior que os animais, os salários eram uma verdadeira desgraça, havia doenças e as crianças muitas vezes nem tinham que comer. Por causa do calor trabalhávamos despidos no fundo da mina. Tiravam-nos dias de salário por castigo, pagávamos o carboneto e a ferramenta do nosso bolso.»

Várias pessoas nos falaram das vagas de tumultos e assaltos em S. Pedro da Cova. Grupos de assaltantes roubavam para comer. Ficaram célebres os nomes do «Nisco», do «Manhoso» e do «Choca», que dirigiam e organizavam assaltos. Falaram-nos, inclusivamente, nas «duas horas de saque» autorizadas por Afonso Costa nos tempos da Primeira República. Sobre isso afirmou-nos Serafim Gesta: «O nome de António Martins Ferreira, conhecido por «Choca», deve ser reabilitado. Era um lutador pelos direitos dos pobres. Militante de formação anarquista, teve papel importante na greve de 1923, aconselhando os mineiros a deixarem ir os filhos, cheios de fome, para o Porto. Os padres diziam aqui que os

e moradores

de miséria

Reportagem de JOSÉ GOMES BANDEIRA

ário Mineiro» — disseram as crianças de S. Pedro da Cova nas paredes dos hos edifícios ocupados pela população

filhos iam para um caldeirão. Os padres e os poderosos da região sempre denegriram o nome dos que lutavam contra a miséria nas minas.»

O C. R. M. publica desde há um ano o jornal «O Diálogo» onde se têm divulgado acontecimentos ligados às lutas destes mineiros. Aí se refere que em 1923 um director da companhia mandou lançar à rua «os parcos haveres (enxergas e pouco mais) de dezenas de mineiros que habitavam choupanas das minas». E conta ainda que oito trabalhadores foram conduzidos a pé, desde S. Pedro da Cova até ao Porto, por forte escolta policial. O facto gerou tumulto porque as mulheres dos mineiros e a população surgiram no percurso manifestando-se e protestando.

O ano de 1923 foi, aliás, um marco na história das minas. Foi o ano de uma greve de onze semanas que resultou vitoriosa para os mineiros. O nome de Cupertino de Miranda está já nessa altura ligado à empresa das minas. Em 22 de Agosto desse ano o mineiro Manuel Ribeiro Patrício aparece desmaiado após doze horas seguidas de trabalho no poço. Ainda por cima foi suspenso. O descontentamento geral traduz-se numa entrada em greve. Há confrontos de operários e mulheres com guardas e polícias, prisões e um morto. Autoridades e patrões tentam vencer o pessoal com a repressão e a fome. A cantina é fechada e os mineiros respondem com a abertura de cozinhas colectivas (chamadas «cozinhas comunistas»), ao mesmo tempo que recebem apoio da C. G. T. e da União dos Sindicatos Operários. Para as crianças a situação é muito grave pelo que, em levas sucessivas, são transportadas para o Porto, ficando a cargo de obras de assistência e, sobretudo, de particulares e trabalhadores solidários com os grevistas.

A 27 de Setembro o jornal «A Batalha» noticia: «Chegam hoje ao Porto mais de oitenta filhos de mineiros». Uma multidão esperou-as, mudas de medo e de fome, no Largo do Padrão e noutros lugares. Depois, a 31 de Outubro foi a greve geral na cidade: o Porto paralisou em apoio dos grevistas de S. Pedro da Cova. Em 3 de Novembro a vitória foi alcançada: um horário de oito horas passava a substituir as dezasseis e mais por dia no fundo da mina.

António Martins Vieira, o «Sacatrina», foi um desses grevistas de 23. Esteve há pouco também no C. R. M., onde recordou factos e, pelas fotografias do museu, os seus companheiros de há 50 anos. Lembrou a «Farramona», uma mulher corajosa do Cimo da Serra, que o museu dos mineiros tambem recorda, e fez-nos esta observação ao evocar a greve: «Mas, sabe, nós fomos vendidos. Primeiro castigavam-nos com meio dia de salário a menos, mas depois já tiravam um dia inteiro e até dois». A explicação veio a seguir: a companhia promovia pessoal e aumentava o numero de capatazes pagando melhor a alguns mineiros para fazer deles instrumento de novas formas de repressão. Dias piores esperavam ainda a gente de S. Pedro da Cova.

O «ESTADO NOVO» NAS MINAS

Com a vitória das oito horas de trabalho as coisas não se modificaram substancialmente para estes trabalhadores. Não só tal «regalia» acabou por ser letra morta, como se intensificou a repressão e se agravaram as condições de trabalho. Com o «Estado Novo» vieram os «pides», bufos e legionários. E a corrupção mais descarada ganhou foros de cidadania nas minas, com a cumplicidade de directores e de responsáveis. Foi a longa época em que a alguns era pago o domingo para rondarem casas e tabernas, na caça aos mineiros que protestavam. No quotidiano, como sempre, a fome, as casas de terra, a silicose, as papas de linhaça, o analfabetismo, os corpos trazidos do poço, os castigos e a Polícia. Esta, esmerando-se como nunca, assentou arraiais em S. Pedro da Cova. Como «novidades» vieram as iniciativas do «Sindicato»: excursões a Fátima e viagens a Lisboa para manifestações diante de Salazar. Também se havia de lamentar o «Sindicato», oficiando expressamento, pelo facto do general Humberto Delgado ter ganho as eleições lá na freguesia...

São muitos os documentos deste periodo, quer no museu quer na memória das pessoas. As lutas não cessaram, mesmo assim, e em 1946 os mineiros fazem greve por alguns dias. O Governo responde então com a mobilização de todo o pessoal, incluindo antigos mineiros, e com o envio de mais polícias. Durante dois anos as minas estiveram sob «regime militar». Entretanto, as reivindicações (melhores condições de trabalho e aumento de salário) não foram satisfeitas. Vinte e sete mineiros foram parar à cadeia.

Com o fascismo começa, aliás, o periodo em que «desaparecem» mineiros. Foi o caso de Adão Freire, em 1957. Outros nomes nos foram recordados: José Sarrisca, preso e torturado, dá hoje nome a uma rua da freguesia; Mateus Mouta, preso várias vezes.

Em 1932 alguns mineiros de S. Pedro da Cova tiveram a coragem de assinar um texto famoso, agora reeditado pelo gabinete de documentação do C. R. M. Trata-se de uma exposição aos accionistas da companhia e às autoridades enviada pela «Associação de Classe dos Operários Mineiros e Anexos de Gondomar», em que se faz uma descrição pormenorizada do mundo concentracionário das minas. Aí se afirma que «o pessoal masculino encontra-se dividido em dois turnos, trabalhando doze horas cada turno» (isto nove anos depois da greve vitoriosa pelas oito horas). Para o pessoal feminino e os menores, afirma-se também, «não há horário fixo, já têm trabalhado 16, 18 e 20 horas seguidas». Diz ainda que para 1500 operários «existem umas 60 casas sem janelas nem soalho» e que os moradores «recolhem lá as galinhas e os suínos».

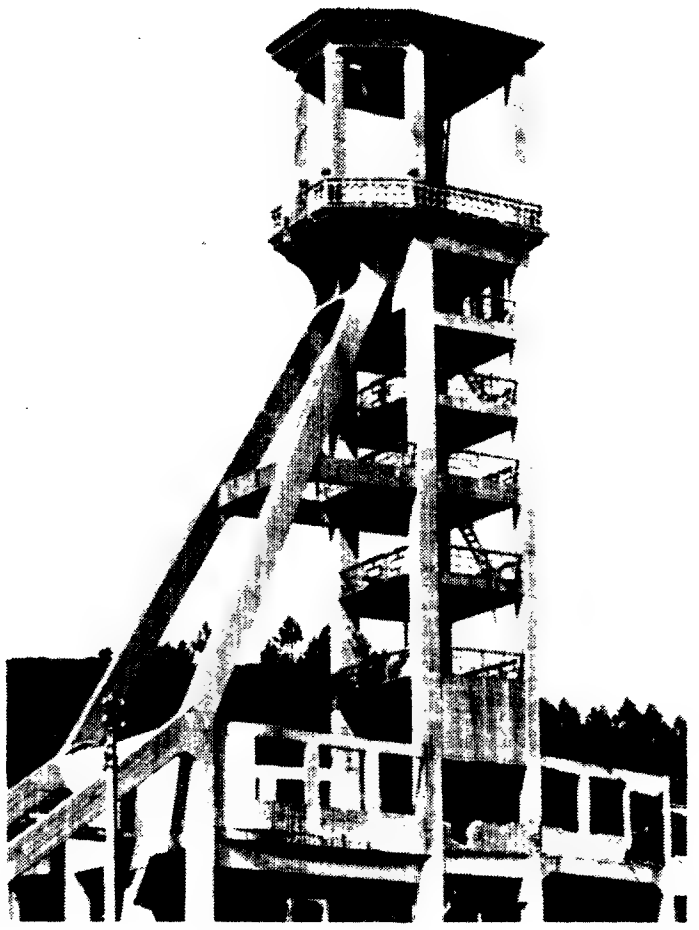
Ao longo das suas páginas o documento denuncia a acção exploradora e repressiva do então director Joaquim Torcato, por ordem de quem surgiu uma célebre cantina para onde «todo o pessoal é obrigado a descontar 20 por cento dos salários antigos, quer queira ou não gastar da cantina». Em regra não queriam e o texto explica: géneros estragados, peso sempre roubado e caixeiro a meter-se com as mulheres faziam com que preferissem perder os 20 por cento e recuperar a qualidade e o peso no merceeiro particular.

Entre as dezenas de factos deste tipo descritos no documento, salienta-se a roubalheira a que se entregavam capatazes [illegible] director Torcato. Suspensos por uns dias, perante a notoriedade da corrupção, acabavam por voltar. O patrão fazia vista grossa e eles pagavam com serem instrumentos da repressão contra os trabalhadores. Caso revelador foi o do capataz Miguel António da Silva, o «Bota». A gerência comprou o seu silêncio com 400$00 mensais, embora nem sequer trabalhasse: o «Bota» tinha elaborado um **dossier** dos escândalos todos da companhia e ameaçava mostrá-lo ao publico e aos accionistas...

Para acabar com a «Associação de Classe», única organização dos mineiros, o mesmo director, diz o texto, conseguiu «que o pessoal assinasse umas folhas de papel em branco», se sabiam escrever. Dizia ele que era para «constituir uma associação», mas depois souberam «que se destinava a acompanhar um documento que seria entregue às autoridades para que fosse negado o direito da antiga funcionar».

O ano de 1932 foi ainda o da visita do general Carmona às minas. A empresa fez questão de que o mineiro Serafim Luís Ferreira, com 42 anos de poço, fosse condecorado. Recebeu uma medalha de mérito. Só há pouco se soube o resto da história: na sua folha de cadastro é omitido aquele tempo de mina...

S. Pedro da Cova era uma freguesia feita à medida do «Estado Novo»: a «P. I. D. E.», a «Legião» e a «União Nacional», fortemente instaladas nas minas, acabaram por controlar toda a actividade da população, desde o «sindicato» à vida administrativa. Tudo quanto fosse lugar a preencher, regedor, junta, director do «sindicato», dependia dos patrões da mina e daquelas entidades vigilantes. Sempre os mesmos, os escolhidos, quando não eram encarregados, legionários e quadros médios da empresa, eram «proprietários e influentes locais de boas relações com a gerência e por esta apoiados», disse-nos um residente em S. Pedro da Cova.



A torre das minas de S. Pedro da Cova, símbolo da ruína de muitas gerações de mineiros

O «25 DE ABRIL» E A INICIATIVA POPULAR

Um ano depois do 25 de Abril, centenas de pessoas de S. Pedro da Cova sofriam ainda as consequências de todo este passado. A ocupação das velhas instalações das minas e a utlização das rendas das casas em benefício das próprias habitações não significaram apenas o recomeço da luta contra esse passado que deixou pelo caminho gerações de mineiros doentes, perseguidos e pobres. Significaram também o início de um esforço pela via onde as pessoas se libertam: a iniciativa popular na cooperação e na participação.

«A companhia das minas diz-nos um membro duma comissão de moradores pode ser considerada como responsável pela corrupção da sociedade de S. Pedro da Cova». E acrescenta: «Isso foi mesmo reconhecido, em tempos, pelo director dos serviços sanitários. A corrupção desta comunidade foi ao nivel da convivência social, das condições de habitação, de degradação cívica e física. O trabalho de recuperação há pouco iniciado, em [illegible], implica muitas pessoas, passa pela resolução de problemas basicos muito concretos, nos aspectos de habitação, higiene e assistência.»

O que e importante e significativo na actividade que ali se desenvolve é que as comissões de moradores sentem a urgência das tarefas imediatas e, por outro lado, sabem que a transformação da sua comunidade será um esforço muito longo no combate às circunstâncias que tornaram possivel a degradação de S. Pedro da Cova. É por isso que o C. R. M. não é um organismo para «resolver» necessidades das pessoas, mas o local de encontro para uma participação nas iniciativas comuns. Estimular ou dificultar as tarefas das comissões de moradores de S. Pedro da Cova, depois da obra já ali realizada, é bem um teste para conhecer do valor que neste País se dá à iniciativa inovadora e transformadora das populações.

É certo que algumas conquistas importantes foram obtidas nesta freguesia onde o passado das minas deixou profundas marcas. Alguns projectos de recuperação habitacional, no âmbito do processo SAAL/Norte, foram aprovados pelo Governo e aguarda-se a declaração de zona degradada e novas expropriações. Por outro lado, com a colaboração de uma assistente social dos serviços da Previdência, foi possivel reconstituir o passado escondido de muitos mineiros e atribuir-lhes as reformas a que tinham direito. Procura-se agora saber o que foi feito dos descontos para antigas caixas dos mineiros e cujo dinheiro não aparece em lado nenhum embora devesse ter transitado legalmente. Isto está a ser feito pelas próprias populações nas suas comissões de moradores. Isto já resultou também em dezenas de pessoas que aprenderam a ler e fizeram exame, em quase duzentos mil escudos de remédios oferecidos, em médico gratuito ou pagamento de consultas no Porto aos que precisam, em muitas habitações melhoradas, etc.

Todas estas coisas representam conquistas porque ninguém foi, de fora, a S. Pedro da Cova levar uma alternativa para meio século de vergonha e medo. De fora [illegible] advogado com ordens de despejo contra antigos mineiros que viviam em barracas [illegible] quais a companhia queria continuar a receber a renda, de fora foi a lei do tempo [illegible] poço onde se trabalhava seis horas [illegible] muitas vezes [illegible] outras para o aut[illegible] P. I. D. E encobria [illegible] da mina.

Talvez por isso [illegible] alguns dos mineiros com quem falámos disseram ter gostado de visitar o museu instalado na própria casa onde antigamente se contabilizavam a sua miséria e a sua exploração. Não se esqueceram.

1 SEMANA EM PARIS
PARTIDAS (avião especial TAP):
Agosto, 3, 10, 17 e 24
Preços excepcionais desde * 5.490$
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO E EXCLUSIVA abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados 207 • Telef 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar 65 • Telefs 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PALMA DE MAIORCA
AGORA VÔOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP
1 SEMANA
PARTIDAS:
Julho 14, 21, 28
Agosto 4, 11, 18, 25
Setembro 1, 8, 15, 22
Preços excepcionais desde * 3.420$
* a vantagem dos voos especiais
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

GRANDE EXPOSIÇÃO
A JUVENTUDE SOVIETICA
aberta das 16 h às 23.30 h
Lisboa
SNBA – Soc. Nacional de Belas Artes
de 1 a 18 de Julho
Porto
Palácio Cristal
de 23 de Julho a 8 de Agosto
Faro
Escola Industrial e Comercial
de 13 a 28 de Agosto

SOCIEDADE «ESTORIL»
LINHA DE CASCAIS
AVISO
CARTAZ HORÁRIO H 38
Por motivos técnicos imperiosos, a partir do dia 13 de Julho (noite de segunda para terça) e até aviso em contrário, são suprimidos os comboios n.os 18 e 15, com partida de Cascais às 4 horas e de Cais do Sodré, às 4.30 horas, respectivamente.

Sindicato dos Trabalhadores
Técnicos de Vendas
ESTÁ ABERTO EM LISBOA, DESDE 1.5.76, NA RUA DOS ANJOS, 82
VENDEDOR, VIAJANTE, CHEFE DE VENDAS, INSPECTOR DE VENDAS, PROSPECTOR DE VENDAS, DEMONSTRADOR
CONTACTA-NOS!

Estrangeiro

Lourdes Lucía (Joven Guardia Roja) falou ao "DL"

Instaurar em Espanha um socialismo que seja "uma ampla democracia"

Lourdes Lucía, advogada, é uma representante da J.G.R. Joven Guardia Roja – ,organização comunista que congrega jovens espanhóis, dirigida pelo Partido do Trabalho em Espanha. Recentemente esteve em Paris, onde entrou num comício para a juventude espanhola emigrada organizado pela UJCE, que contou com a participação de aproximadamente oito mil pessoas. Há alguns anos participou, em Varsóvia, de uma sessão sobre a juventude espanhola, celebrado de maneira especial dentro do Encontro da Juventude da Europa. Numa rápida entrevista Lourdes Lucía fala sobre a sua organização, os problemas dos jovens espanhóis, os objectivos da J.G.R., a sua relação com outras forças políticas e com a juventude portuguesa.

D.L. O que é a JGR?

Lourdes Lucía A JGR é a organização dos jovens comunistas dos povos e nacionalidades de Espanha. Aceitamos voluntariamente a direcção política do Partido do Trabalho de Espanha – PTE –, porque consideramos que tem uma estratégia revolucionária que conduzirá a classe operária e as massas trabalhadoras do nosso país à instauração do socialismo, que é o nosso objectivo, e porque na actualidade se está demonstrando que a sua política para acabar com a dominação fascista e conquistar a democracia torna possível que se forje uma ampla unidade das forças antifascistas junto com amplas mobilizações de massas. Isso nos faz avançar cada dia mais no nosso objectivo actual: a conquista das liberdades democráticas. Na J.G.R. temos actualmente 20.000 filiados e a nossa participação em todos os movimentos juvenis tem sido constante nos últimos anos em todos os pontos da nossa geografia, chegando a opinar em diversas ocasiões altas autoridades fascistas (como o governador militar de Sevilha) que somos o seu maior perigo. Em todas as partes onde existem jovens, no campo, nos bairros, liceus, escritórios, universidades, centros de formação profissional, a J.G.R. continua presente. Trabalha amplamente entre a juventude, utilizando todos os meios (legais e ilegais), o que tem permitido começar uma grande movimentação da juventude antifascista, que está a ser um firme baluarte da causa democrática do nosso povo. Isto, como é natural num país que sofre uma ditadura, como a Espanha, tem custado à organização centenas de presos, torturados, etc.. Mas, ao contrário de fazer com que desmobilizemos, tal facto serve para reforçar a união e a confiança na nossa causa actual de acabar com o fascismo e de conquistar a democracia.

D.L. Quais são os problemas mais importantes da juventude espanhola?

L.L. Teria que enumerar uma longa lista para abranger todos os sectores. Em primeiro lugar sofremos a falta de liberdade, como o nosso povo. Assim, os direitos de associação, expressão, reunião e outros são-nos proibidos. Por exemplo: há meses formou-se, por iniciativa de uns 300 jovens representantes de diversos clubes e entidades juvenis, a Associação Democrática da Juventude. Pois bem: a sua direcção foi encarcerada, processada, e a associação fechada. Igualmente foram proibidos dezenas de actos que os clubes, centros sociais, delegações estudantis e outros organismos tentaram celebrar. Recentemente foi roubado um clube juvenil de Usera (bairro de Madrid). Além destes problemas que, em absoluto, não foram solucionados com a imposição da monarquia e da sua política de reformas, que continua a privar a classe operária, os jovens e as forças democráticas dos mais elementares direitos, nós, os jovens, temos muitos outros problemas como as rendas, que aumentaram de forma alarmante nos últimos meses, a superexploração que sofrem os jovens operários e camponeses, o ensino classista e autoritarista que impede o acesso aos níveis superiores dos filhos dos operários e camponeses, a existência de leis autoritárias que regem as relações familiares, a falta de clubes, instalações desportivas, centros sociais, etc.. A isso há que juntar o problema nacional, sentido de forma especial pelos jovens, dos quais se impede até aprender a sua própria língua, e a aparição de um decreto sobre a «troca de destino militar», o qual obriga a fazer o serviço militar fora da região de origem. Isto causa vários problemas aos jovens, que têm de abandonar a família, estudos, trabalho, etc., e que é uma clara intenção do regime para utilizar os jovens com mais facilidades nas intervenções contra o nosso povo. Também quero mencionar o problema das mulheres: as moças sofrem dupla opressão por serem mulheres e por serem jovens. Em resumo: para o regime de Juan Carlos os jovens não contam para nada, salvo para serem proibidos, reprimidos e encarcerados.

D.L. – Quais são os vossos objectivos?

L.L. A longo prazo queremos chegar a instaurar o socialismo sob um estado que seja uma ampla democracia para o povo e uma ditadura para todos os exploradores, isto é, um Estado de ditadura do proletariado.

Para chegar a ele, pensamos que é favorável a formação de uma República Democrática, cujo governo seja um governo operário e popular que acabe com o domínio do imperialismo e dos grandes monopólios no nosso país e que garanta as mais amplas liberdades democráticas. Esta república representará um grande passo em frente para os operários, camponeses, jovens, mulheres, intelectuais e todo o povo trabalhador. Na actualidade pensamos que está na ordem do dia a ruptura democrática que deve ser protagonizada pela Coordenação Democrática e que, com um Governo Provisório de ampla coligação, garanta as liberdades democráticas para todos os partidos políticos, o direito de autodeterminação para as nacionalidades e a celebração de eleições livres, nas quais todo o povo e os jovens, a partir dos 18 anos, possam decidir livremente a forma de Estado e de Governo. Por isso estamos agora a apoiar com grande entusiasmo o apelo da Coordenação Democrática e dos organismos das nacionalidades para lutar pela amnistia durante a semana de 5 a 11 de Julho. Em toda a Espanha há dezenas de milhares de jovens a organizar os mais diversos actos pela Amnistia e Liberdade. Além disso defendemos um programa juvenil que inclui o direito ao voto aos 18 anos, um posto de trabalho para todos, um ensino gratuito único, democrático e obrigatório, legalização de todas as associações juvenis, etc..

D.L. Que relações têm vocês com outras forças?

L.L. Para nós é uma questão fundamental conseguir a maior unidade de todas as organizações antifascistas. Por isso, impulsionamos a formação da Plataforma Unitária da Juventude em Madrid, Catalunha, Valência, Sevilha, e agora a nível de todo o Estado espanhol, junto com outras organizações, como a UJCE União das Juventudes Comunistas de Espanha, JJSS Juventudes Socialistas, UJM União das Juventudes Maoístas e MJC Movimento das Juventudes Comunistas. Para nós é muito importante conseguir que esta unidade seja reforçada e consolidada, porque é uma grande garantia de que a nossa luta e o nosso movimento seguirão avançando.

Não excluímos nenhuma força antifascista. Pelo contrário, pretendemos que todos aqueles que estão de acordo com a democracia lutem connosco para conquistar a liberdade.

A nível internacional temos relações de amizade e colaboração com a União das Juventudes Comunistas da Roménia, a cujo país fomos convidados juntamente com a delegação do PTE e, aproveitando o encontro de Varsóvia, contactámos com muitas outras organizações da Grécia, da Polónia, da Jugoslávia, da Suécia, etc.. Os encontros têm-nos servido para fazer muitos amigos.

D.L. – Que pensas da juventude portuguesa?

L.L. – Para nós a juventude portuguesa é uma juventude irmã, muito próxima. Vivemos com ela a experiência do 25 de Abril. Vivemos com alegria os avanços democráticos do povo português e também somos solidários com a luta contra os atropelos e agressões que sofre. Fazemos parte de uma mesma zona do mundo em que as grandes potências disputam a hegemonia, roubando-nos a independência e o direito de decidir por nós mesmos o nosso destino. Por isso a nossa luta tem também objectivos comuns e faz parte de todo o movimento do proletariado, dos povos e das nações do mundo pela sua liberdade, sua independência nacional e pelo socialismo. Os jovens de Portugal e do território do Estado espanhol devem manter sempre estreitos laços de amizade e caminhar juntos na causa antifascista, anti-imperialista e socialista, para acabar com todos os exploradores, com toda a reacção e com toda a opressão que sofremos.

Em ARMAÇÃO DE PÊRA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA PAULA

EXCURSÕES abreu em autopullman
TRADIÇÃO NA QUALIDADE
Se está interessado numa excursão de pequena duração (1 2 ou 3 semanas) peça-nos o livro (grátis) "EUROPA 76"

ANDALUZIA – 10 dias
Partidas 19 6, 10 7, 7, 21 8 4 9 Esc 6800$
ESPANHA
ANDORRA E LOURDES – 11 dias
Partidas 16 6 21 7 4 18 8 8 9 Esc 7900$
VERÃO AMENO – 21 dias
Espanha, França, Luxemburgo, Alemanha, Holanda Bélgica e Inglaterra
Partidas 5 8, 9 9 Esc. 22.170$
ESPANHA E FRANÇA – 15 dias
Partidas 11 7, 15 8, 12 9 Esc 11.400$
ORGANIZAÇÃO E EXCLUSIVA abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Estrangeiro

APELO DE ARAFAT AO EGIPTO

Agrava-se no Líbano a situação da aliança esquerdista

CAIRO, 12 — (R.) — O dirigente palestiniano, Yasser Arafat, enviou um apelo urgente ao Egipto para prestar auxílio à aliança esquerdista no Líbano, alegando que a situação desta é cada vez mais grave.

Arafat, dirigente da Organização de Libertação da Palestina, declarou no seu apelo ao Parlamento egípcio: «A situação é cada vez mais grave e é muito pior do que se imagina.»

Afirmou: «A situação deteriorou-se... esperamos uma rápida iniciativa da vossa parte.»

Arafat, que pediu o envio de combustível para as suas forças, fez o seu apelo antes da reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros da Liga Árabe marcada para hoje a fim de discutir a guerra civil no Líbano. Disse que seria «demasiado tarde» se o Egipto aguardasse a realização da reunião da Liga antes de actuar.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros árabes vão reunir-se para escutar um relatório sobre as tentativas até agora em vão da missão de mediação de três elementos da Liga, chefiados pelo secretário-geral Mahmound Riad.

A reunião tem lugar no meio de uma interminável pressão sobre esquerdistas libaneses e palestinianos pelos direitistas libaneses que combatem no Norte do país e em torno do sitiado acampamento de refugiados de Tel Al-Zaatar, nos arredores de Beirute.

Arafat disse: «Estamos entre as garras de uma verdadeira ofensiva em pinça... A pinça tem mais de uma cabeça. Depois de a Síria bombardear a refinaria de petróleo de Zahrani, a gasolina e o diesel esgotaram-se e os tanques foram destruídos.»

A Síria, nega defender qualquer das partes no Líbano, mas tem evitado cuidadosamente opor-se aos direitistas.

Motoristas viajando da Síria para partes controladas pela aliança esquerdista no Líbano estão agora proibidos de transportar latas de gasolina nos seus automóveis, apesar da escassez ali existente. Entretanto, os direitistas estão a importar gasolina da Roménia.

Até agora nenhum país árabe se colocou ao lado dos palestinianos na última fase da guerra libanesa excepto com palavras e proclamações... Apesar das críticas públicas no estrangeiro, a Síria tem tido mais ou menos pulso livre para alargar a área sob o controlo das suas tropas no Líbano.

Desde que os ministros dos Negócios Estrangeiros da Liga Árabe se reuniram pela última vez, a Síria enviou o seu ministro, Abdel Halim Khaddam, a Moscovo naquilo que se pensou de modo geral ser uma tentativa para atrair o apoio do Kremlin para Damasco.

O primeiro comentário do Kremlin sobre as acções da Síria após o regresso de Khaddam foi hostil, declarando que o envolvimento do seu Exército «agravou ainda mais a situação».

OFENSIVA DA DIREITA NO NORTE

BEIRUTE, 12 — (R.) — Defensores palestinianos do estratégico campo de Tel Al-Zaatar afirmaram ontem, à noite, ter morto ou ferido 100 direitistas quando repeliram um ataque violento dos sitiantes.

A rádio falangista das direitas informou que forças direitistas tinham ocupado «a última posição defensiva» do campo, um «bairro de lata» situado na vertente de uma colina, perto de Beirute, mas não revelou especificamente se toda a área se achava em poder dessa facção.

Por outro lado, forças direitistas continuaram com a sua ofensiva para o norte através do distrito de Koura

"Miss Universo 1976" foi... soldado

HONG-KONG, 12 — (R.) — Rina Messinger, de 20 anos, estudante e antiga soldado israelita, celebrou ontem a sua coroação como «Missa Universo 1976» dançando com celebridades e funcionários numa festa especial.

«Miss Israel», de cabelo castanho, que afirma desejar visitar países árabes, mal conseguiu conter as lágrimas poucas horas antes, ao ser coroada perante uma audiência que a aplaudia com delírio no Teatro Chinês de Hong-Kong.

Entre os seus parceiros de dança no baile da noite passada no Centro Comercual Mundial figurou o governador interino desta colónia britânica, «Sir» Denys Roberts.

Rina Messinger, que esteve dois anos ao serviço do Exército israelita, declarou em resposta a uma pergunta durante o concurso sobre as suas ambições: «Gostaria de visitar qualquer país árabe mas não posso.»

Contudo, efectuará uma digressão mundial como parte do prémio do concurso, que teve a presença de 71 outras rainhas de beleza.

A concorrente israelita (medidas: 86-65-90) tornou-se favorita da Imprensa e dos fotógrafos. Esteve no cabeçalho dos jornais a semana passada quando irrompeu em lágrimas ao ser informada do assalto israelita ao aeroporto de Entebbe para libertar reféns de um avião desviado.

Foi escolhida como vencedora por 11 juízes, incluindo a bailarina britânica Margot Fonteun, o realizador cinematográfico Roman Polanski e a actriz sueca Brit Ekland.

Em segundo lugar ficou «Miss Venezuela», Judith Costillo, de 18 anos, e em terceiro Sian Adey-Jones, galesa de 18 anos.

Entre os prémios de Rina Messinger figuram 10 000 dólares norte-americanos, um contrato para a Televisão do mesmo valor e um casaco de peles.

Andreotti poderá chefiar novo governo italiano

ROMA, 12 — (R.) — O presidente Giovanni Leone inicia hoje consultas para nomear um primeiro-ministro e substituir o governo interino estabelecido há dois meses em Itália.

O homem que se espera venha a receber o cargo é o democrata-cristão Giulio Andreotti, de 57 anos, ministro do Orçamento e Planeamento Económico e antigo primeiro-ministro.

Espera-se que as consultas do presidente Leone terminem até quarta-feira.

Andreotti, cujo partido venceu as eleições de 20 de Junho com 38,8 por cento da votação, é tido por muitos como o democrata-cristão com ligações mais estreitas com os socialistas, cujo apoio é vital para qualquer governo.

Os comunistas obtiveram 34,2 por cento da votação e os socialistas 9,6 por cento.

Mas reina crescente convicção em círculos políticos que um programa de qualquer novo governo, particularmente emrelação à crise económica, terá de contar com a aceitação prévia dos comunistas que aumentaram a sua votação em mais de sete por cento.

O presidente efectua as suas consultas no meio de uma vaga de assassínios políticos, o último dos quais ocorreu no sábado passado.

Um magistrado de Roma, Vittorio Occorsio, de 47 anos, morreu sob uma rajada de metralhadora quando seguia de automóvel para o seu escritório.

A organização neofascista «Ordine Nuevo» (Ordem Nova), que aquele proibiu há três anos, reclamou a responsabilidade pelo assassínio.

Há um mês, o procurador público de Génova, dr. Francisco Coco, foi assassinado, aparentemente por extremistas esquerdistas.

Um total de quatro magistrados foram mortos nos últimos cinco anos.

Novo embargo árabe provocará contra-embargo se Carter for eleito

NOVA YORK, 12 — (R.) — O antigo governador da Geórgia, Jimmy Carter, declarou que se for eleito presidente avisará os países árabes de que um embargo petrolífero contra os Estados Unidos provocará um contra-embargo comercial.

Carter, entrevistado na Televisão na altura em que se prepara para aceitar a nomeação presidencial na convenção do Partido Democrático, salientou que tal acção seria o melhor modo de evitar outro embargo petrolífero.

Sugeriu que o presidente devia manifestar com antecedência a posição de que «se houver outro embargo... considerá-lo-íamos imediatamente declaração de guerra económica e responderíamos com um embargo contra os países árabes que declarassem um embargo contra nós».

Esclareceu que o embargo retaliatório se aplicaria a envios norte-americanos de alimentos, armas, sobressalentes e equipamento de prospecção de petróleo.

«Penso que seria bom para nós, assim como para os árabes, saber que para eles seria uma coisa grave declararem outro embargo contra o nosso país» prosseguiu Carter.

O antigo governador da Geórgia declarou que não tentaria usar «persuasão pesada» sobre os aliados norte-americanos no sentido de aderirem ao contra-embargo norte-americano.

«Os nossos aliados, como o Japão, não podem passar sem petróleo árabe» afirmou.

No que respeita aos custos militares, declarou que, se fosse eleito, tentaria reduzir o orçamento do Departamento da Defesa actualmente superior a 100.000 milhões de dólares anuais — em cerca de 5000 milhões de dólares.

«Penso que temos demasiadas tropas e demasiadas bases militares no estrangeiro» destacou, ao sugerir os modos de se poder reduzir o orçamento.

Caleidoscópio

■ SYDNEY, (R.) — Cerca de 2,5 milhões de trabalhadores obedeceram hoje a um apelo para a primeira greve nacional da Austrália que autoridades governamentais calculam que custará 500 milhões de dólares em produção e salários perdidos.

A greve, de 24 horas, declarada para protestar contra propostas do governo para alterar o programa de assistência sanitária (Medibank), paralisou a indústria e carreiras aéreas internas e internacionais, mas bancos e escritórios foram mantidos abertos por trabalhadores que compareceram ao trabalho deslocando-se em táxis, automóveis particulares ou a pé.

■ BARCELONA, 12 (R.) — O conde de Barcelona, pai do rei Juan Carlos, deixou ontem a clínica onde foi operado à retina, há duas semanas.

O boletim médico declara que o seu estado é muito satisfatório.

■ NAIROBI, 12 (R.) Rádio Kampala afirmou hoje que invasores quenianos estão a atacar tropas ugandesas na fronteira.

Um comunicado dizia que um protesto diplomático eficaz» seria feito.

Não foram fornecidos detalhes do suposto ataque. A rádio limitou-se a dizer que a fronteira era guarnecida apenas por polícias e funcionários alfandegários ugandeses.

Não se conheceu imediatamente a reacção no Quénia acerca da notícia.

CIMEIRA PODERÁ DECIDIR

Um Parlamento Europeu eleito directamente

BRUXELAS, 12 (R.) Espera-se que o Mercado Comum de nove nações tome uma importante iniciativa para a criação de um Parlamento Europeu directamente eleito, numa reunião de alto nível de dois dias que tem início hoje em Bruxelas.

Autoridades da C.E.E. esperam que seja alcançado um acordo sobre o número total e a distribuição de lugares num Parlamento eleito.

Esta controversa questão será o tema-chave na cimeira e um acordo sobre a mesma dará um novo impulso ao ideal de maior cooperação política entre os Estados da C.E.E. Reforçará também o moral da Comunidade Europeia que nestes últimos meses tem sido abalado por elevadas taxas de inflação e desemprego.

A actual Assembleia da Comunidade Europeia tem um total de 198 membros — todos eles nomeados pelas legislaturas nacionais dos Estados membros.

Os nove governos já se comprometeram a aceitar eleições directas para um parlamento da Comunidade a partir de meados de 1978.

Mas a última cimeira em Luxemburgo em 1 e 2 de Abril não conseguiu quebrar o impasse sobre o número de lugares do Parlamento eleito e a sua distribuição principalmente devido às divergências anglo-francesas.

Após a visita oficial no mês passado a Londres do presidente francês, Valery Giscard d' Estaing, e as suas subsequentes conversações com o chanceler alemão ocidental, Helmut Schmidt, está em perspectiva uma nova fórmula de compromisso, de acordo com fontes diplomáticas.

A cimeira em Bruxelas chegará provavelmente a acordo sobre um total de cerca de 390 membros eleitos. Os britânicos disseram que desejavam cerca de 76 lugares para assegurar uma representação adequada para a Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte.

Um acordo sobre o total e a distribuição de lugares permitiria aos chefes de Governo dar instruções aos seus ministros dos Negócios Estrangeiros para elaborarem pormenores envolvendo o Parlamento eleito e apresentarem relatórios à próxima cimeira da C.E.E. na Haia em fins de Novembro.

Outro acordo esperado em Bruxelas é sobre a escolha do ministro do Interior britânico, Roy Jenkins, uma ardente defensor da unidade europeia, para próximo presidente da comissão da Comunidade Europeia — órgão executivo da C.E.E.

Sucederá a François-Xavier Ortoli, da França, cujo mandato presidencial expira no fim deste ano.

PUB

EPAL
EMPRESA PÚBLICA
DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE 2 500 000 KG DE SULFATO DE ALUMÍNIO EM PEDRA

ANÚNCIO

Faz-se público que no próximo dia 30 de Julho de 1976, pelas 15 horas, se procederá na Sede da EPAL, na Avenida da Liberdade, 22, 1.º, à abertura das propostas recebidas até às 17 horas do dia 29 de Julho.

O programa do concurso e o caderno de encargos encontram-se patentes na Secção de Compras, Avenida de Berlim, aos Olivais, onde se prestam quaisquer informações.

Lisboa, 9 de Julho de 1976

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Vogal da Comissão de Fiscalização

António Malta

Espectáculos

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

CICLO DA CASA DA IMPRENSA

"Monsieur Verdoux" de Charlie Chaplin

FICHA:
Realização: Charlie Chaplin (USA-1946)
Argumento: Charlie Chaplin, segundo uma ideia de Orson Welles.
Fotografia: Curtis Cou... Totheroh e
Música: Charles Chaplin
Montagem: Willard Nico
Interpretação: Charlie Chaplin (*Verdoux*), Mady Correll (*sua mulher*), Allison Roddan (*filho do casal*), Isabel Elsom (*sr.ª Gronais*), Margaret Hoffman (*Lidia*), Martha Raye (*Anabela Bohneur*), Marylyn Nash (*a jovem*), etc
Distribuição em Portugal: Rivus
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos
Duração: ... minutos

E, de súbito, mataram Charlot. Primeiro empurraram-no para um beco sem saída, e, por uma vez, Charlot decide entrar nas regras do jogo. A sua lógica é, porém, definitiva. As regras são regras e ele levá-las-á até às suas extremas consequências, com a mesma determinação com que, durante tantos anos, se mantivera direito na sua dignidade de chapéu de coco e bengalinha, nos infortúnios da virtude (a citação é propositada) com que o foram mimoseando.

A sua dignidade, agora extremamente representada, agora genialmente normalizada, é, enfim, ponto assente. A sua vingança é a de um velho senhor. Todos os pontapés, todas as desventuras, todas as mulheres matriarcas americanas, todas as humilhações serão cobradas até ao último cêntimo. Todo o edifício romântico se desmorona; Charlot prova por A+B a terrível trama em torno de um destino que começara nos anos 10 em fingida inocência e termina no feroz pós-guerra maccarthysta em farsa trágica. Charlot desvenda-se em plena apoteose: ele não é o pobre diabo que julgavam, ele foi o revelador transparente de toda uma sociedade e é agora o anjo exterminador.

Requinte último: Verdoux entregar-se-á à justiça para, em denúncia final, declarar a sua paz com Deus e com os homens. No último plano irá reencontrar a silhueta do seu duplo Charlot, a caminho da guilhotina.

Monsieur Verdoux não é o primeiro filme, pós-Charlot, mas o último Chaplin em que Charlot é a sombra todo o tempo. Com efeito, embora o personagem Verdoux não possua praticamente nenhum dos sinais identificadores de Charlot, ele é, talvez pela negativa, pelo contraste, o seu desdobramento, o Mr. Hyde recalcado ao longo de décadas. E um Mr. Hyde que usa o seu pontencial como faca apontada ao *statuo quo*, como factor perturbante e subversivo.

Não admira que a América, agitada pela grande histeria da «caça às bruxas», tenha reagido violentamente a este filme, feito o seu quase total boicote e desencadeado o auge da campanha contra Chaplin. É que se tornara insuportável que todo um sistema fosse desta forma desconjuntado, sujeito ao escárnio público, ao sorriso geral que, agora, era afiado como uma navalha e dilacerava mesmo.

Em tempo de Verão, o Ciclo da Casa da Imprensa trouxe um vento de frescura abrasadora. Que *Monsieur Verdoux* saia breve para uma normal exibição eis tudo quanto há agora, imperativamente, a esperar.

A vingança radical de Charlot

PORTO
ALGARVE

Serviço
Directo AutoExpresso
de 25 de Junho a 26 de Setembro
informações:
Porto (S. Bento e Campanhã)
22722, 381000, 55699
Caminhos de Ferro Portugueses

Participação portuguesa no Festival de Música de Barcelona

O Coro e a Orquestra Gulbenkian participarão, sob a direcção do director-titular Michel Corboz, no Festival Internacional de Música de Barcelona, que decorre de 4 a 29 de Outubro, na capital catalã. No programa, distribuído por dois concertos (a 22 e 23) figuram duas cantatas de Bach, o **Laudate Pueri** de Haendel, o **Requiem** de Mozart e o **Te Deum** de Marc Antoine. Charpentier. Serão solistas os sopranos Eva Andor e Uta Spreckelsen, o contralto Hanna Schaer, o tenor John Elwes e o baixo Michel Brodard.

Entre as manifestações corais-sinfónicas do Festival são ainda de referir, a 7, a **Nona Sinfonia** de Beethoven, num concerto pela Orquestra Sinfónica de Viena, sob a direcção de Carlo Maria Guilini, e em que o pianista Rudolf Buchbinder será solista do **concerto n.º 4** do mesmo autor, e o **Requiem** de Verdi, este a cargo da Orquestra e do Coro Nacional, sob a direcção de Rafael Fruhbeck, sendo solistas Enriqueta Tarres, Alicia Nafe, Renzo Casellat e Gwynny Howell.

A Orquestra Sinfónica de Viena volta a apresentar-se a 8, com um programa Brahms: a 4.ª Sinfonia e o concerto n.º 1 para piano e orquestra (solista, Rafael Orozco).

Outros espectáculos:

No dia 4, inauguração do Festival, com um concerto pela Orquestra da Cidade de Barcelona, dirigida por Gilbert Amy (obras de Amy, Mahler, Tomás Marco e Stravinsky).

No dia 5, música contemporânea, pelo conjunto **Diabolus in Musica**.

Nos dias 13 e 14, obras do barroco, pela Academy of St. Martin-in-the-Filds, com William Bennet (flauta).

No dia 16, música electroacústica, com a estreia mundial de **Espai Sonos**, obra realizada no Laboratório de Música Electrónica Phonos, por um grupo de compositores.

No dia 18, recital de piano, por Bruno Gelber, com obras de Brahms, Liszt e Mussorgsky.

No dia 19, um programa dedicado a Manuel de Falla, comemorativo do centenário: **El Amor Brujo** e **La vida Breve**, pela Orquestra e pelo Coro Nacional, sob a direcção de Fruhbeck.

No dia 28, as **Vésperas** de Monteverdi, pela Escolania de Montserrat.

No dia 26, obras de Messiaen pelo autor e por Ivonne Loriod (dois pianos).

No dia 27, música na corte de Jaime I, pelo conjunto **Ars Musicae**.

O Festival encerra a 29, com a ópera **Orfeo**, de Gluck, interpretada pela Orquestra da Cidade de Barcelona, Coro Madrigal de Budapeste e solistas húngaros, sob a direcção de Feren Szekeres.

O "11 de Março" no Festival de Outono

Chegam-nos de Paris as primeiras notícias do V Festival de Outono que decorrerá na capital francesa de 15 de Setembro a 19 de Dezembro. Dirigido por Alain Combrecque, o Festival constará de 230 realizações, incluindo concertos, espectáculos teatrais e coreográficos, exposições, além de estágios e cursos diversos.

No que se refere ao teatro, citaremos os nomes dos americanos Richard Foreman, Robert Anton e Bob Wilson (que apresentará o seu novo espectáculo: «Eistein on the Beach»); a companhia «Schaubuhne am Hallenschen Ufer Berlin», provavelmente a melhor companhia do teatro alemão ocidental e uma das melhores do teatro europeu que apresentará duas encenações: uma peça de Gorki («Os Veraneantes»), encenada por Peter Sein e Botho Strauss, e um espectáculo de Klaus Michael Gruber sobre Holderlin.

Entre Bob Wilson, Peter Stein e Gruber — vedetas do teatro mundial — um nome que os portugueses conhecem melhor: Richart Démarcy. Este homem de teatro francês, actualmente trabalhando entre nós, foi convidado a apresentar no Festival de Outono o seu espectáculo «Quatro Soldados e Um Acordeão», versão em forma de ritual do 11 de Março. Será este o primeiro espectáculo português incluído no Festival de Outono. A data retida é de 5 a 13 de Novembro, com 8 representações que interessarão sobretudo aos emigrantes portugueses. Para isso, o espectáculo de Démarcy será apresentado no Teatro de Aubervilliers, nos arredores de Paris.

Além disso, será este provavelmente o único espectáculo apresentado pelo Festival de Outuno em que se falará directamente de uma revolução.

C.P.

CURSO INTERNACIONAL DE FLAUTA DE BISEL E DE VIOLONCELO

Paralelamente ao Festival, decorrem dois cursos de interpretação: um de flauta de bisel, orientado por Kees Otten e Roma Escales, terá lugar de 13 a 23 de Outubro; o outro, assinalando o centenário de Pabolo Casals, respeita ao violoncelo e será orientado por António Janigro.

As inscrições e a reserva de lugares para qualquer destas iniciativas deverão ser dirigidas para **Forum Musical**, Amadeu Vives 3, 3er., 1.ª, Barcelona-3.

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

IGNORÂNCIA OLÍMPICA

«Amigo

Otem, dia 8 de Julho do ano desta falta de graça em que vivemos assisti a um programa (o último, suponho) na RTP Sobre a «História dos Jogos Olímpicos». Tratava-se dos Jogos de 1972 realizados em Munique. E fiquei indignado!

O programa não é mais do que a apologia do desporto nos países capitalistas com forte incidência nos atletas franceses que no entanto não conseguiram mais do que um modesto 17.º lugar com 2 medalhas de ouro, com 4 de prata e 7 de bronze.

E no entanto ignora-se no dito comentário os seguintes factos relevantes:

1. Foi a primeira vez que a U. R. S. S. venceu os Estados Unidos, conquistando 50 medalhas de ouro contra 33 dos americanos (e mesmo destas 33, 7 foram conseguidas por um só atleta).

2. Num total de 194 medalhas de ouro distribuídas por 48 países, 9 países socialistas (U. R. S. S., R. D. A., Polónia, Hungria, Bulgária, Roménia, Cuba, Checoslováquia e Coreia do Norte) arrecadaram 98, ou seja mais do que **todos** os outros países sociais-democratas ou aproximados.

3. Cuba, recém-saída de um subdesenvolvimento de «república das bananas» conquista o 14.º lugar (à frente da França, Espanha, Brasil, etc.) com 3 medalhas de ouro, 1 de prata e 4 de bronze.

4. Teófilo Stevenson, atleta cubano, recebeu além da medalha de ouro uma taça para o melhor pugilista das Olimpíadas. Foi este atleta que quando um empresário norte-americano lhe estendeu um cheque de dois milhões de dólares para ingressar no pugilismo profissional e não regressar a Cuba, respondeu que não trocava «8 milhões de cubanos por outros tantos milhões de dólares».

Tudo isto é ignorado no documentário indo-se ao ponto **de não apareceu nenhum atleta cubano nem sequer em imagem ou referência.**

Isto é ou não é bloqueio? É ou não manipulação da opinião pública? Desporto não é! Quanto muito reles politicaria...»

Artur Gomes

RÁDIO-MALDIÇÃO

MOTE

Os programas que nos dão
Não têm vida nem cor
A Radiotelevisão
«Está hoje que é um amor»

I

Eu comprei um televisor
Porque o Demo me tentou,
E uma «bruxa» me rogou
Uma praga de horror.
Hoje vivo sem humor
Debaixo da maldição...
Porque os «donos» da televisão
Não parecem portugueses,
Nem franceses nem chineses
Os programas que nos dão.

II

Há locutores a falar
Que têm um piadão!...
Com o fim da citação,
Citamos vamos citar.
Daqui lhes peço a rimar
Um pequenino favor,
Que acabem com o estupor
Dos «chamados e das chamadas»,
Fungagás das Bicharadas
Não têm vida nem cor.

III

Os cérebros ficam lavados
Como quem lava caracóis,
Quando misturam «futebóis»
Com política, guerra e fados.
Vamos deitar baralhados
Depois de tanta confusão,
Mas das terras que nos dão pão
E dos nossos trabalhadores,
Pouco falam os senhores
Da Radiotelevisão.

IV

Falam de pastas p'rós dentes,
Venenos, p'rás bicharadas;
Pudins e roupas lavadas
Com mil e um detergentes.
Passatempos incoerentes
Grama o telespectador,
Que afinal é o pagador
Desta bela organização,
Por isso a televisão
Está hoje que é um amor.

Évora-Julho de 1976

Joaquim Valeriano Pinheiro
(instrutor de automóveis)

O LUXO E O TRABALHO

Desculpe tomar um pouco do seu tempo, mas não resisti a escrever-lhe acerca de uma questão que a mim, como decerto a muita gente preocupa neste momento. Refiro-me, concretamente, ao corte de energia que diariamente suportamos, sempre com a ameaça velada (ou não) de que futuramente ainda pode ser pior...

Ora eu pergunto a mim própria como é possível que o Governo decrete essa medida, com todos os prejuízos que ela comporta e se deixa, impunemente, a televisão à vontade...

Porque, na maior parte das vezes, o que a televisão faz, das sete da tarde às onze (quando não é meia-noite ou mais...) da noite é, pura e simplesmente, desperdiçar energia! Programas repetidos, emissões sem um mínimo de interesse, um telejornal morto (o que nos diz já nós lemos há que horas nos jornais, ou ouvimos na telefonia...), rubricas nitidamente postas para encher tempo porquê? Na situação em que o país se encontra, poderemos dar-nos ao luxo de sustentar uma televisão destas? Se a energia está a ser racionada, não teremos nós o direito o dever de exigir que o pouco que temos seja aproveitado da melhor maneira possível? Porquê estas emissões aos fins-de-semana (altura em que também não há cortes de energia...), da hora do almoço à hora da ceia, cheias de coisas inúteis e que só servem para fazer tempo até chegar o folhetim da noite? Não se estará, no fundo, a consumir nestes fins-de-semana de luxo a pouca energia que se poupou nos dias de trabalho?

E não lhe roubo mais tempo que, tal como a energia, também é precioso...

Cumprimentos da
Maria Joana Correia de Sousa

NA AMADORA
Semana do Cinema Português de Intervenção

A Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora promoveu uma Semana do Cinema Português de Intervenção, que desde sábado está a decorrer naquela colectividade, tendo já sido apresentados os filmes da Cinequanon «comunal uma experiência revolicionária», «Cooperativa Agrícola da Torre bela» «Ocupações de terras Beira-Baixa», e o filme do I.P.C. «Deolinda da Seara Vermelha».

Hoje, pelas 21.15, será exibido o filme «Liberdade para José Diogo», da Cinequanon, e amanhã, à mesma hora, «A Comuna Che Guevara» e «De sol a sol», da Cinequipa.

Estão ainda previstas as seguintes exibições: «O caso Sogantal» e «Applied Magnetics» no dia 14, «Lúcia e Conceição» e «Atadeiras de Peniche», no dia 15, e «Barronhos» e «Direito à habitação», no dia 16.

Sinatra casou ontem

PALM SPRING (CALIFORNIA), 12 (F.P.) O cantor Frank Sinatra casou domingo à tarde com Barbara Marx, antiga mulher de Zeppo dos «Marx brotjers», em Palm Springs, na Califórnia.

Cento e trinta pessoas foram convidadas para a boda, que se realizou na residência de Walter Annenberg, antigo embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra.

Este é o quarto casamento de Frank Sinatra, que foi sucessivamente o marido de Nancy Barbato, de Ava Gardner e de Mia Farrow.

ÊXITO TOTAL!!!

Com:
ERMELINDA DUARTE
NICHOLSON
ANTÓNIO MONTEZ
HENRIQUE VIANA
MAGDA CARDOSO
MARIA TAVARES
FERN. DE OLIVEIRA

Um grande elenco faz um grande êxito!

Hoje às 20.30 e 22.30 h
(Não acons. a men. 18 a.)
4.ª FEIRA, descanso da Companhia

TEATRO ABERTO
P de ESPANHA (metro PALHAVÃ) telef 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht
não acons.
Todas as noites às 21 e 15
Sábados e domingos às 15 e 30 e 21 e 15
Descanso à 2.ª feira

FÉRIAS NA MADEIRA
1 SEMANA
SÉRIE «A» todos os DOMINGOS
PARTIDAS:
Julho 4, 11, 18 e 25
Agosto 1, 8, 15, 22 e 29
Setembro 5, 12, 19 e 26
SÉRIE «B» todos os 3as FEIRAS
PARTIDAS:
Agosto 3, 10, 17, 24 e 31
SÉRIE «C» todos os SÁBADOS
PARTIDAS:
Julho 16, 23 e 30
Agosto 6, 13, 20 e 27
Preços excepcionais desde * 2.880$
INCLUINDO:
• Viagem em avião a jacto TAP
• Estadia no Hotel
• Transportes em terra
• Visita turística
• Assistência de delegado abreu
*a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO E EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 150 • Telef. 320021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

SÃO LUIZ
EM EXIBIÇÃO
Às 18.30 e 21.30 horas
Lola Montes
um filme de MAX OPHULS
com Martine Carol
Peter Ustinov
Anton Walbrook

Hoje

Evasões Célebres

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Paulo e Virginia.** Série filmada.
19.25 Teledesporto.
19.55 O Povo e a Música. Um programa com a participação do Orfeão da Covilhã. Nos 50 anos de existência na divulgação da música e na elevação cultural da sua região. Realização de Adriano Nazareht.
20.30 Telejornal — **1.ª edição.**
21.05 Os Encantos de Medeia. Uma peça de António José da Silva representada pelo grupo de trabalhadores de teatro da Casa da Comédia. Cenógrafo Moniz Ribeiro. Realização de Herlander Peyroteo.
23.05 Telejornal — 2.ª edição. Que inclui o resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em Bicicleta.
23.30 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **O Sobrinho da América.** Série filmada.
20.25 Das Artes e Ofícios. Bandas de Música.
21.00 Evasões Célebres. A investigação do Inspector Lam.
22.00 Telejornal.
22.30 TV Jazz. O Septeto do Gato Barbieri no Cascais-Jazz-74. Apresentação de Francisco de Almeida.
23.25 Fecho.

Amanhã

I PROGRAMA

19.00 Abertura e Espaço visual: Pintor Manuel Baptista: **19.25:** O Regador Magico; **19.55:** Com todas as letras: Entrevista com a Socióloga Italo-Portuguesa Maria Carrilho; **20.30:** Telejornal — 1.ª edição; **21.05:** Vinho e Pão; **22.10:** Debate: Imprensa Regional, que crise?; **23.05:** Telejornal — 2.ª edição que inclui o resumo filmado da etapa do dia da Volta a França em Bicicleta; **23.25:** Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e «Vickie, o Vicking»; **20.25:** Os Goodies» **21.05:** Exercício sobre João XXI — Um programa da Arca-Filme; **21.50:** Telejornal; **22.25:** Cenas de ópera; **22.45:** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834[illegible]
Avenida S. João de Deus, 1[illegible] - Rua [illegible]

Desporto

Conceição: nome de futuro

Os atletas espanhóis da categoria de «promessas» prometem, realmente, muito mais que os portugueses: em meninas, vieram ao Jamor ganhar bem (71-64) e, em rapazes o êxito foi ainda mais concludente (122-78). Para os que apregoam larga melhoria do atletismo nacional entendemos que será básico olhar para os números: e, depois, notar que continuam campeões de Portugal, com marcas ínfimas e verdadeiramente anacrónicas, dois **mais que veteranos** (José Galvão, com 46 anos; **Péricles Pinto, com 37) que, apesar da idade e** de nenhuma melhoria no estilo, lá continuam a ser os **melhores** em peso e comprimento. O que nos vale, decididamente, são os casos esporádicos (o de Carlos Lopes até deu direito a medalha), os Carvalhos e os Anacletos, os Mamedes e os Anicetos. Depois, a saltarem do fosso, a juntarem-se a Adília, temos duas raparigas de nome idêntico: Conceição Moura (do Santa Clara) e Conceição Alves (do Sporting). A primeira (que vemos aqui, na peugada da romena Elena Tarate) estabeleceu novos «records» nos 800 m (2m 9s) e 400 metros (55,5s). Conceição Alves logrou outros dois máximos: 1 e 73 no salto em altura mais 14,7s nos 100 metros barreiras.

ÁRBITROS SEM PULSO, CASOS A ESMO

Campeonato dado e título negado

Não há dúvida: foi um sábado em que as arbitragens, de futebol como em basquetebol, deixaram muito a desejar. A ponto de provocarem largos incidentes entre o público, protesto formal de um clube nitidamente prejudicado pelos apitadores de turno e, para cúmulo, uma decisão inacreditável que nada vem a beneficiar o Desporto português.

A história começa ao pôr da tarde, em Tomar. No «25 de Abril», duas equipas de futebol em confronto: União de Coimbra e **Portalegrense, esgrimindo** pelo título da 3.ª divisão nacional. Em campo, um trio de juízes (Jaime Loureiro, acolitado por Armando Pacheco e António Glória). Comecemos por dizer como se ordenaram as equipas:

União: Artur, Carlos Ferreira, Belo (José Vítor), Feliz e Silvestre; Seabra, Toninho e Taborda; José Carlos, Damião (Oliveira) e Cândido.

Portalegrense: Trindade; Nelo, Catinana, Vítor e Rodrigues; Sequeira (Gilberto), Humaitá e Zinho; Arnaldo, Orivaldo e Mulatinho.

Segundo se apercebia entre a multidão presente na plateia, o grande favorito de 90 por cento daquela boa gente era o União de Coimbra, a quem poucos «admitiam» o desaire. Só que, nesse bloco de coimbricenses **demasiado optimistas**, não estavam incluídos (logicamente) os jogadores alentejanos que, sabiamente, logo enredaram nas suas malhas a turma contrária, passando a dominar todo o jogo como bem lhes aprouve, ainda que para isso tivessem contado com as tremendas falhas da defensiva do União (especialmente do guarda redes Artur) e sobretudo, de erros arbitrais, a permitirem dois golos em condições de plena ilegalidade.

Aos 32 minutos, verificou-se um «livre» contra o União. Bola a pingar, o guarda-redes Artur (que, até aí, não segurara uma bola em termo de dizer-se «benza-o Deus») lá a conseguiu ter na mão; porém, um empurrão em corrida (por Zinho) escamoteia-lhe o esférico e impele-o hara a baliza. Pareceu (a muito boa gente) que houve carga fora de tempo: Loureiro, bastante pelo contrário, achou que tudo tinha sido correcto. Então, reabentou a primeira «bronca», **com sopapo bravio a varrer** largas zonas da bancada...

O 2-0 (cabeça de Orivaldo, a 60 segundos do intervalo) foi outro falhanço de Artur. A falange adepta, interrogava se sobre se, desta feita teria de barafustar contra o seu fraco guarda redes. e infelizmente, o intervalo não iria serenar os ânimos.

Depois da pausa oficial, os golos demoraram. Catinana, Humaitá, Zinho, Arnaldo, Mulatinho e, muito especialmente, o sensacional Orivaldo, batiam-se como «leões», ganhando a quase maioria de todos os lances.

Os apoios conibricenses estavam em polvorosa: era lá possível que o União, cheio de **nomes batidos,** não fizesse golos a esmo, deitando já por terra as veleidades do quase **anónimo** Portalegrense?

Esquecia-se, o bom do público de Coimbra, que com uma defesa **em linha** hoje já não se joga nem o Minhocas de **Alfama, quanto mais uma turma com aspirações. E, vai daí,** mesmo para cúmulo do sangue a ferver, apareceu o 3.º tento alentejano (por Orivaldo) num fora-de-jogo que nada (por acaso...) tinha a ver com a **defesa perfilhada. Iludido** muitas vezes, anteriormente, Jaime Loureiro legalizou o tento: **e a bancada, e o próprio campo,** parecia o Inferno em dia **de salve-se-quem-puder.**

Quando surgiu o quarto tento do Portalegrense (89 minutos) já não havia jogadores no semi-relvado: andavam por lá, de biqueira em riste, uns bons (maus) rapazes, com o coração ao pé da boca e as mangas bem arregaçadinhas...

Não se conseguiu perceber **como iria acabar, pelas ruas** da cidade, aquele «levé desaguisado» quem teve pernas fugiu, quem teve carro «sprintou». Por exemplo: até à Marinha Grande. Ficava em caminho e tinha um belo aliciante: **o encontro de basquetebol** Sangalhos-Sporting, que (previa-se) ia decidir quem seria campeão nacional da temporada.

Gente por todos os lados, pavilhão esgotadíssimo, muito fumo no ar. Os «cinco» entre verdadeiras trovoadas de aplausos, a darem os primeiros passos no recinto de visão opaca.

Logo os sportinguistas se **atiraram para a frente: num ápice** atingiram o 9-5, deram novo pulo para o 21-14 e, foi preciso sair o timorato Carvalho (substituído por Raul) para o Sangalhos respirar e conseguir, ao intervalo, a igualdade absoluta (a 39 pontos).

À saída das cabinas, prestes aflorou uma muito superior preparação física atlética, por banda dos lisboetas. Em 7 minutos e oito segundos o marcador era concludente: 61-45, para o Sporting, dono senhoril de todas as situações.

Aconteceu, então, golpe de **magia: junto ao «cesto» defendido** pelo Sporting, a bola foi parar às mãos do norte-americano **Bill que, cheio de ganas,** a arremessou de encontro à tabela **verde-branca**. Perante o gáudio (ou o espanto da multidão) a tabelinha (de vidro) estilhaçou-se.

Jogo parado, conciliábulos daqui para acolá e, às tantas, foi encontrada uma saída: ir a Leiria, ao pavilhão da cidade, pedir emprestadas duas tabelas. A toque de caixa, lá largaram os mensageiros: pela Marinha Grande, **tomava-se ar, faziam-se** diferentes e picantes comentários, fumava-se, discutia-se em altos brados ou (serenamente) **ia-se até ao bufete** mais à boca.

Uma hora e 47 minutos decorridos, com muita gente a bocejar, apareceram as tabelas: eram de madeira e, quando se entendia que o jogo seria protamente colocado no **palco,** eis que os sangalhenses, (quem sabe se imaginando uma saída airosa para a desvantagem em que se encontravam) deram em embirrar. **Não, nunca: com essas tabelas não continuamos o joguinho.**

Bem se esfalfaram os munidos pelos livrinhos das regras em tentarem mostrar, à embaixada do Sangalhos, que madeira ou vidro era, na emergência, a mesma coisa: as regras lá estão e dizem isso mesmo. O jogo teria de ser reatado. Mas **os sangalhenses preferiram** largar para casa a prosseguirem: **com tabelas de madeira, nada...**

Os árbitros (Adriano Soares e Orlando Rebelo) entenderam que não tinham outra alternativa: largaram o apito. E, en**quanto a surriada da delegação** sportinguista era ensurdecedora, a caravana do Sangalhos retornava à terra do bom espumoso. Assim, a castanha quente fica nas unhas da Federação: que volta a ter um bico de obra pelas barbas. E, uma única via, embora dupla: considerar abanodono de campo por parte do Sangalhos (com a consequente validação do marcador na altura da recusa) ou indicar novo jogo, para o qual ninguém é capaz de as**segurar a presença dos sportinguistas...**

Para os estatísticos, aqui se recorda que jogou e encestou: Sporting: Quim Neves (6), Rui **Pinheiro (18), Nélson (10), Sobreiro (8), José Carlos (11) e Mário Albuquerque (8). Sangalhos:** Hilário (8), Bill (11), Nélson (10), Carvalho, Eugénio (12) e Raul (4).

Assim, amigos (não) vai o Desporto em Portugal...

TOTOBOLA

Boletim com "13"

Montijo - Beira-Mar	2
U. Tomar - Salgueiros	X
Paredes - A. Viseu	1
Vila Real - Vilanovense	1
Lusitano - Odivelas	2
Alcochetense - U. Leiria	1
I. Bratislava-GUIMARÃES	1
Naestved - BELENENSES	2
B. Ostrava-Eintracht B.	X
A. Salzburgo-Sp. Trnava	2
Ostende - Holbaek	1
Pogon - Oster	2
S. Graz - Row Rybnik	1

"TOUR" O 13 é Martins

Na Volta à França, José Martins é agora 13.º colocado, a 15 minutos e 34 segundos do «leader» (o belga Van Impe). As duas tiradas do fim-de-semana, em montanha, relegaram o nosso corredor para uma posição pouco favorável, até porque a grande luta está já definida: entre Van Impe e Zoetmelk, Delisle e Riccomi, Poulidor e Galdos vai decidir-se o «amarelo» final. Martins, que não contou qualquer pontuação nas últimas quatro contagens de montanha, tem agora um único fito: terminar o «Tour».

PORTUGAL

ANDEBOL

O Belenenses, vencendo o Liceu de Oeiras (10-5) é finalista com a Académica de Coimbra, da «Taça de Portugal» para andebolistas femininas. As turmas que se confrontaram em Lisboa, integraram Guida, Manuela (2 golos), Cristina, Mena, Paky, Elisabete (2), Nanda e São (1), pelo Liceu de Oeiras; Paula Cordeiro (Mila), Ana Maria Dória (3), Dina (5), Paula Vaz, Zé Castilho, Lena, Aldina, (1), Vitória (1), Isabel Robalo, Fernanda e Rosália. Para o torneio masculino, o Almada venceu o F. C. Porto (17-13) enquanto a Académica de S. Mamede derrotava o Desportivo de Portugal (21-16).

BADMINTON

Acaba de ser lançado o 1.º número da revista «Badminton», editada pela Federação da modalidade com coordenação de Adelino Magalhães.

BARREIRENSE

Está nomeada a nova gerência do Barreirense. Os nomes: Assembleia Geral: Fernando Jorge Fagundes, Augusto José Mano, Álvaro Calhau, Domingos Barroso; Direcção: Albino Macedo, Manuel Climaco, Fernando Santos, Fenando Martins, António Martins, Carlos Lourinho, Pedro dos Santos Marques, futebol José Monteiro, Bráulio Costa Garcia, Fernando Faneca e Henrique **Rodrigues José; basquetebol** — Fausto Narciso da Silva e Carlos dos Santos; Conselho Consultivo e de Contas: Manuel Crespo, José Augusto Pinto de Almeida, Fernando António Cruz, João Estêves e João Afonso. Digno de verdadeira saliência a inclusão neste elenco de antigos atletas do clube: os futebolistas José Augusto, Brálio e Faneca, tais como os basquetebolistas Albino Macedo, **Narciso da Silva e Manuel Clímaco, todos a reflectirem** um clubismo dedicado e de sincera entrega ao ideal do símbolo que bem defenderam em recintos de competição.

BASQUETEBOL

A turma feminina de basquetebolistas do CIF venceu, com a maior naturalidade e muito expressivamente, a representação do Benfica, por 80-15, desfecho que fala inludivelmente sobre a marcha do embate. Equipas e marcadoras: **CIF: Margarida** (7); **Isabel** (8); Manuela (5); Teresa (2); Irene (4); Sílvia (12); Marina (21); **Bernardette**; Gabriela (9) e Dulce (12). Benfica: Yong; Felismina; Virgínia (4); Zélia; Manuela (8); Lurdes (1); Ana Barbosa; Teresinha (2). Árbitros: Luís Machado e Francisco Silva.

C.N.I.D.

Os jornalistas do C.N.I.D. anunciaram os nomes distinguidos com o seu prémio anual: João Alves (futebolistas), Carlos Lopes (atleta) e Paulo Frishknecht (natação).

DISCIPLINA

A Federação de Hóquei em Campo louvou o jogador Carlos Antunes (Palmense) por ter evitado uma agressão ao árbitro que dirigiu o encontro Palmense-Benfica. Ao mesmo tempo, suspendeu (até conclusão de inquérito) os jogadores Manuel António Braga Pereira (Ramaldense) e António Manuel Pedroso Alves (Palmense); repreendeu por escrito Vítor Almeida (Atlético), instaurou inquéritos ao Ramaldense e ao Viso; interditou (por três jogos) o recinto do Ramaldense, acrescendo o castigo da multa de 500 escudos; multou em 350 escudos o Palmense e em 60 o Atlético; puniu com 30 dias de suspensão o massagista Carlos Polónia (Viso); suspendeu, por um mês, os jogadores-treinadores Mário Pratas e Alfredo Santos (Atlético); castigou com um jogo de paragem obrigatória José Gervásio (Atlético) e com cinco jogos o atleta José Baptista (Ramaldense). Bem pode dizer-se que foi uma razia: e que o nível disciplinar do hóquei em campo deixa muitíssimo a desejar.

ELEIÇÃO

Na noite de amanhã, na Associação de Andebol de Lisboa, são eleitos os novos corpos gerentes do organismo.

«TAÇA»

«A «Taça de Portugal», em voleibol masculino foi para o Benfica, ao bater o F.C.Porto (3-1). A turma triunfante: Vítor Caroço, Valério Capaz, José Barros, Carlos Figueiredo, Manuel Alfredo, Francisco João, Nuno Barros, Jorge Capela, Mário Rui, Helder Antunes, Pedro Barros e Moita Pereira. Os portistas: José Lima, José Moreira, Mário Rui, Nelson Rocha, José Winck, Chico Costa, Luís Silva, José Lado, Paulo Esteves, Carlos Marques e Artur. Árbitros: Alcides Gama e José Artur.

HALTEROFILIA

«Torneio de Encerramento», para halterofilistas, pelas 16 horas do próximo dia 24, com provas em Coimbra, Alhandra e Évora.

Ainda desta modalidade: a 31, em Espinho, efectua-se

Continua na pág 17

Desporto

Montijo: chutos ao acaso

Tomar: ninguém podia com os pés

FUTEBOL A PEDIR SOMBRA E ÁGUA FRESCA

Chuva de golos em tarde quente

No torneio de competência 1.ª/ 2.ª divisões, uma nota para muitos inesperada: o Beira Mar foi ao terreno do Montijo vencer com o maior merecimento. Dois-zero no marcador: tentos de Laurindo e Manecas. Arbitragem de Nemésio de Castro, muitas discussões, público no campo, uma expulsão, agressões e palavrões. Uma vergonha.

Em Tomar, o União esteve largo tempo a vencer (golo de Camolas) mas teve de sujeitar-se ao empate (obra de Valdir), graças a rectificações operadas no Salgueiros, após o intervalo. Também no «25 de Abril» houve esboço de invasão, pancada na bancada, uma boa direcção de Américo Barradas e actuação valorosa do veterano Camolas.

Após esta jornada, a classificação fica assim: Beira Mar, 5 pontos; Tomar e Salgueiros, 4; Montijo, 3.

Deu mais um passo a competência 2.ª / 3.ª divisões. Desfechos na zona nortenha: Paredes, 4-Académico de Viseu, 1 e Vila Real, 4-Vilanovense,0. Tabela: Vila Real, 8 pontos; Paredes, 4; Vilanovense e Académico de Viseu, 2. Na zona sulista: Lusitano, 0-Odivelas, 3 («sururu» largo) e Alcochetense, 2-Leiria, 0. Classificação: Odivelas e Alcochetense, 5 pontos; Leiria, 4 e Lusitano, 0. Alcochetense e Leiria têm um jogo em atraso.

Como se nota, verificaram-se 18 golos nos seis encontros das duas competências: tentos a mais para a produtividade das equipas ou ânsia nervosa de conseguir fazer revalidar os créditos dos emblemas que pagam a um naipe de quase simulados trabalhadores de profissão mal reconhecida?

Enquanto a classificação na «competência» 1/2 divisões está altamente embrulhada (ainda que o Beira-Mar pareça-aparentemente, mais à vontade) no outro torneio, referente às categorias secundárias, já pode festejar-se a subida do Vila Real ao 2.º escalão e lamentar-se que uma colectividade com os pergaminhos e prestígio futebolístico do Lusitano eborense tombe na 3.ª divisão. Irremediavelmente, pesem embora os jogos que faltam ainda realizar dentro da sua «liguinha». O desaire de ontem foi o fim.

INTERTOTO

Sorte diferente para os dois clubes portugueses envolvidos na «Intertoto»: Belenenses vence, na Dinamarca, os amadores puros do Naestved (1-0 para os portugueses, golo de Vasques) enquanto os vimaranenses tombaram (por 0-4) perante o Inter de Bratislava (na Checoslováquia).

Em Copenhague, apenas duas mil pessoas se deram, ao trabalho de ir espreitar um «team» profissional, em visita: grande fracasso de bilheteira, portanto, Peres Bandeira fez alinhar assim, os seus comandados: Melo; Esmoriz, Quaresma, Freitas (Sambinha) e Cardoso; Pincho, Pietra (Isidro) e Godinho; Vasques, Artur Jorge e Godinho.

Jogo sem outra história que não seja a da boa réplica dos diletantes dinamarqueses que, amiúde, colocaram em embaraços as redes belenenses, onde Melo teve boa actuação. De qualquer modo, prosseguimento da invencibilidade «azul», sem culpa de lhe tocarem pela porta confrontos com «onzes» em a mínima estrutura profissional.

Em Bratislava, descalabro do Vitória de Guimarães, que formou do modo seguinte: Sousa; Ramalho, Torres, Celton e Osvaldinho; Pedroto, Almiro (Ferreira da Costa), Abreu e Pedrinho; Tito (Mário Ventura) e Rui Lopes.

MARITIMO

O Marítimo (do Funchal) depois de ter contratado Norberto (ex-Estoril), Nélson (antigo sportinguista), Arnaldo (que pertencia ao Esperança de Lagos) e Eduardo Luís (que episodicamente voltara ao Benfica), acaba de recrutar o guarda-redes Amaral (21 anos) que estava no Sintrense.

CACÉM

Na noite da próxima 4.ª feira, o Atlético Clube do Cacém actua, no campo «Joaquim Vieira» (Cacém) perante um misto do Benfica, em encontro para angariação de fundos destinados à construção de um pavilhão gimnodesportivo.

LEIXÕES

Joaquim Meirim (ainda no Salgueiros, mas já a dirigir o recrutamento dos leixonenses) deu «sinal verde» para os matosinhenses contratarem Bailão e Guilherme (Barreirense) e o defesa Jacinto (Marinhense).

ACADÉMICO

Juca é o novo treinador do Académico de Coimbra, firmando um compromisso mútuo que estava apalavrado há diversos dias.

Alves e Boavista: apenas oito dias para sofrimento

Uma boa notícia para Alves e para o Boavista: extinguindo-se no próximo dia 15 o prazo que não permitia qualquer alteração na portaria que interditava a transferência de jogadores para o estrangeiro, sem terem cumprido três anos de contrato com o último clube português, o documento vai ser revisto, já a 20 do corrente.

Esse (pelo menos) é o propósito que vai mover uma reunião de elementos do Sindicato dos Jogadores, já (decerto) sabedores que os nomes indigitados para a Secretaria de Estado dos Desportos e, por sequência, para outros cargos *aproximados* (a indicar pelo P.S.) estão plenamente dispostos a conceder toda a liberdade de acção a futebolistas e clubes nas condições de Alves e do Boavista.

Abaixo a disciplina!

Tomar, no sábado, ao fim da tarde: incidentes altamente graves durante o União de Coimbra-Portalegrense. Pancada generalizada: primeiro, cá fora do relvado; depois, mesmo às escâncaras, entre os actores do espectáculo. Vinte e dois minutos de intervalo...

Marinha Grande, sábado à noite: uma arbitragem deplorável e uma incorrecta actuação de responsáveis e jogadores do Sangalhos, a impedir que (dentro do espírito da Lei) se disputasse a final do campeonato nacional de basquetebol. Incapaz de mandar, a força policial assistiu a um vendaval de pugilato. Sem outra força ao dispor, a dupla de arbitragem deu o jogo por acabado e retirou (dificilmente) a penates.

Tomar, domingo à tarde: confusão em torno das quatro linhas, pagode a gozar com a P.S.P., mesmo encostadinho às bandeirolas de canto, sorrindo para o parceiro em ar de mofa. Esboço de invasão, murro e cabeçada pela bancada. O «show» a conseguir chegar ao fim sem baixas para o hospital.

Montijo, ontem à tarde: discussão, «sururu», uma expulsão, tentativa de palmatoada no juiz, invasão das faixas brancas. Uma tristeza pegada.

Évora, ainda no triste domingo, também ao fim da tardinha: cartões vermelhos a sairem e entrarem no bolso, tareia de criar bicho, mais uma proposta de invasão, esboço de guerra campal quase incandescente.

Na verdade, cada vez isto vai melhor. Explorado o pobre jogador com a miragem de um prémio que deveria ser altamente condenado (já que todos nós, nos nossos empregos, somos obrigados a corresponder com o melhor sem qualquer aceno de miragem extra) aí temos que, o público, manejado por pseudo dirigentes de nula formação social ou moral, atiçado por determinados órgãos deformativos que o espicaçam (propondo **morte ou glória** para as suas cores) cai na esparrela. E, para gáudio e gargalhada larga de quantos querem denegrir o futebol e acabar com o meio de trabalho de milhares de pessoas, para satisfação de muitos que sorriem de clemência (ou olho fechado) para o amadorismo que é letra morta em muitas latitudes por aí copiadas sem sentido, aproveita-se mal a liberdade que o Povo ganhou, no esforço e na luta dos seus filhos mais corajosos.

Uma profissão em vias de (rápida) extinção? Talvez, sim, talvez o nosso futebol profissional tenha de acabar: ou ser muito peneirado. Pelo menos de dirigentes que, à sombra das cadeiras que ocupam, enchem cofres com multas feitas de actos contrários à disciplina e ficam, assim, com uns cobres para ir passear aos altos areópagos mundiais e fazer acordos de combate e disciplina...

NEVES DE SOUSA

Formosa escorraçada
Nova Zelândia no baloiço

O Comité Olímpico Internacional cedeu ontem às exigências canadianas e anunciou que recomendaria a exclusão da Formosa das Olimpíadas de 1976. O COI, depois de quase cinco dias de reuniões incessantes, anunciou esta decisão: **para que os jogos possam prosseguir.**

Lawrence S. Ping (chefe da delegação da Formosa) afirmou que **o presidente do COI** («Lord» Killanin) **anunciou que perdemos a batalha. Cedeu completamente a termos impostos pelo governo canadiano. Killanin vai recomendar à sessão do Conselho que não tomemos parte, mas permaneceremos nos Jogos apesar desta derrota de todos os ideais olímpicos** — acrescenta Ping, salientando (todavia) que os atletas da Formosa, não competirão.

O governo canadiano (que reconhece a República Popular da China recusou-se a permitir a entrada de uma equipa sob o nome e bandeira de «República da China», insistindo que este fosse alterado para «Formosa».

Silmuntaneamente um dirigente da delegação olímpica da Nigéria espera que muitas nações africanas seguirão a Tanzânia, no abandono dos Jogos Olímpicos de Montreal, como protesto contra a presença nos mesmos da Nova Zelândia: **todos os países africanos são afectados pela participação neozelandeza e nós estamos a examinar a nossa posição** — disse Lafteef Adegbite, vice-presidente da representação nigeriana. E acrescentou: **É provável que nos retiremos, se a Nova Zelândia insistir em ligações desportivas com a República da África do Sul. Esse país deve submeter-se à opinião internacional e abandonar os Jogos se não os quiser arruinar.** Após a Tanzânia, também, as Maurícias desistiram das Olimpíadas, em protesto contra a actuação da Nova Zelândia. Porém a Nova Zelândia está pronta a defender-se de qualquer tentativa por parte dos países africanos para a expulsar dos Jogos Olímpicos, afirmou um membro neozelandês do Comité Internacional Olímpico (Lance Cross. **Há uma regra olímpica estipulando que, se um país inscrito nos Jogos Olímpicos se retira por motivos políticos, sujeita-se à suspensão imediata por parte do COI** — acrescentou Cross, dando a entender que lembraria a aplicação de tal regra se os africanos se lançarem em qualquer tentativa.

Por sua vez o chefe da delegação neozelandeza (Bill Holley) declarou, que não é possível nenhum compromisso na controvérsia entre o seu país e as nações africanas que discordam da digressão pela República da África do Sul de uma equipa de rugebi da Nova Zelândia. **Em nenhumas circunstâncias sairemos dos Jogos voluntariamente, e eu ficaria muito surpreendido se nos pedissem isso. Não violámos regra alguma do Comité Olímpico Internacional e ninguém nos acusou de tal, por isso as razões alegadas pela Tanzânia para a sua retirada não resistem a um exame imparcial** sublinhou Holley.

PORTUGAL

Continuação da pág. 16

uma prova internacional, com presença de halterofilistas espanhóis e jugoslavos.

HIPISMO

A Sociedade Propaganda de Cascais organiza, de 21 a 24 de Agosto, o «Campeonato de Portugal do cavaleiro de obstáculos» (juvenis e juniores). De 26 a 29 do mesmo mês, promove o 40.º «Concurso de saltos nacional de Cascais».

HOMENAGEM

Esta noite, no Parque da Liberdade (Sintra), é homenageado o hóquista Vítor Santos, que durante a sua carreira conquistou o título de campeão europeu de juniores e de campeão nacional. No programa, com início às 20 e 45, inscrevem-se os jogos de hóquei de Sintra-Juventude Salesiana (infantis) e os confrontos de seniores Sporting-Salesiana e Hóquei de Sintra-Dramático de Cascais.

HÓQUEI PATINADO

Com cinco golos de Chalupa e outro de José Fernandes, o F. C. Porto venceu o Valongo (6-4). As turmas com indicação dos gleadores do Valongo: Porto-Castro, Reis, Prezas, Chalupa, Fernandes, Domingos, Júlio e Carlos Reis; Valongo: Vítor, Aguiar, Vale (1), Camões (1), Lino (2), Armindo e Pires.

INCREMENTO

A Federação de Andebol vai realizar cursos de treinadores, respectivamente em Lisboa (3.º grau, de 10 a 19 de Setembro) e Madeira (4.º grau, de 29 do corrente a 1 de Agosto).

LUTA

O Sporting conquistou o troféu «Dia Olímpico», em luta, batendo as representações do Ateneu Comercial, Atlético de Queluz, Benfica, Armadorense, Linda-a-Velha e Baixa da Banheira. As medalhas desse torneio pertencem ao (júnior Fernando Ardisson (Sporting), ao «esperança» José Silva (Benfica) e ao sénior Luís Grilo (Sporting). Nos vários escalões de juniores, os primeiros lutadores foram Alberto Faria, José de Sousa, Fernando Afonso e Fernando Ardisson. Em «esperanças»: José Faria, Vitorino Gaspar, João Lourenço, António Salgueiro, José Silva e Eduardo Soeiro. Nos seniores: Leonel Duarte, Luís Grilo, Joaquim Vieira, Carlos Melo e António Maia.

Encestadoras do CIF: sob o comando de Vítor Hugo conquistaram (com tremenda facilidade) a Taça de Portugal

Geral

Novo acordo luso-francês sobre emigração

Na sequência da visita a Lisboa, em Dezembro último, do ministro do Trabalho francês, Paul Dijoud, que culminou com uma reunião em Paris de delegações dos dois países, Portugal e a França assinaram agora um novo acordo relativo aos trabalhadores migrantes e destinado a substituir o acordo de 31 de Dezembro de 1963.

O novo acordo, segundo o comunicado conjunto emitido pelas Secretarias de Estado da Emigração portuguesa e francesa, prevê duas importantes inovações no dominio das condições de admissão, de estadia e de emprego em França. Por um lado, no espirito da nova regulamentação francesa, a imigração das famílias obedecerá a trâmites que prevêem a assistência a pessoas desde que partem até que se encontrem inteiramente instaladas. Por outro lado, a situação dos desempregados portugueses será atentamente examinada, nomeadamente no momento da renovação dos titulos de trabalho.

No campo da promoção e formação profissional, o texto prevê estágio de adaptação à vida em França, desenvolve a formação inicial e a preformação, nomeadamente para os jovens e para os trabalhadores em busca de emprego, e anuncia a concretização de iniciativas de reinserção destinadas a todos aqueles que desejem voltar ao seu país.

No dominio sociocultural, o projecto de acordo menciona a hipótese de um conjunto de iniciativas destinadas a melhorar a inserção dos portugueses (informação sobre direitos sociais, mais esforço no que se refere ao alojamento e aos equipamentos colectivos) e a garantir a sua identidade e promoção culturais, cursos de recuperação («rattrapage») e ensino da lingua materna para as crianças portuguesas além de manifestações e espectáculos que respeitem os laços dos portugueses com a sua cultura de origem.

No acordo encontra-se prevista a reciprocidade destes direitos relativamente aos cidadãos franceses estabelecidos em Portugal.

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATÉLITE

BROTHER
MÁQUINAS DE TRICOTAR

uma sensacional criação japonesa. A máquina que tem recursos para a ajudar a ganhar dinheiro. Peça uma demonstração sem compromisso aos representantes:

ELECTRIPORTO
Rua Rodrigues Sampaio, 193
Telefone, 20238 — PORTO
Em Lisboa:
R. dos Anjos, 21-A—Tel. 532251

Consulte o Agente da sua localidade. Se não o encontrar, escreva-nos.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 2 3/4 %	275$	275$	–
Cons. 3 %	–	300$	–
Cons. 3 1/2 %	–	350$	–
Centenários	–	800$	–
Tes. 5 %	–	750$	–
Tes. 10 %	500$	500$	–
Extern. 1.ª - s.	–	450$	510$
Extern. 1.ª - c.	–	450$	–
Extern. 3.ª - s.	–	–	–
Extern. 3.ª - c.	–	475$	475$
Caut. 3.ª - s.	–	–	–
	–	–	140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	–	700$	–
C.M.L. 5 3/4 %	–	740$	700$
C.P. 5 1/2 % — 67	–	–	620$
C.P. 5 1/2 % — 68	–	–	620$
C.P. 5 1/2 % — 69	600$	–	–
Corr. 5 3/4 %	–	–	–
Metr. 5 3/4 %	–	–	–
Tur. 5 3/4 %	–	800$	–
C.P. 6 3/4 %	–	860$	–
	–	800$	–
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	–	–	–
G. 5 % — 59	–	–	–
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	–
G. 6 % — 67	–	700$	–
G. 6 % — 69	–	720$	–
G. 7 %	–	860$	900$
H.E.A.A. 5 %	–	635$	–
H.E.C. 5 %	–	750$	–
H.E.C. 6 %	–	710$	730$
H.E.D. 5 %	550$	–	550$
H.E.D. 6 %	–	700$	–
H.E.N.P. 5 %	–	740$	–
H.E.S.E. 5 %	–	–	–
H.E.S.E. 6 %	–	695$	700$
H.E.Z. 5 % — 57	–	–	600$
H.E.Zèz. 6 %	–	700$	–
N. Elec. 5 %	–	–	–
N. Elec. 6 %	–	640$	–
Termoel. 5 %	–	–	–
U.E.P. 5 % — 60	–	–	–
U.E.P. 5 % — 63	–	700$	–
U.E.P. 6 %	–	690$	–
U.E.P. 7 %	–	750$	–
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	–	690$	–
A.P.T. 5 % — 58	–	690$	–
Lisnave 6 %	–	730$	–
Nitratos — 60	–	600$	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	–	–
Sacor 7 %	–	800$	–
Sacor 5 % — 54	–	–	–
Sacor 5 % — 60	–	–	650$
Sid. 5 % — 2.ª	–	620$	–
Sid. 5 % — 3.ª	–	620$	–
Sid. 5 % — 4.ª	–	620$	–
Socel 5 %	–	–	–
R. Fabril — 67	–	710$	–
R. Fabril — 68	700$	690$	–
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % — 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59-60	–	–	–
Moçambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	–	–
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	–	–	–
F.I.D.E.S.	–	–	–

Criado o I.N.I.C.

Alta Cultura desdobra funções

Foi criado o Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), ao qual competirá realizar estudos e formular propostas para o planeamento da investigação efectuada no âmbito do MEIC, tarefa até agora incumbida ao Instituto de Alta Cultura.

O IAC, que tinha duas funções, a que entra no âmbito do INIC, e além disso promover e fomentar o ensino e a difusão da lingua e cultura portuguesa no estrangeiro, passará a designar-se por Instituto da Cultura Portuguesa (ICP), cabendo-lhe de agora em diante apenas a segunda destas funções.

Estas decisões, dos Ministérios da Administração Interna, das Finanças e da Educação e Investigação Científica, constam de dois decretos (538 e 541) publicados no «Diário da República», I Série, n.º 159.

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Stripteaseuse.
CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 264621/264946.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado na faixa costeira ocidental e pouco nublado nas restantes regiões e o vento era fraco ou moderado de Oeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado excepto nas regiões do Norte e faixa costeira Ocidental onde predomina muito nublado; vento fraco ou moderado de Oeste; períodos de chuviscos ou de chuva fraca nas regiões do litoral a norte do cabo Mondego.

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H.

PORTO	19º
P. DOURADAS	—
COIMBRA	20º
PORTALEGRE	18º
LISBOA	21º
FARO	22º
FUNCHAL	24º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.33	4,0 m	10.02	0,8 m
16.50	4,3 m	22.31	0,7 m
Dia 13			
5.17	4,0 m	10.42	0,9 m
17.32	4,2 m	23.11	0,8 m
Dia 14			
5.58	3,9 m	11.22	1,0 m
18.14	4,1 m	23.51	1,0 m

AMANHÃ
NASCER AS 6.22
OCASO AS 21.02

Dia 19 — Dia 27 — Dia 2 — Dia 10

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

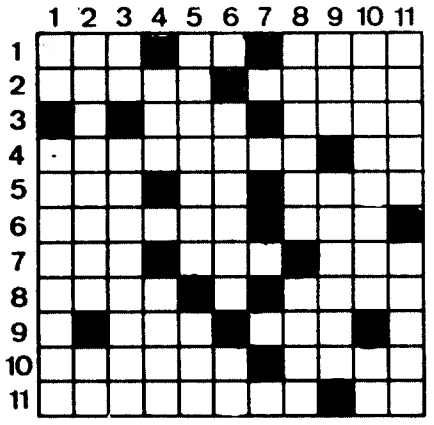
PROBLEMA N.º 11 415

HORIZONTAIS:

1 Recusa. Tempo do verbo haver. Derroto.
2 Freguesia do concelho de Guimarães. Tombara.
3 Nome de mulher.
4 Contradiz. Bismuto (s.q).
5 Cidade dos Países Baixos. Zomba. Grandes.
6 Percebeis. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
7 Reme para trás. Agarrei. Carne da coxa.
8 Burro. Fiadas.
9 Sinal ortográfico. Rio de França.
10 Messes. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar.
11 Lugar onde se guarda ossos (pl). Senhor.

VERTICAIS:

1 Em a. Repouso.
2 Desviais de um lugar. Pertences.
3 O sono das crianças. Cadernos para apontamentos tomados na aula.
4 Preposição. Entontece.
5 Tempo do verbo haver. Pátria.
6 Freguesia do concelho de Vieira do Minho. Nota musical.
8 Chuvada. Tramas.
9 Escudeiro. Cidade dos Estados Unidos da América.
10 Lida. Reis.
11 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Primeira parte do nome de uma cidade da Inglaterra.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

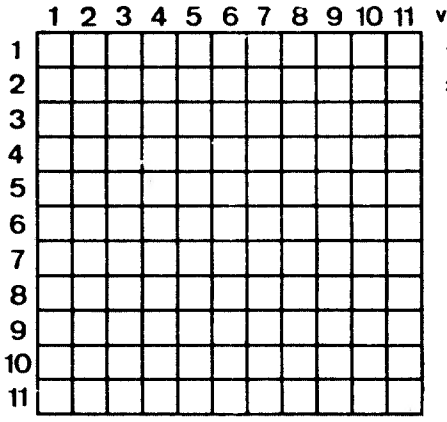
PROBLEMA N.º 7575

HORIZONTAIS:

1 Ala ou flanco. Vila e sede de concelho Vila Real.
2 Cruel. Inflamarem.
3 Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Apoio.
4 Invulgares. Preposição e artigo.
5 Época. Rio da Alemanha. Bário (s.q).
6 Rio da Suiça. Forma apocopada e proclítica de vale. Igual.
7 Prefixo de negação. Uma das ilhas de Sunda. Zombar.
8 Autores. Além.
9 Deslizam. Nome de frutos.
10 Abranger. Arara.
11 Habitante de Samoa. Oceano.

VERTICAIS:

1 Atraí com afagos. Cabelos brancos.
2 Limparam metais. Vaso para vinho.
3 Ornear. Lavram.
4 O sono das crianças. Argila.
5 Apelido. Dança dos Samoanos. Romancista português autor de «Os Maias».
6 Fruto da ateira. Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
7 Felicidade. Combina. Letra grega.
8 Cortar rente. Cobre (S.q).
9 Cidade da Argélia.
10 Ente. Dançara.
11 Patrão. Aplanar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 414

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 O. DIABO. Cal.	1 MUITO. Com.
2 Calha. SABE.	2 Circuito.
3 Mimo. Rias.	3 Damão. Sarar.
4 Ura. Abala.	4 Ilo. Cri.
5 Iço. Oc. Irão.	5 Ah. PORQUE. É.
6 Tu. Grasna.	6 Bar. Ca. Rito.
7 Ois. Ea. Vã.	7 Ia. Seu.
8 Tacuru. Tem.	8 Sabina. Cal.
9 Correi. Calu.	9 Casara. Tala.
10 Aí. Tralha.	10 Ab. La. VELHO.
11 Mar. Eo. Laos.	11 Lesão. Amuas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7574

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Loulé. Lesma.	1 Lasca. Coado.
2 Aprel Luar.	2 Opiar. Erros.
3 Sio. Fia. Ara.	3 Uro. Martela.
4 Ca. Casca. Am.	4 Le. Carro. Ac.
5 Armar. Omite.	5 Farra. Ura.
6 Arredar.	6 Lis. An.
7 Cerra. Erram.	7 Acode. Erg.
8 Ori... Aaro.	8 El. Amara. Er.
9 Are. Une. Dar.	9 Sua. Irradia.
10 Dolar. Reima.	10 Marat. Aramo.
11 Osaca. Grãos.	11 Arame. Moras.

PROVERBIO: O DIABO SABE MUITO PORQUE É VELHO

farmácias de serviço

■ LISBOA

ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (Telef. 41269).
ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9 D/E (Telef. 711780).
AVENIDA DA LIBERDADE
Galénica, Rua das Pretas, 12/14 (Telef. 322588).
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 288-A (à Feira Popular e Avenida 28 de Maio, (Telef. 763016); **Cardeira,** Avenida Duqye d'Ávila, 32-C (esquina da Avenida da República) (Telef. 43495).
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Avenida Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Telef. 790969).
BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Telef. 638193).
zbenfica
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (Telef. 782606w0.
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (Telef. 687475).
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131-133 (Telef. 68660).
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada do Marquês de Abrantes, 36-A (Telef. 664238).
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237).
RATO
Soares, Avenida Alvares Cabral, 1 (Telef. 684282).

TURNO A-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Bairrão, Rua Prior do Crato, 25 (Telef. 661321).
ALVALADE
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (Telef. 725443); **Rio de Janeiro,** Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América) (Telef. 721409).
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 36/42 (Telef. 41961/54672).
BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94/96 (Telef. 321534).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Telef. 311216).
BAIXA
Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 26 (Telef. 326575w0
CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Telf. 683438).
CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-E (Telef. 663643).
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (Telf. 44438).

SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Telef. 862333).
XABREGAS
? **Conceição,** Calçada de D. Gastão, 30/32 (Telef. 381279).
zlapa
Neves, Rua da Bela Vista, à Lapa, 37 (Telef. 661251).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (telef. 791131).
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telef. 720703-88355).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes Av. Comb. G. Guerra, 166 (T. 2112953)
CARCAVELOS
Central Toda a noite
S. DOMINGOS DE RENA
Godinho da Silveira Av. Saboia, 29-B (T. 260085) Até às 22 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034) Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal Até às 22 horas
OEIRAS
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090) Toda anoite
PAREDE
Grincho Av. da República, 87 (T. 2471204) Toda anoite
MURTAL
Primavera R. das Parreiras, 2 (T. 2472278) Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
LOpes R. Hangar, 3 (T. 260008) Toda a noite
CASCAIS
A. Vosta R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214) Até às 22 horas
Cordeiro Av. Comb. G. Guerra, 40 (T. 280170) Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P. D. João I, 9-B (T. 932756)
Central Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210)
Igreja P. da Igreja, 22-A (T. 937740)
Jardim Av. Conde de Oeiras, 120-Reboleira (T. 938424)
DAMAIA
D. João V Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461)
QUELUZ
Gil Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117)
CACÉM
Central R. Elias Gracia, 55 (T. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Estefânia (T. 2930832)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
ALHOS VEDROS
GUsmão R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)
ALMADA
Magalhães R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est. Nacional, 178-B (T. 2040302)
BARREIRO
Mascarenhas Neto R. Almeida Garrett (T. 2076454)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso P. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254)
MOITA
União Moitense Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025)
MONTIJO
Giraldes R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008)
SESIMBRA
Leão Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471)
SETÚBAL
Oliveira L. da Misericórdia (T. 22488)
Louro R. Frei António Chagas, 24-A (T. 24491)
SEIXAL
Soromenho R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

■ PORTO

TURNO 30

ATÉ AS 22 HORAS

Costa Cabral. R.d Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura.** R.de Tânger, 1463; **Barros.** R.do Bonjardim, 1292; **Fátima.** R.de Oliveira Monteiro, 475; **Garantia.** R.Fernandes Tomás, 696; **Sá,** R.Vale Formoso, 181; **Sarabando.** L.dos Lóios, 36

TODA A NOITE

Batalha. P.d Batalha, 26; **Campo.** P.da República, 118; **Invicta.** R.do Bonfim, 330; **Mira Paulo.** R.de Castelo de Numão, 37

■ COIMBRA

Baptista, Praça da República, 9 (Telef. 23747; **Estádio,** Rua do Brasil, 348 (Telef. 24410; **Miranda,** Praça do Comércio, 41 (Telef. 23261).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
Às 20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Grande Cegada»
ABC
21.30 (6 anos)
«A Vida é boa»
LAURA ALVES
21.15 (18 anos)
«Vamos trocar de mulheres»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle negra»
EUROPA
21.30 e 24 (18 anos)
«Uma tese escandalosa»
CINEBOLSO
21.30 e 24 (18 anos)
«Relacões escaldantes»
SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«John Sem Lei»
JARDIM
21.30 (18 anos)
«O ABC do Amor»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Viver a Noite»
SALÃO IDEAL
21.30 (18 anos)
Ataque ao Dagrão Negro»
ARCO IRIS
21.15 (10 anos)
«O Monge»
S. LUIS
21.30 (18 anos)
«Lola Montes»
ENCARNAÇÃO
21 (18 anos)
«Yuppi Du»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«O Triturador»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Garotas em Uniforme»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Funny Lady-uma mulher endiabrada»

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Loucura sexual»

LINHA DE SINTRA

DAMAIS
D. João V
21.15 (18 anos)
«La Bambina - uma nova forma de amor»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Los Amigos»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (13 anos)
«Bobby»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«A Rival»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«O Homem de Hong-Kong»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«A Malicia de Vénus»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 [illegible]
«Chove em Santiago»

JÚLIO DINIZ
21.15 (18 anos)
«Aventuras eróticas dos 3 Mosqueteiros»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Malicia de Vébus»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Amor entre Menores»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Por uma mão cheia de Diamantes»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«José do Telhado»

S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«Quo Vadis»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Emanuelle Negra»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Emanuelle AntiVirgem»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Minha mãe, minha Amante»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os Jovens Leões»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Quando o amor é sensualidade»

BATALHA-BEBÉ
22.00 (13 anos)
«Benilde ou a Virgem Mãe»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Mete o teu diabo no meu inferno»

S. TEOTONIO
21.15 (18 anos)
«O Fantasma da Liberdade»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Um Verão em Oinava»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Clube Privado»

●cinemas●

CASTIL
T. 530194 17.00, 19.00 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Sylvia Kristel a
2.ª
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
um filme de Francis Giacobetti
Aviso ao publico: este filme contém cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO
T. 555134/5 17.00, 19.00 e 21.15
XIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Cinema no Feminino
HOJE:
DESEJO DE VERÃO, SONHO DE INVERNO
Realiz. de Gilberto Cortes
Não acons. menores 18 anos

POLITEAMA
T. 326305 13.45, 17.15, 19.15, 21.30
Uma comédia em bikini
Não acons. men. 18 anos
MALANDRICES AO SOI
c/ Lândro Buzanca

VOX
14.15 16.30. 19.00. 21.15 e 24 h
Não acons. men. 13 anos
Um espectáculo para toda a família
O ASSALTO DOS DOBERMANS

CARLOS MANUEL SINTRA
Tel 2930394 21.15
Não acons. menores 18 anos
O HOMEM DE HONG KONG
Jimmy Wang Yu, George Lazenby

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 21.15
LA BAMBINA — UMA NOVA FORMA DE AMOR...

— S. LUIS
LOLA MONTES
de Max Phüls
Não acons. menores 18 anos
Após a sessão das 21.30, haverá colóquio orientado pelo Dr. Eduardo Prado Coelho

PALACIO FOZ
15.00, 18.00, 21.00
Não acons. menores 13 anos
Ciclo dinematográfico EROTISMOS primeira série
A SALAMANDRA «La Salamandre»
Realização: Alain Tanner (Suiça, 1971) Intérpretes: Bulle Ogier e Jean-Luc Bideau
Um cineasta suiço desmistifica a noção de conforto e de respeitabilidade da sociedade de consumo

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 18.00, 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
QUO VADIS
com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn. Um filme de Melvin LeRoy
Nao aconselhável a menores de 13 anos
6.ª Semana

EDEN
T. 320768 13.45, 17.15, 19.15, 21.30
Troia vista na mais absoluta intimidade
ELENA SIM, MAS...DE TROIA
com Christa Linder, Don Backy, Peter Landers
Não acons. a men. de 18 anos

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
3.ª semana enchentes
se todas as mulheres fossem como
A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA
Tinha saido a «sorte grande» a todos os homens

APOLO 70
T. 763319 13.45, 17.15, 19.15, 21.15
Para todos
5.ª Semana
Festival Apolo 70
Jerry Lowis é «O Heroi do Regimento»
ÀS 24.00 Grupo D (18 anos)
ONDE ESTAVAS TU QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?

CASINO ESTORIL
T. 264521 18.15 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
FANNY LADY
uma mulher endiabrada

S. JORGE
T. 554153/4 17.30, 19.30, 21.30
Não acons. menores 18 anos)
Um assalto espectacular!
POLÍCIAS E LADRÕES
(Cops and Robbers)
As 17.30, 19.30 Ultimas
O MONSTRO DO PANTANO

AVIS
T. 47163 17. 19. 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE
com Terence Hill, Bud Spencer

ESTÚDIO
T. 555134 17.00, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 [illegible]
INSÓLITO DESTINO
Um filme de Lina Wertmuller
4.ª semana

ESTÚDIO 444
T. 779095 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
MENINAS BEM
3.ª semana

MUNDIAL
T. 538743 17, 19.15. 21.30
Não acons. men. 18 anos
SEX SYMBOL
c/ Connie Stevens, Sheceey Winters

ROMA
T. 727778 17.00. 19.00 e 21.15
Int. men. 18 anos
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
c/ Silvia Kristel
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

RESTELO
T. 610375 15.00, 21.00
Não acons. a men. 13 anos
O LEÃO E O VENTO

UNIVERSAL
Tel. 774402 21 h.
14.30, 20.30 [illegible]
A QUIMERA DO OURO
17, 22 [illegible]
OS TEMPOS MODERNOS
Sábado (10) [illegible] todos)
LUZES [illegible]

CO[illegible]
T. 322523 13.4[illegible] [illegible]5, 21.30
Nao acons [illegible] os
SOLDA[illegible]
um aconteci[illegible] [illegible]te serie
c/ [illegible] Berg [illegible] Strauss

[illegible]
T. 776008 13.45 [illegible] 15, 21.15
Para [illegible]
Os grandes sarilhos [illegible] um policia em Saint [illegible]
O GENDARME EM FÉRIAS
[illegible] semana
C/ Louis de Funes

LONDRES
T. 801313 13.45, 17.15 19.15, 21.30
Não acons. men. 13 anos
PATO COM LARANJA
c/ Mo[illegible]
Ugo Tognazzi
Hoje às 24 h (18 anos)
A NOITE DOS MIL OLHOS

ROXY
T. 48560 13.45, 17.15, 19.15, 21.30
Não acons. men. 13 anos
TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE
c/ Terence Hill, Bud Spencer

TIVOLI
T. 570595 17.15, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
Uma história imortal!
Um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
5.ª semana
Com Clark Gable, Vivien Leigh

ALVALADE
T. 897480 17.15, 19.15, 21.30
PARA TODOS
AS MOTOS DO INFERNO
c/ Bruce Brown
Steve McQueen — turbilhão da poeira dos loucos da aventura

PATHÉ
T. 821933 13.30, 17.15, 19.15, 21.15
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
2.ª semana
com Sylvia Kristel
Interdito a men. de 18 anos
Este filme contem cenas eventualmente chocantes
Hoje às 24 h
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

NIMAS
T. 574313
Não acons. menores 18 anos
O Chile de Allende e Pinochet
CHOVE EM SANTIAGO
2.ª Semana

rádio

1.º Programa

15.00 — Noticiário; Música na tarde. **18.00** — Música portuguesa. **19.00** — Música variada. **20.00** — «Jornal da noite». **20.30** — Instrumentistas. **21.00** — Contraponto. **00.00** — «Último jornal» — as olimpíadas atravéz dos tempos. **00.30** — Jazz. **01.00** — «Música na noite».

2.º Programa

16.00 — A ópera «O URSO», de William Walton, de Anton Tchekov. **16.50** — Solos de viola dedilhada por Narciso Yepes: — Obras de Fernando Sor, Luis Milan e Gaspar Sanz. **17.05** — Música de bailado: — «Gayaneh», de Aram Khachaturian. **17.55** — Música de câmara: — Sonata em trio em lá maior, op. 5 n.º 1, de Georg Friedrich Handel — Quinteto em dó maior, op. 163, de Franz Schubert. **19.00** — Canções de Edvard Grieg pelo soprano norueguês Kirsten Flagstad. **19.25** — Suite para orquestra «Grand Canyon», de Ferde Grofé. **20.00** — Suite em dó maior para cravo, de Louis Couperin. **20.20** — Sinfonia concertante, de Joseph Jongen. **21.00** — O [illegible] e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas. **22.00** — Música sinfónica: — Concerto em fá maior para piano e orquestra, de Joseph Haydn. **23.00** — Intercâmbio [illegible]sical: — Música sueca — em gravações cedidas pela Radio Sueca. **23.25** — Solos de piano: — Scherzo n.º1, de Chopin — Children's Corner, de Debussy. **23.55** — A orquestra sinfónica da Radiodifusão Portuguesa, interpreta canções das criança motas, de Mahler. **00.20** — O CRAVISTA Gustav Leonhardt em obras de Bach. **01.00** — Fecho.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65#531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Partido moderado venceu em Macau

. Um partido moderado recebeu quase metade dos votos e ficou com quatro dos seis lugares elegíveis da Assembleia Legislativa de Macau.

As eleições em Macau destinaram-se à escolha de seis dos 17 deputados da Assembleia local devendo outros seis ser nomeados pelos grupos económicos, culturais da assistência e religiosos, e os restantes cinco nomeados pelo coronel Garcia Leandro, governador daquele território.

Os outros deputados eleitos pertencem a um partido de funcionários públicos e outro a um partido de linha marxista.

O coronel Garcia Leandro, irá agora nomear os representantes que lhe cabe escolher devendo a Assembleia Legislativa de Macau reunir no próximo mês de Outubro.

Dos 3.720 eleitores inscritos votaram 2.846 para a escolha dos seis deputados.

Tropas sul-africanas destruíram três aldeias em Angola

..LUANDA, 12 — (F. P.) — Forças armadas sul-africanas penetraram no território angolano, declarou em Luanda o presidente Agostinho Neto, comandante-chefe das Forças Armadas angolanas.

O presidente angolano disse que há «dois ou três dias» forças sul-africanas atravessaram a fronteira austral com a Namíbia, «onde a nossa organização militar teve novamente de enfrentar as tropas sul-africanas».

Foi ferido um cidadão angolano e queimadas três aldeias, pelas forças sul-africanas, precisou Agostinho Neto, acrescentando: «Quase todos os dias temos que nos defender contra os nossos inimigos. Muito concretamente, as nossas fronteiras do Norte e do Sul foram violadas. Há inimigos que tentam penetrar no nosso país.»

. A nova agressão sul-africana, denunciada pelo presidente angolano, é a primeira a ser especificamente citada desde a retirada formal do território angolano das tropas regulares sul-africanas em 27 de Março, embora tenham sido feitas, desde então, várias referências a violações da fronteira tanto pelo presidente como pelo seu ministro da Defesa, comandante Iko Carreira.

A acção sul-africana ocorre alguns dias após a publicação em Luanda de um comunicado de guerra, pelo movimento namíbio de libertação «SWAPO» (South West Africa Peoples Organization), onde se anunciava a destruição, por guerrilheiros namíbios da SWAPO, de um acampamento «sul-africano/UNITA» em Omboloka, na Namíbia.

Nesse mesmo comunicado a SWAPO denunciava o apoio financeiro fornecido pelas forças sul-africanas na Namíbia a certos «bandidos militares da UNITA».

Mercenários foram fuzilados no sábado à tarde

LUANDA, 12 — (R./U. P. I./ /ANOP) — Angola executou no sábado à tarde, quatro mercenários brancos perante um pelotão de fuzilamento, apesar de pedidos de clemência internacionais.

A agência noticiosa angolana declarou que Costa Georgiou, de 25 anos, um antigo pára-quedista britânico natural de Chipre conhecido por «coronel Callan» e os seus colegas britânicos Andrew McKenzie de 23 anos, e John Derek Barker, de 35 anos, e o americano Daniel Gearhart, de 34, foram mortos à tarde por um pelotão da Polícia Militar.

Segundo as últimas informações, os mercenários foram executados às 17 TMG. Os seus corpos serão frigorificados durante oito dias.

Entretanto, a Emissora de Angola não transmitiu a notícia das execuções, mesmo depois de a ANGOP ter emitido o seu despacho para os meios de difusão internacionais.

A informação sobre as execuções foi restringida a nível ministerial até que as mesmas tiveram lugar revelaram funcionários angolanos.

O «Foreign Officeç2 encarregou ontem Hugh Byatt, o diplomata britânico que acompanhou, como observador o julgamento dos mercenários em Luanda, de se ocupar do repatriamento dos corpos dos três britânicos executados no sábado em Luanda.

As famílias dos três homens derama saber que não estavam em condições de poderem pagar o repatriamento dos corpos.

Duas reacções

Entre as reacções a favor e contra os fuzilamentos de quatro mercenários em Angola, há uma certa curiosidade em citar duas delas, as da Inglaterra e dos Estados Unidos, pelos significados que encerram.

Assim, em Inglaterra, país onde foi recrutada a maior parte destes profissionais da morte, sem que o Governo britânico tenha feito qualquer coisa para o impedir, o primeiro-ministro Callaghan exprimiu a sua consternação em face dum acto para o qual, «o Governo de Sua Majestade não pôde encontrar nenhuma justificação». Antes do fu zilamento e após falar em «repugnância para com o mercenarismo», James Callaghan declarara que «as autoridades britânicas não aceitavam o facto de que ser mercenários fosse um crime em direito internacional».

Evidentemente que o povo angolano, que lutou e ainda luta pela sua libertação e um futuro em paz, talvez tenha já encontrado as «justificações» para os fuzilamentos e talvez não possa aceitar outra coisa que não seja a qualificação como crime grave e passivel de pena de morte isto de ser pago a 70 contos por mês para matar em país estrangeiro ao serviço dos patrões capitalistas.

Em Wshington, o caso é diferente e mais grave. Por isso os dirigentes norte-americanos rilharam os dentes de raiva mas também de impotência. Segundo um correspondente da F. P. a execução do americano Daniel Gearhart foi sentida como «rude afronta, tanto mais que emanou de um Governo que recentemente se deu ao luxo de humilhar a América».

Ainda segundo o correspondente, os americanos pareciam dispostos a esquecer o passado. Não obstante, num passado recente, vetaram a entrada da R. P. A. na O. N. U. e municiaram tudo o que era hostil ao M. P. L. A.

«A execução de Gearhart é o mesmo que esfregar sal nas feridas ainda abertas, como mostram as reacções escandalizadas de Ford e Kissinger», escreve François Chatel, da France Press.

Os responsáveis americanos haviam, antes, ameaçado que as execuções «teriam consequências nefastas para as relações americano-angolanas» e atrasariam o processo de normalização entre os dois países.

No fundo, o que afirmou o mercenário argentino Grillo, possuidor de passaporte norte-americano, está à vista: é natural a reacção azeda do ventre podre do capitalismo de onde saíram estes exemplares da espécie humana. É que, algures no mundo, numa zona vital da África, há um povo que não se amedronta e diz não a todas as tentativas de esmagamento imperialista. Daí a raiva e o ranger de dentes de Kissinger e Cia.

D. R.

Incêndio junto à base da N.A.T.O.

Continuação da pág. 1

do-lhe, por conta, 100$00. A verdade é que na altura da sua detenção não lhe foi encontrada aquela importância.

Existem, ainda, outras contradições no seu depoimento, tudo levando a crer estar-se perante um pirómano, um provocador, ou como também se afirma, um drogado. A verdade é que Manuel da Silva confessou-se também como autor dos crimes de fogo posto ocorridos no Verão passado, na serra da Agrela e nas matas de Valongo recebendo, igualmente, importâncias da mesma proveniência. Desta vez, o seu objectivo, segundo disse seria «destruir a base de Maceda».

As autoridades militares da base aérea recusam-se a pronunciar-se sobre o caso que está a ser objectivo de investigação por parte da Polícia Judiciária Militar e, também, da Polícia Judiciária.

O caso, que jornais de direita parecem querer de imediato aproveitar, como pretexto para mais uma campanha anticomunista, foi narrado por «O Comércio do Porto» em termos de considerar o P. C. P. como responsável pelo fogo posto. O centro de trabalho deste partido na Areosa, em comunicado sobre o caso sublinha que o Manuel da Silva «não é nem nunca foi militante do P. C. P.» e acusa o matutino do Porto de mentir sobre o caso. Sublinha ainda que «onde se encontram os terroristas, os incendiários e os traficantes de armas não é naquele partido mas, isso sim, no meio da mais negra reacção portuguesa como aliás vários casos exemplares o demonstram».

Avioneta caiu

. PORTO, 12 — Ao descolar do aeródromo de Chaves, uma velha avioneta, que se dirigia para Mirandela, caiu a pique sobre um vinhedo sem que se saiba, até agora, o que provocou o acidente. O piloto, Paulo Ilídio Pires, de 38 anos, hoteleiro, e o passageiro, João Pedro Martins Sortes, de 39 anos, industrial, que se tinham deslocado a Chaves para participar num concurso de tiro aos pratos e que regressavam a Mirandela, foram transportados ao hospital de S. João, do Porto, depois de receberem tratamento no hospital de Chaves. Esta manhã, os dois feridos, agora internados na Casa de Saúde da Avenida, registavam sensíveis melhoras.

Jimmy Carter

Continuação da pág. 1

de Nova Jersey, que se tornou o herói do escândalo Watergate ao presidir à comissão judiciária da Câmara dos Representantes durante as audiências sobre a impugnação do presidente Richard Nixon.

Os quatro restantes que Carter já entrevistou são os senadores Edmund Muskie, do Maine, ex-candidato vice-presidencial, John Glenn, de Ohio, antigo astronauta, Walter Mondale, do Minnesota, um liberal firme, e Henry Jackson, do Estado de Washington, um «falcão» em questões de política externa.

Carter disse que pensava ainda em todos os sete candidatos.

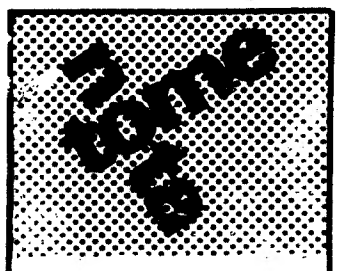
A observação indica que eliminou um candidato negro ou do sexo feminino, como sua opção, embora se recusasse durante a campanha a excluir qualquer das possibilidades.

Uma coligação de democratas liberais anunciou que nomearia o congressista negro Ronald Dellmus, da Califórnia, como seu candidato. Contudo, como não tem o apoio de Carter, não dispõe praticamente de qualquer hipótese de o conseguir.

Uma força de 1500 polícias estará de serviço quando os delegados, com um vasto sortido de coletes e bonés vermelhos, brancos e azuis, entrarem na sala da convenção no Madison Square Garden hoje, à noite, para o começo do comício de quatro dias.

Antes da cerimónia inaugural, todas as portas serão seladas enquanto a Polícia, com cães treinados para farejar explosivos, efectua uma busca ao vasto complexo.

O presidente do partido, Robert Strauss, baterá com um martelo gigante para impor a ordem aos delegados reunidos, quando sob as luzes voltaicas montadas para a Televisão.



LOCALIZAÇÃO

Diálogo, esta manhã (7 e 48) aos micros da Radiodifusão:

. «Podes dar a temperatura?»

. «Claro: são 15 graus neste momento.»

. «Tens o termómetro nas costas...»

. «Olha como conheces bem o local!»

. Sem qualquer comentário.

PROMOÇÃO

Outra (mais uma) da Radiodifusão. Noticiário das 9 horas de hoje. Falava-se de politica nacional e, às tantas, disse o locutor:

. «... e já se anuncia, no Brasil, o regresso a Portugal, neste mês, do **general** António de Spínola.»

PROGRESSISMO E FASCISMO...

Segundo «O Dia», um grupo de alunos do Liceu Passos Manuel publica úma folha denominada «A Voz da Democracia», onde se escreve por exemplo: «Este jornal é um jornal progressista. Como tal, os seus artigos deverão combater o fascismo cunhalista, integrados numa perspectiva de visão progressista».

OS AMIGOS DA CHINA

Um grupo de sócios da Associação Democrática Portugal-China partiu hoje para Pequim, tendo como objectivo «estreitar os laços de amizade e compreensão entre os povos de Portugal e da China».

O grupo é constituído pelo dr. Carlos Ricardo, 1.º secretário daquela Associação; dr. Alfredo de Sousa, economista, militante do P.P.D.; Álvaro Guerra, escritor e jornalista, militante do P.S.; tenente-coronel Geraldo José Estevães, da Força Aérea; tenente-coronel Hugo dos Santos, do Exército; Maria do Céu Ricardo, actriz de teatro; Pedro Roseta, deputado do P.P.D.; e dr. Pedro Vasconcelos, director-geral da Associação Industrial Portuguesa e recentemente eleito presidente do Conselho Nacional do C. D. S.

Não se põe em dúvida o mérito destas personalidades para levarem a bom termo tão urgente, oportuna e patriótica missão, mas, como estamos em tempo de austeridade e limitados a 7 contos para sair para o estrangeiro, preocupa-nos a perspectiva de os viajantes não chegarem até Pequim. É que, ao preço a que as coisas estão, bastam uns cafezitos e uns refrescos nos bares dos aeroportos e lá se vão os sete contos.

A menos que sejam os chineses a convidar (a viagem custa 44.170 escudos), mas neste caso aumentam as preocupações: e se eles se encontram por lá com o Pinochet, que também já foi uma vez convidado para visitar a China?